

ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

Susana Pereira Rego

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

DOS LUGARES DA CIDADE À CIDADE COMO LUGAR

Orientador:

Professor Doutor Bernardo Miranda, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Tutor:

Professor Doutor Pedro Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2016

ÍNDICE GERAL

10 Trabalho de Grupo: Acupuntura Urbana

78 Trabalho Individual: Dos Lugares da Cidade à Cidade como Lugar

TRABALHO DE GRUPO:

ACUPUNTURA URBANA

ÍNDICE

| | |
|----|---|
| 10 | 0. Introdução |
| 12 | 1. Sines: Cidade como Arquipélago |
| 14 | a. O Lugar: Evolução Morfológica |
| 18 | b. As Pessoas: Evolução Demográfica e Social |
| 26 | c. O Momento: Passado vs Presente . Futuro? |
| 28 | 2. Crise: a Insuficiência dos Instrumentos de Planeamento e o “Direito à Cidade” |
| 30 | a. A Cidade Planeada |
| 34 | b. A Cidade depois dos Planos |
| 40 | 3. Agir agora: Arquitectura como Acupuntura Urbana |
| 42 | a. Os Vazios como Oportunidade |
| 48 | c. O Espaço Público e as suas Ligações |
| 54 | 4. Realismo Poético: o Processo de uma Proposta com Metodologia Extensível |
| 56 | a. Participação como Processo |
| 62 | b. Uma Proposta em Diferentes Escalas e Programas |
| 64 | 5. Bibliografia |

“Porque estamos hoje confrontados com um território imenso, urbano e cultural, que nos põe o problema do seu desbravamento. Estamos a pagar caro por um passado de anti-intelectualismo, porque a conquista do território de que devemos tornar-nos hoje pioneiros, exige mais reflexão do que força física. Precisamos, ao mesmo tempo, de ideias e de paixão, coisas que descobriremos mais entre os seres humanos do que no mundo dos objectos, mais através das estruturas do que dos conteúdos, mais na profundidade dos contactos humanos do que no desprendimento e na separação”

HALL, Edward (1986)

0. INTRODUÇÃO

a. Tema e Objetivos

O presente trabalho foi realizado no âmbito da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura (PFA) do Mestrado Integrado em Arquitetura, no ano letivo de 2015-2016, do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa. Esta unidade curricular foi desenvolvida no âmbito do 'Concurso Prémio Universidades' da 4ª Edição da Trienal de Arquitetura Millennium BCP 2016. Este desafio lançado às escolas de arquitetura, a nível nacional, refere-se ao tema "Sines: Núcleo Urbano, Industria e Estrutura Portuária". Tendo o território de Sines como ponto de partida, os curadores propõem um exercício que poderá ser visto "na fronteira entre transformação poética e experiência política". O exercício visa integrar o "aproveitamento de recursos existentes, o potencial programático do lugar, as relações e contextos que superam a escala do próprio território e tempo, demonstrando a capacidade transformadora da arquitetura"¹. De acordo com o enunciado da vertente projetual da unidade curricular de PFA (anexo c), o objetivo principal é desenvolver tanto projeto urbano como projeto de arquitetura, com especial foco na relação entre a cidade de Sines e a sua envolvente industrial e paisagística. Considerando estes objetivos, e com a consciência de um território dominado pelo crescimento industrial, o grupo propôs-se a trabalhar sobretudo sobre os assuntos sociais a fim de ensaiar uma estratégia que possibilitasse a regeneração e inclusão urbana e social.

¹ Em "Concurso Universidades. Trienal de Arquitetura Millennium BSP 2016". Disponível em:

<<http://www.trienaldelisboa.com/theformofform/programa/universidades/>>

b. Metodologia

Na primeira fase do trabalho, "Sines: cidade como arquipélago", procedeu-se a i) uma análise territorial através da evolução morfológica e observação in situ; ii) análise demográfica e social, explorando dinâmicas dos acontecimentos históricos e recenseamentos demográficos. Na seguinte fase, "Crise: a insuficiência dos instrumentos de planeamento e o 'direito à cidade'", foi realizada i) uma análise da cidade de Sines atual, através de levantamentos; ii) uma análise dos planos de pormenor previstos para a cidade. Consequentemente, pareceu pertinente realizar um levantamento dos vazios urbanos, documentado detalhadamente num catálogo à parte. Na terceira fase, são admitidos os vazios urbanos como oportunidades de transformação do território levando a i) um levantamento de vias, aliada a uma proposta hierárquica e detalhada num segundo catálogo de grupo; e ii) um levantamento dos espaços naturais. Desta forma permite-se estabelecer uma estratégia, complementar às existentes, que consiste numa rede de sistemas onde se procura potenciar a escala humana. Por fim, num "Realismo Poético: o Processo de uma Proposta com Metodologia Extensível, apresenta-se de um modo geral a proposta em diferentes escalas e programas, com base na participação como processo. Cada uma das 6 propostas, corresponde ao trabalho individual de cada membro do grupo e será desenvolvida nos respetivos trabalhos. Este trabalho foi desenvolvido essencialmente através de observações in situ, discussão em grupo e com o tutor da vertente projetual de PFA e explorado através do desenho. O presente projeto alcançou a 2ª fase do referido concurso, sendo um dos 20 trabalhos selecionados, entre os 56 apresentados, para a exposição "Sines: Logística à Beira-Mar" e para o catálogo da 4ª edição da Trienal de Arquitetura de Lisboa.



a. Sines: o Lugar
Evolução Morfológica



b. Sines: as Pessoas
Evolução Demográfica e Social



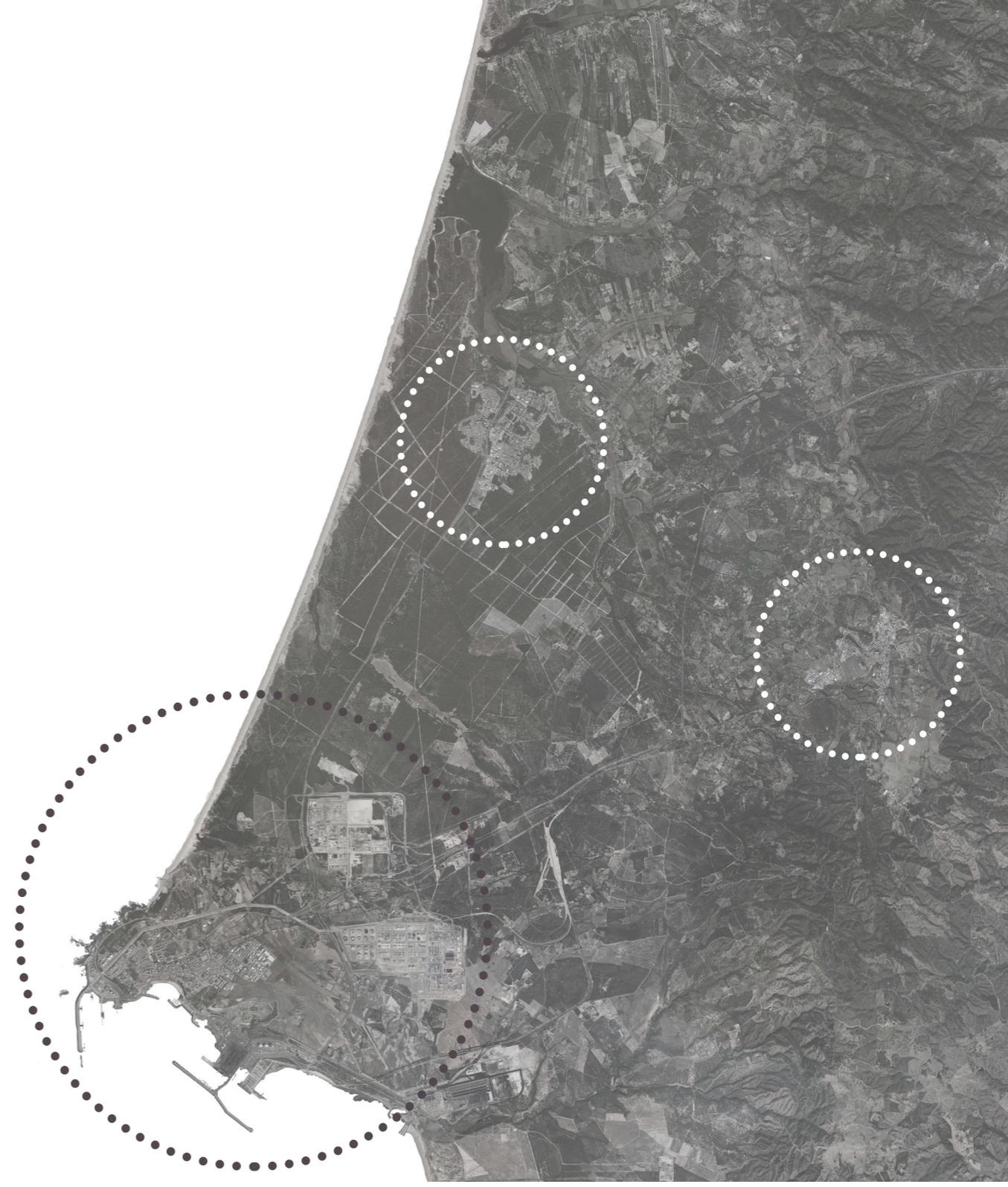
c. Sines: o Momento
Passado vs Presente . Futuro?

1. SINES: CIDADE COMO ARQUIPÉLAGO

Os grandes investimentos realizados desde a década de 60 com a ambição de transformar Sines num grande porto oceânico e num pólo de desenvolvimento regional, tiveram um profundo impacto paisagístico e ambiental que transformou de forma brutal a linha de costa e o hinterland de Sines. A cidade encontra-se cercada por infraestruturas industriais que não lhe pertencem, que cortaram ligações territoriais ancestrais e que ultrapassam a sua escala e escala do seu território. Sines, como que já não pertence nem ao próprio Alentejo, tem-se tornado um anexo da área metropolitana de Lisboa. (MATTOSO, José; DAVEAU, Suzane (2010)) Irradiando do centro histórico, com centro no Castelo de frente para o espelho do Mar, a cidade dilui-se progressivamente em várias ilhas, afastadas do horizonte límpido do mar e da integridade e densidade do centro, organizam-se numa sucessão fragmentada de bairros, de edifícios, de vazios, de terrenos expectantes, sempre limitados no horizonte pelas grandes infraestruturas que simultaneamente a confinam e a ultrapassam.

O mar e os seus recursos foram desde sempre importantes definidores e potenciadores do desenvolvimento da cidade de Sines. As actividades aqui desenvolvidas relacionaram-se sobretudo com a indústria da cortiça, pesca e alguma agricultura. Apesar de um desenvolvimento lento entre a II Guerra Mundial e a década de 1970, pode-se observar no início desta década uma grande mudança na cidade devido à criação de um grande complexo portuário e industrial. Apesar das consequências positivas, a cidade passou a sofrer uma tremenda pressão infraestrutural que a ultrapassou, com implicações paisagísticas, ambientais e urbanísticas que a ultrapassam e condicionam decisivamente.





2 - Cidade de Sines apresentada em relação com Santo André e Santiago do Cacém

Em paralelo ao desenvolvimento morfológico a observação das mutações de desenvolvimento demográfico e social permitem-nos compreender de modo mais abrangente as dinâmicas socio-territoriais e a evolução ou tendências da própria pressão urbanística. Tendo como base informações múltiplas, das quais se destacam os Censos de 1991, 2001 e 2011, notamos os seguintes factos:

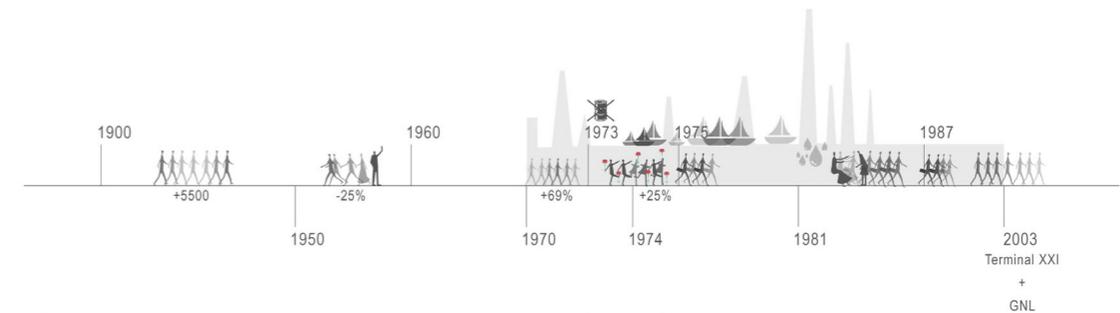
-1ª metade do século XX: período com um crescimento demográfico gradual de 5500 pessoas entre 1900-1950

-2ª metade do século XX (décadas de 50/60): diminuição demográfica em 25%, devido ao êxodo rural, emigração por razões económicas e políticas e à guerra nas ex-colónias ultramarinas.

-1970 - Novo Ciclo Económico localização de uma área concentrada de indústrias em Sines - crescimento da atividade portuária, industrial, urbana e demográfica (em 69%).

Numa fase posterior à crise petrolífera = desenvolvimento populacional e económico com o início da exploração do porto comercial e do terminal petrolífero.

- 1974 - Democracia: grande impacto da revolução 25 de Abril = fixação de



3 - Diagrama cronológico com a síntese das alterações demográficas de Sines

muitos portugueses das ex-colónias em Sines

- 1975: execução dos planos parciais = chegada de migrantes trabalhadores essencialmente da construção civil e montagem de equipamentos, ultrapassando o previsto valor de 5000 habitantes para 6000.

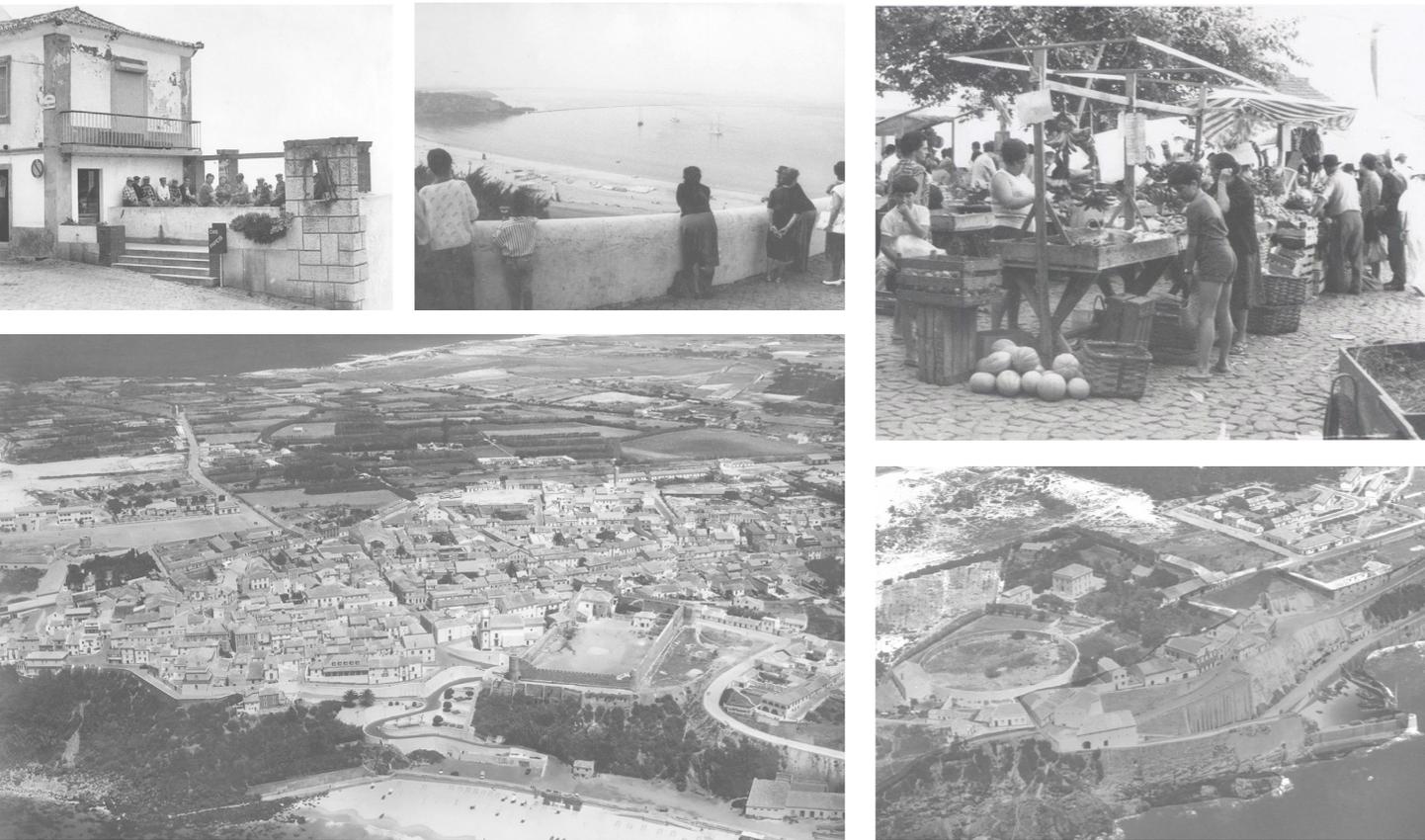
- 1981: Sines = 12075 habitantes. Petroquímica entra em funcionamento, desenvolvendo o sector terciário e serviços públicos (segundo os Censos de 91, 20% da população portuguesa migra para Sines).

-2003: novo período de dinamismo económico causado pelos investimentos privados e público no porto, nas ZILS e em várias infraestruturas de transporte.

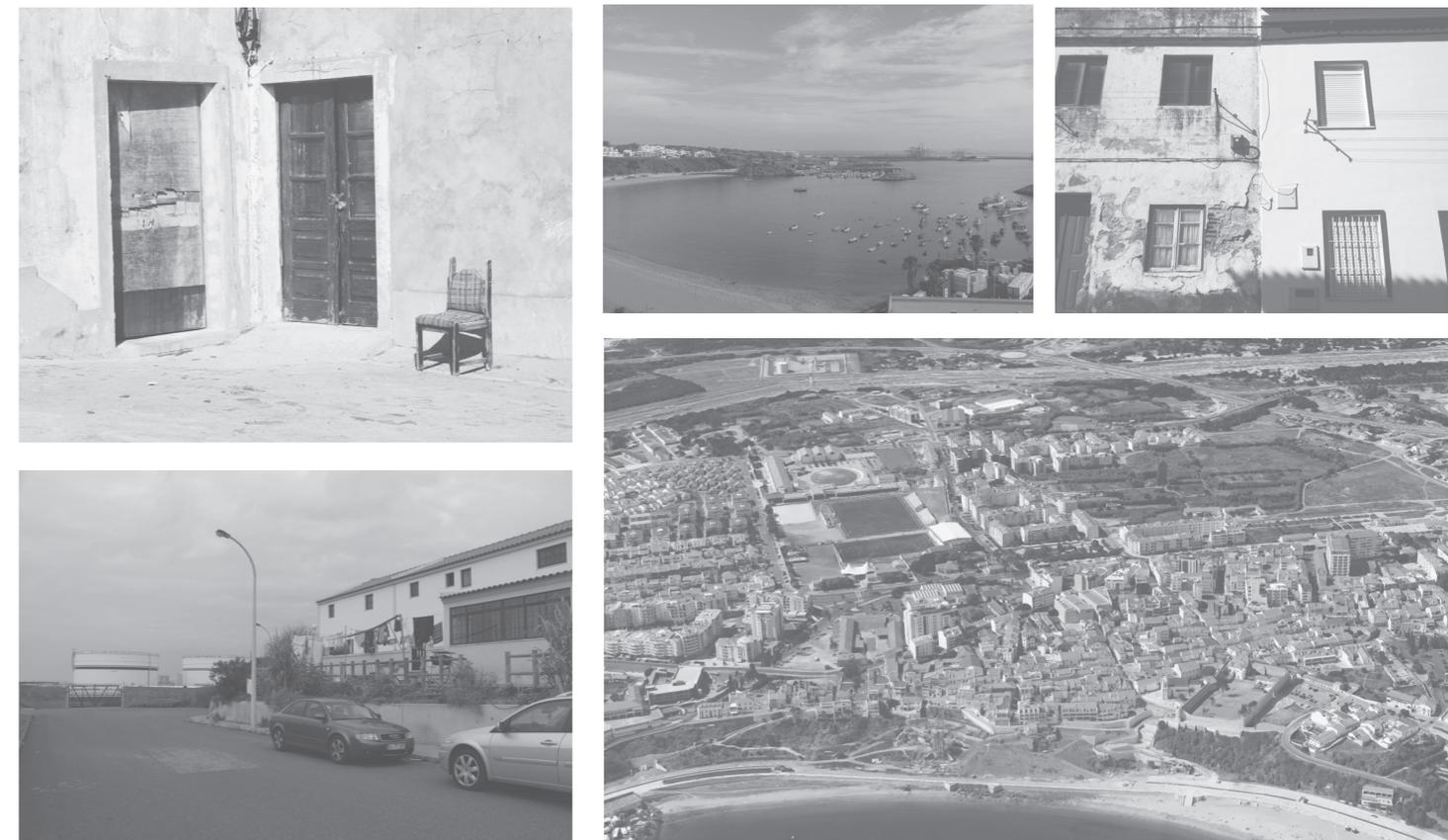
- 2008-2010: Impacto da grande crise económica: em 2008 o PIB per capita era o 2º de Portugal logo depois da Grande Lisboa e o PIB por pessoa empregada era, em 2009, o 1º do país. Em contraponto e face aos investimentos portuários imediatamente anteriores e acompanhando a globalização da economia mundial, o movimento portuário aumenta consistentemente, enquanto a cidade sente os pesados efeitos da grave crise económica.

| Faixa Etária | Edifícios | Alojamentos | Famílias | Indivíduos |
|--|--|---|--|---|
| | (2001 / 2011) Sines - 3307 / 3866 Santiago do Cacém - 2592/ 2831 Santo André - 2741 / 2870 89% Residenciais Licenças de Construção 2014 | (2001 / 2011) Sines - 6957 / 7210 Santiago do Cacém - 3836/ 4389 Santo André - 53250 / 5890 777 vagos (10.8%) Tipo de Obra 2014 | (2001 / 2011) Sines - 4478 / 5199 Santiago - 2781 / 3126 Santo André - 4478 / 4265 Numero de elementos na família (2011) 55% - 1 ou 2 elementos 39% - 3 ou 4 elementos 6% - 5 ou + elementos Desemprego nas famílias (2011) 89% - famílias sem desempregados 10% - famílias com 1 desempregado 1% - famílias com 2 ou + desempregados | Presentes: Indivíduos que, na altura dos censos, estavam a residir nos locais estudados e presentes nessa residência; Residentes: Indivíduos que, na altura dos censos, estavam a residir no locais estudados mas que estavam fora desses locais por diversos motivos (estudos, trabalhos, etc) (2001 / 2011) Sines presentes - 12184 / 13203 residentes - 1461 / 13200 Santiago presentes - 6993 / 7315 residentes - 7274 / 7603 Santo André presentes - 9866 / 9995 residentes - 10696 / 10647 |
| (2001 / 2011) 0 aos 14 - 1959 / 1814 15 aos 24 - 1834 / 1616 25 aos 64 - 6795 / 7521 65 ou mais - 1873 / 2249 % 0 aos 14 - 15.72 / 13.74 15 aos 24 - 14.72 / 15.24 25 aos 64 - 54.53 / 56.98 65 ou mais - 15.03 / 17.04 | Sines 42% Habitação 30% Indústria 13% Comércio e Serviços 11% Outros 4% Habitação / Comércio / Serviços Porto Covo 90% Habitação 10% Habitação / Comércio / Serviços | Sines 50% reconstruções 41% construção 9% legalizações Condições 2011 70.6% Residência com água 70.4% Residência com Retrete 70.6% Residência com Esgoto 70% Residência com banho 30% Residências sem condições mínimas de habitabilidade | | |

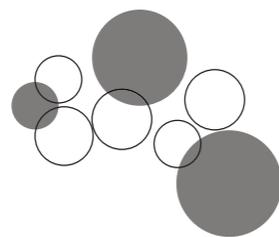
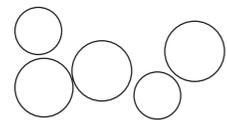
| Eixos de Desenvolvimento | Actividade Económica | Ensino | | Desemprego |
|----------------------------------|----------------------------------|--|--|--|
| Sines (2001 / 2011) | Sines (2001 / 2011) | (2001 / 2011) | | |
| Sector Primário - 374 / 195 | Desempregados - 622 / 648 | Analfabetos - 1233 / 671 | | |
| Sector Secundário - 1703 / 1950 | 1º Emprego - 93 / 120 | Literados - 10527 / 10680 | | |
| Sector Terciário - 3554 / 3972 | À procura - 529 / 528 | | | |
| Santiago (2001 / 2011) | Santiago (2001 / 2011) | Níveis de Ensino | | |
| Sector Primário - 167 / 115 | Desempregados - 262 / 227 | 2001 | 2011 | |
| Sector Secundário - 880 / 862 | 1º Emprego - 37 / 46 | 4205 pessoas com o 1º ciclo (40%) | 3155 pessoas com o 1º ciclo (29.5%) | |
| Sector Terciário - 2264 / 2491 | À procura - 225 / 181 | 1422 pessoas com o 2º ciclo (13.5%) | 1654 pessoas com o 2º ciclo (15.5%) | 120 pessoas à procura do 1º emprego (0.88%) |
| | | 1644 pessoas com o 3º ciclo (15.5%) | 2448 pessoas com o 3º ciclo (23%) | 528 à procura de emprego (3.85%) |
| | | 2166 pessoas com o ensino secundário (20.5%) | 2083 pessoas com o ensino secundário (19.5%) | 6117 pessoas Empregadas (44.64%) |
| | | 56 pessoas com o ensino médio (0.5%) | 165 pessoas com o ensino médio (1.5%) | 2437 pessoas com pensão/reforma (17.79%) |
| | | 1034 pessoas com o ensino superior (10%) | 1175 pessoas com o ensino superior (11%) | 4500 pessoas sem actividade económica (32.84%) |
| Santo André (2001 / 2011) | Santo André (2001 / 2011) | | | |
| Sector Primário - 140 - 72 | Desempregados - 2600 / 497 | | | |
| Sector Secundário - 1796 / 1796 | 1º Emprego - 86 / 101 | | | |
| Sector Terciário - 2888 / 2888 | À procura - 514 / 396 | | | |



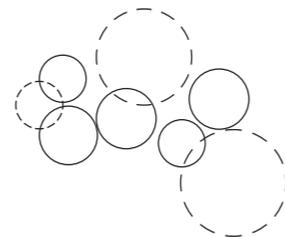
5 - Imagens de Sines (1950-1970): uma cidade em relação natural com a paisagem e com o território



6 - Imagens de Sines (2013-2016): uma cidade limitada pelos canais infraestruturais.



a. Sines: a Cidade Planeada

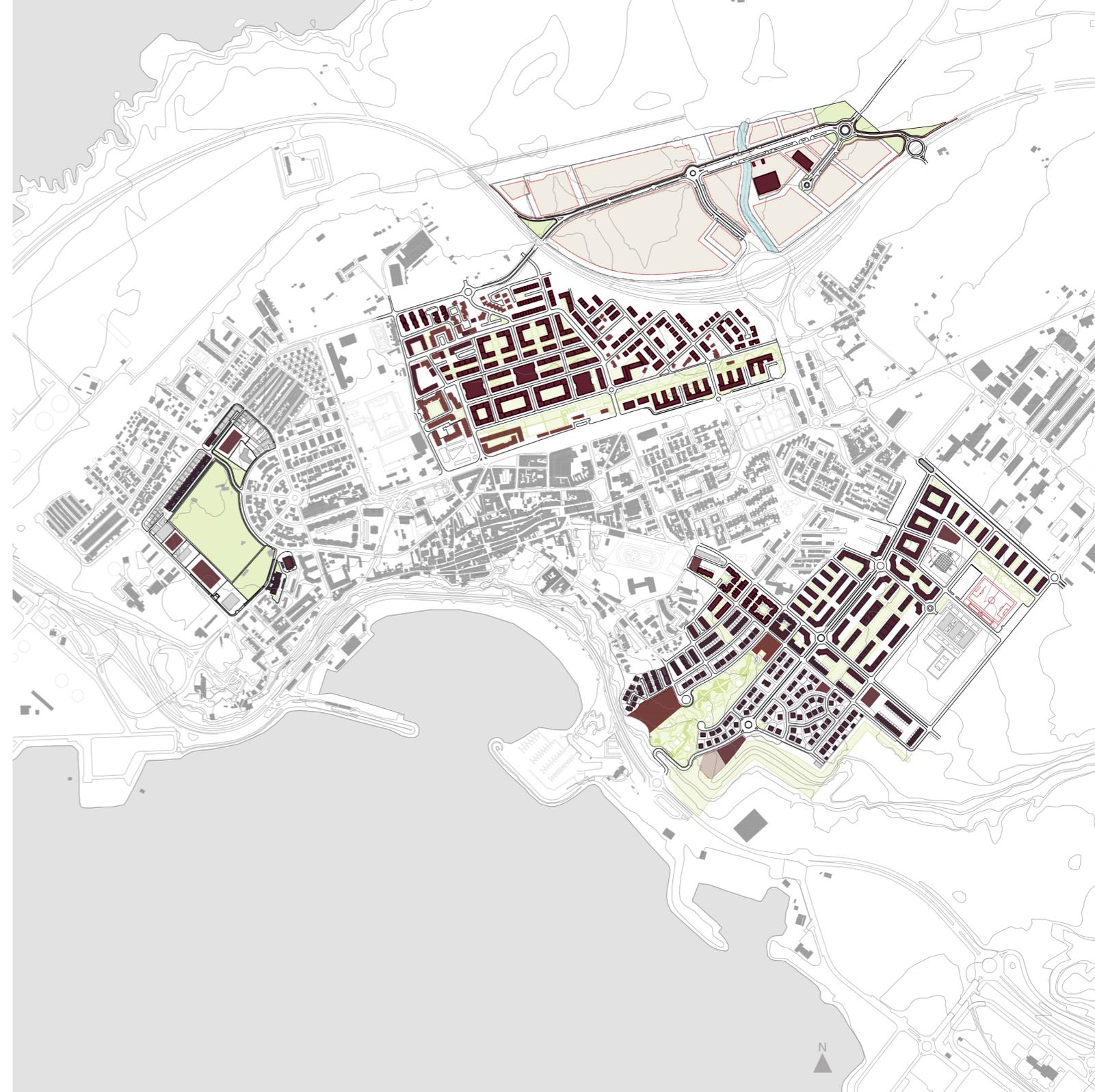


b. Sines: a Cidade depois dos

Planos

2. CRISE: A INSUFICIÊNCIA DOS INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO E O “DIREITO À CIDADE”

Ao longo de toda a coroa urbana periférica ao centro sente-se uma sensação de paralisia e de tempo congelado, por entre uma sucessão de espaços interrompidos e incompletos, aguardando um cenário de crescimento e de consolidação cuja concretização se afigura cada vez mais incerta, dadas as sombras lançadas pela grande crise económica de 2008 e pela inexorável inversão da pirâmide populacional no país. As incertezas e as relações disruptivas na paisagem e no território sucedem-se a várias escalas: entre a cidade e o porto, entre o ambiente e paisagem e a infraestrutura económica e produtiva, mas também entre a frente urbana litoral e a coroa urbana interior, entre a compacidade do centro e a dispersão da periferia, entre os vários bairros periféricos entre si, entre o limite da cidade e a cerca edificada dos “não-lugares” rodoviários e do corredor de pipelines. E no entanto toda a cidade está planeada. Mas os planos estão por cumprir e a eficácia das suas proceções por provar. Todavia quem habita estes territórios também tem “direito à cidade” (LEFEBVRE, Henri, 1974), o direito a um espaço (social) com qualidades imediatas para hoje, para quem o habita, reflectindo como produto (social) a melhor possibilidade de uma vida comum.



7 - Planta da cidade de Sines actual com sobreposição Planos de Pormenor Norte, Sul e do Parque de Campismo

A forte desagregação urbana sentida nas zonas periféricas de Sines não está vencida pelos instrumentos de planeamento que destas áreas se ocupam. As perspetivas de crescimento necessárias para cumprir a carga edificada associada aos vários planos são incertas, e se associadas aos ritmos de crescimento populacional verificados desde 2000, o horizonte de concretização será de décadas. Torna-se necessário agir no imediato.

Trata-se de garantir alguma concretização intermédia, elaborando sobre os planos em vigor com recurso a projetos específicos, que conduzam a transformações concretas e pontuais, que conformem lugares, curando feridas, gerando urbanidades-ancora, que permitam momentos intermédios e que constituam exemplos e focos de irradiação de urbanidade e de serviços públicos.

A Norte propomos a retificação no imediato da alameda de acesso à cidade, marcando um grande eixo de penetração de espaço naturalizado-

público ao longo do corredor da antiga linha férrea, levando ao redesenho da massa edificada adjacente, prevista no plano de pormenor da Zona Norte, que agora se pretende mais permeável visualmente e equipada com programa de valor social e simbólico. A Sul procura-se igualmente curar as feridas provocadas por malhas urbanas incompletas mediante um redesenho do espaço público e a transferência, estratégica, de carga edificada, propondo-se um programa de equipamento público para a zona adjacente às Piscinas Municipais.

Os programas funcionais serão eminentemente públicos e associados a reconfigurações do espaço público, que funcionarão como âncoras de urbanidade, que valorizam e incentivam as áreas urbanas adjacentes. Estes programas resultam de uma leitura das potencialidades existentes e planeadas, mas também de uma pesquisa junto dos habitantes, com recurso a questionários, que visou compreender necessidades e desejos efetivos dos habitantes de Sines.



8 - Mapa com levantamento dos vazios actuais da cidade de Sines (documentados mais detalhadamente num catálogo realizado pelo grupo)

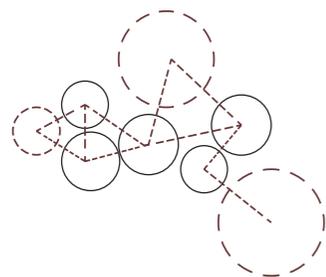




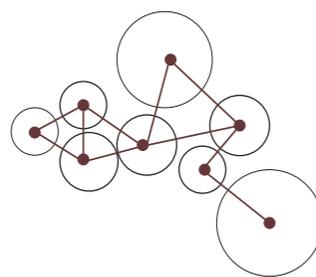
3. AGIR AGORA: ARQUITECTURA COMO ACUPUNTURA URBANA

Propomos antes do mais uma metodologia de intervenção. Baseada numa sucessão dupla de acções: de edificação e de reconversão de espaço público. Ambas à escala dos lugares e da cidade, que funcionariam como “acupunturas” (FRAMPTON, Kenneth (2000)), activadoras de circunstâncias reais para pessoais reais. Agir agora, em circunstâncias concretas, sobre espaços expectantes, subaproveitados ou à espera da concretização dos momentos urbanísticos planeados. Agir com consciência do tempo e da imperfeição dos meios, procurando “lugares-forma” e não tanto “produtos-forma” (FRAMPTON, Kenneth (2000)), em que a mega-estrutura urbana, que finalmente equilibrará o território e a relação cidade-porto, não será uma “outra” estrutura, mas sim a estrutura constituída pela consistência da própria cidade existente.

Propomos programas eminentemente públicos, em locais estratégicos, no meio ou no limite de malhas urbanas, reaproveitando estruturas e funcionando como âncoras de urbanidade. Programas que deveriam resultar de processos de discussão pública, onde a arquitectura seria determinante para agregar e dar sentido aos vários “depends” lançados pela discussão (TILL, Jeremy (2009)). Arquitecturas que se enquadram em circunstâncias, podendo assim crescer como árvores enraizadas em solo fértil e não as “virgens-brancas” (TÁVORA, Fernando (1963)) suportadas por preconceitos e ambições de classe. Propõe-se uma metodologia que suporta as soluções formais e propõe-se várias soluções e em vários lugares e com várias escalas, porque é assim que a cidade e o tempo operam.



a. Sines: os Vazios como Oportunidade

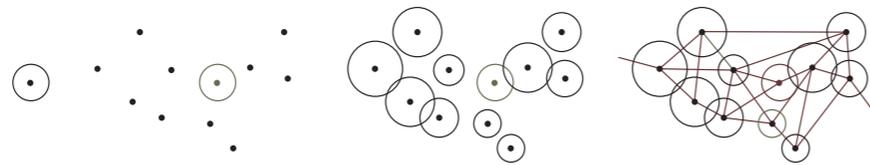


c. Sines: o Espaço Público e as suas Ligações

“São os lugares urbanos, que queremos denominar com a expressão francesa terrain vague, os que parecem converter-se em fascinantes pontos de atenção, nos indícios mais solventes para se poder referir à cidade, para indicar com as imagens o que as cidades são, a experiência que temos dela. (...) Há um segundo significado que se superpõe ao de vague em francês como vacant. Esse é o termo vague procedente do latino vagus, vague também em inglês, no sentido de indeterminate, imprecise, blurred, uncertain. De novo, o paradoxo que se produz na mensagem que recebemos desses espaços indefinidos e incertos não é necessariamente uma mensagem negativa. Certamente, parece que os termos análogos que temos marcado estão precedidos de uma partícula negativa indeterminate, im-precise, un-certain, mas não é menos certo que essa ausência de limite, esse sentimento quase oceânico, para dizer com uma expressão de Sigmund Freud, é precisamente a mensagem que contém expectativas de mobilidade, tempo livre, liberdade.” (SOLÁ-MORALES, Ignasi (2002))

O terreno vago, o fragmento entre espaços edificados, o baldio entre malhas urbanas, a estrutura de vazios-vagos ou subaproveitados tornam-se deste modo uma superestrutura de oportunidade para a cidade. Seja para a densificação, o equipamento ou a renaturalização do território, esta superestrutura indica-nos os pontos para uma acupuntura urbana.





11 - Constelação de vazios como oportunidades de transformação urbana

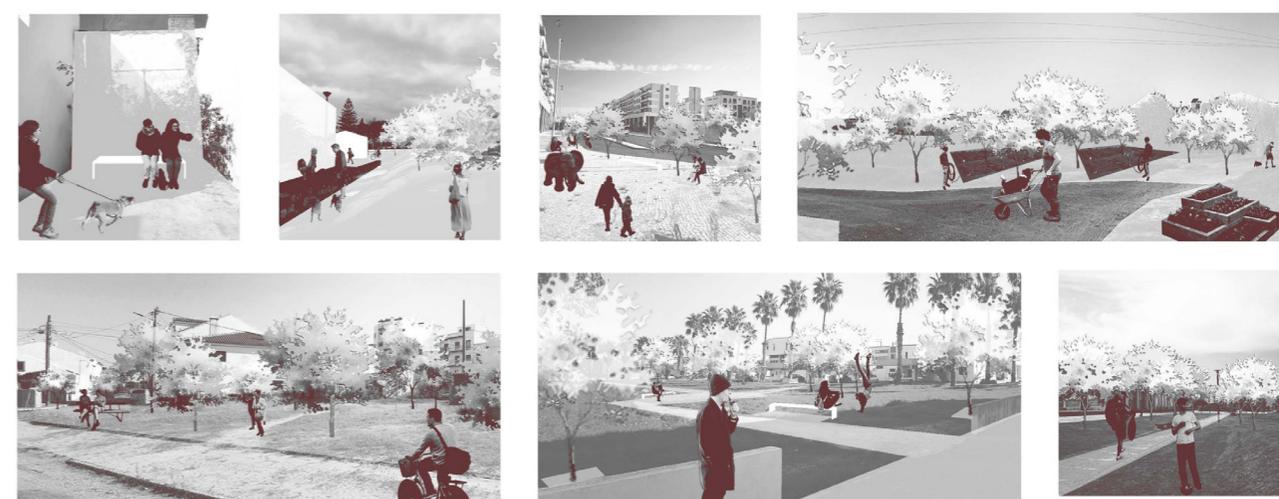
“They are as a constellation, a scheme made up of situationally arising units (...) bound to time, accident and circumstance. The idea of the city as an open-ended pattern removes the duality of interior and exterior space” (STRAUVEN, Francis (2002))

Intervenção no espaço urbano, possibilitando a criação de entre-espaços com uso público. Intervir nos vazios-oportunidades como locais para uma acupuntura urbana, mas como possibilidade metodológica para quaisquer outros locais de Sines.

Isto é, a reabilitação do espaço público como projeto, recorrendo a princípios operativos que possam ser facilmente prolongados em redor, reconstruindo a cidade numa sucessão de fragmentos reconstruídos.



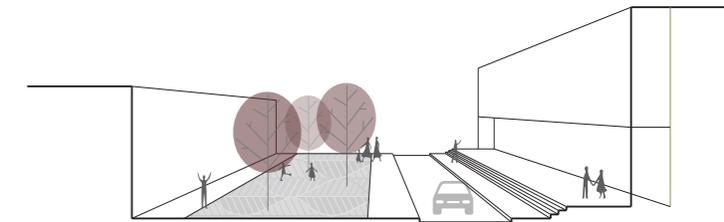
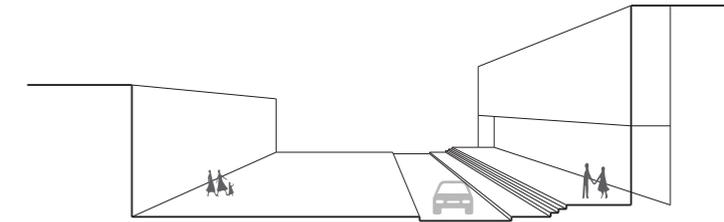
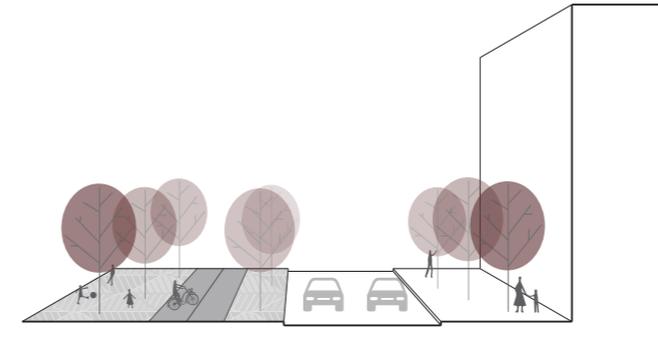
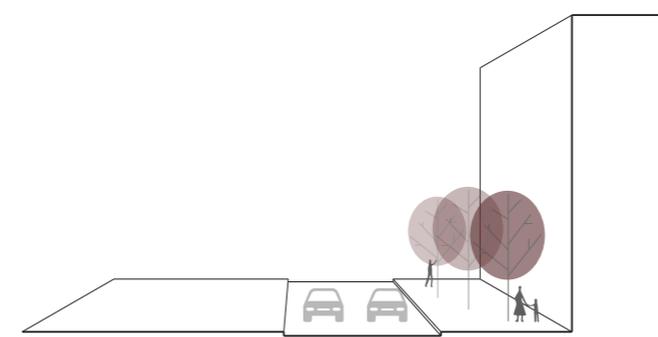
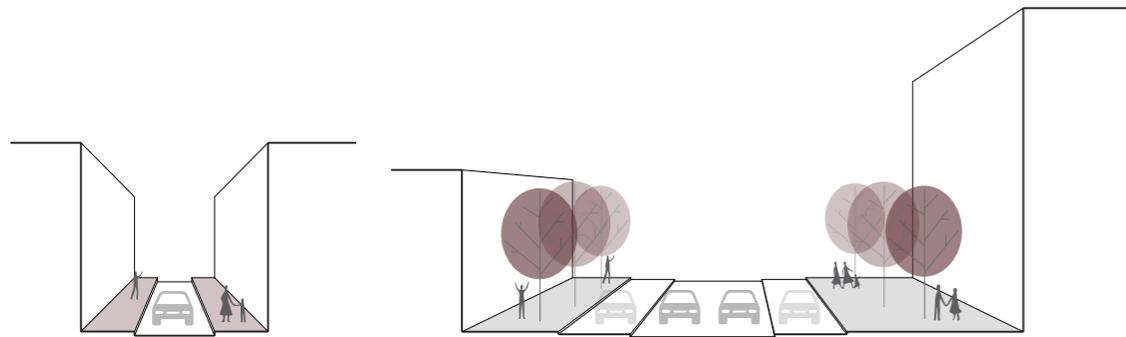
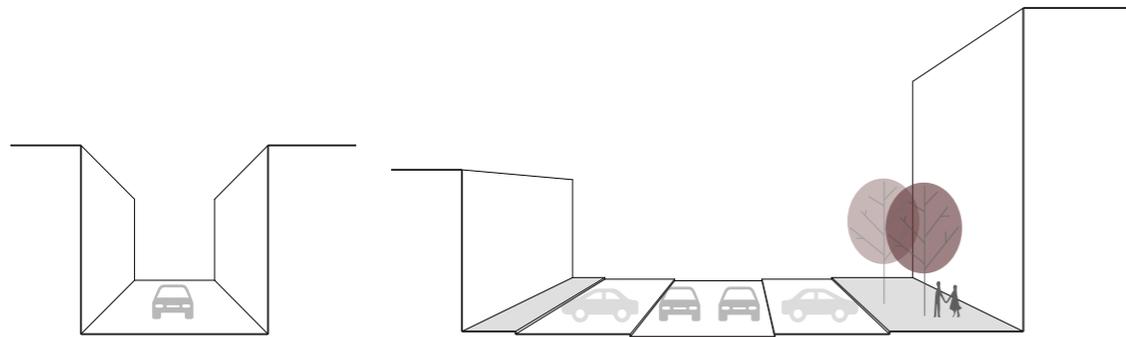
12 - Axonometria de intervenção no espaço público

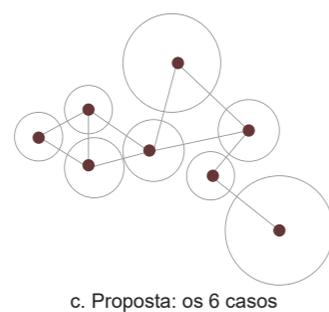
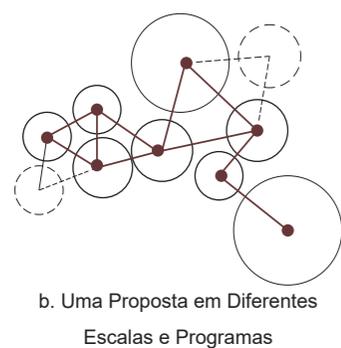
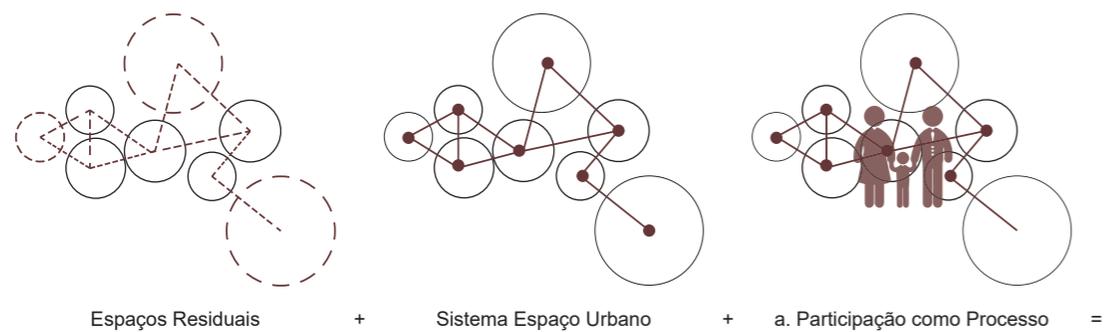






15 - Mapa com a sobreposição das vias de trabalho e o sistema de espaços naturais





4. REALISMO POÉTICO: O PROCESSO DE UMA PROPOSTA COM METODOLOGIA EXTENSÍVEL

O que significa intensificar e ampliar a Arquitectura, porque mais intensamente se relaciona com os lugares e os seus agentes. Um *learning from*, um *active socioplastics*, que retoma necessariamente a missão de se constituir como contraponto formal a uma ambição social (SCOTT-BROWN, Denise (2010). *Ut architectura poesis*, diria Mies van Der Rohe (HARRINGTON, Kevin (1986), e porque a necessidade última da Beleza não é uma invenção da Arquitectura mas sim da sociedade (SIZA, Álvaro (1995)), o realismo que queremos construir será um realismo-poético.

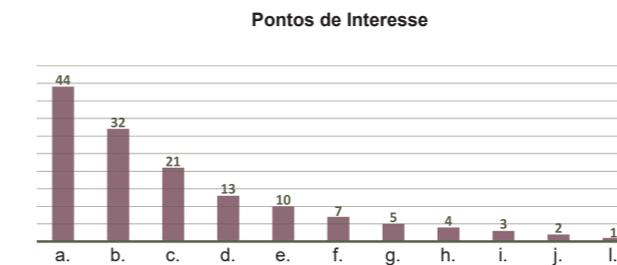
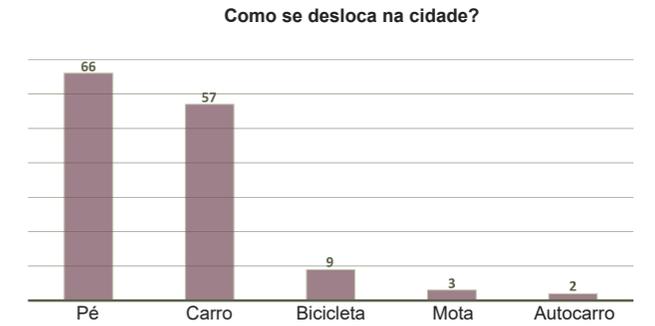
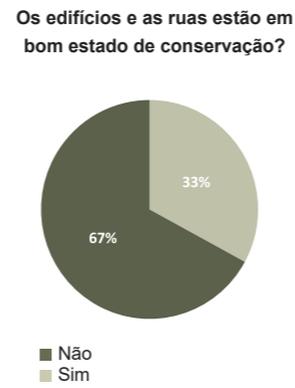
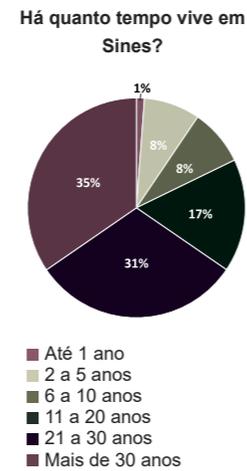
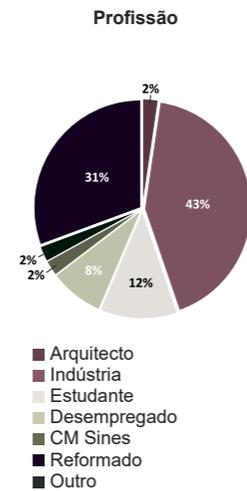
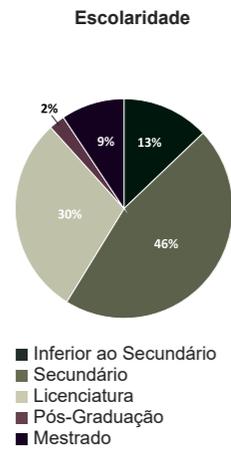
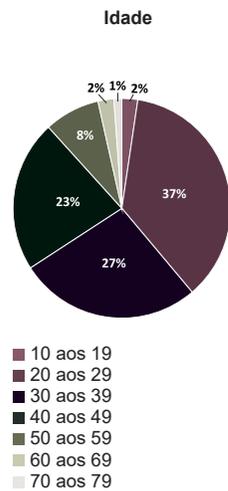
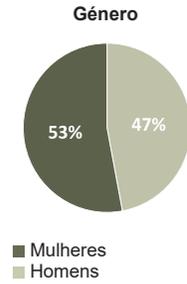
Como suporte metodológico para a discussão de possíveis programas de intervenção para Sines, e de forma complementar ao retrato da evolução da estrutura social e económica da cidade, foi realizado um formulário com diferentes questões que se colocaram a habitantes da cidade com recurso a entrevista direta ou por meio eletrónico. A organização do questionário procurou compreender a imagem geral cidade configurada pelos habitantes, tentando em paralelo identificar problemas e lacunas percecionados pelos habitantes.

A amostra recolhida tem um impacto sobretudo metodológico e conceptual, dado que limitações de tempo e de recursos conduzam a um universo inferior a 1% e pouco controlado em termos de heterogeneidade dos diversos grupos populacionais.

Em paralelo foram questionadas algumas personalidades de áreas conexas da organização do território (arquitetura, paisagismo, planeamento), incluindo elementos da equipa CESUR-IST, que trabalhou em vários dos instrumentos de planeamento em vigor e em preparação para o concelho de Sines e de Santiago do Cacém.

Do cruzamento de circunstâncias e dos múltiplos retratos do lugar surge um sistema de programas de intervenção, que se legitima metodologicamente no mosaico de informações, a caminho de se autonomizar arquitetonicamente no mosaico de relações que estabelecerá com as disposições edificadas dos locais-oportunidades que irá reconfigurar.



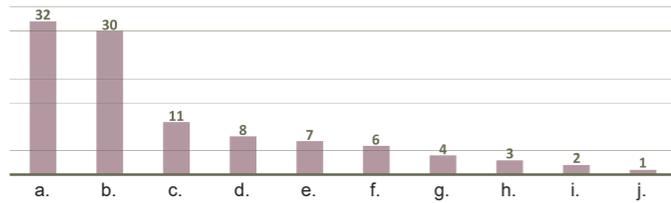


a. Praia / b. Castelo / c. Avenida da Praia (Baía) / d. Festival Músicas do Mundo; Centro Histórico; Gastronomia / e. Paisagem / f. Proximidade ao Mar; Centro de Artes / g. Costa do Norte / h. Museu; Carnaval / i. Porto de Pesca; Pessoas; Turismo; Nenhum Aspecto / j. Av. Vasco da Gama; Porto Covo; Cultura; Indústria; História; Igreja / l. Cinema; Elevador; São Torpes; Localização



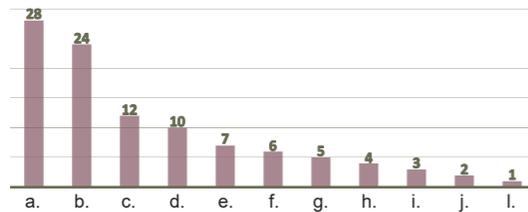
a. Passear / b. Ir à praia / c. Praticar desporto / d. Ver o mar / e. Nada; Cinema / f. Actividades ao ar livre / g. Pescar; Sair à noite / h. Socializar / i. Participação Cívica; Surf; Ficar em casa; Participar em actividades culturais

O que mais gosta em Sines?



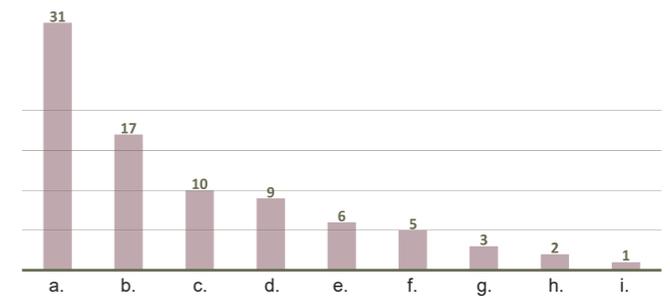
a. Praia / **b.** Proximidade ao mar / **c.** Ambiente calmo / **d.** Paisagem; Centro Histórico / **e.** Marginal; Eventos / **f.** Localização geográfica / **g.** População; História / **h.** Gastronomia / **i.** Qualidade de vida; Jardins; Diversidade Cultural; Noite / **j.** Elevador; Variedade de supermercados; Nada; Cinema; Ensino; Trabalho na cidade; Actividades Desportivas; Porto; Porto Covo

Quais são os problemas de Sines?



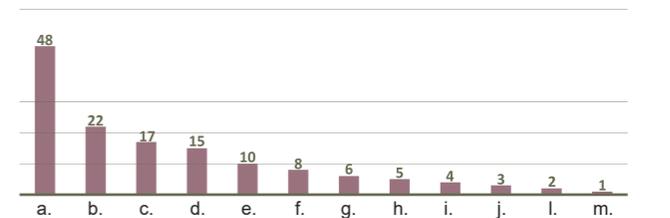
a. Falta de manutenção do espaço público / **b.** Poluição / **c.** Falta de limpeza nas ruas / **d.** Falta de aposta no turismo / **e.** Falta de oferta cultural; Falta de actividades para jovens / **f.** Falta de segurança; Falta de espaços verdes / **g.** Organização urbana / **h.** Falta de um parque de campismo / **i.** Falta de vida nocturna; Falta de um pólo universitário / **j.** Desertificação do centro histórico; Falta de canil; Excesso de superfícies comerciais; Falta de espaço para praticar desporto ao ar livre / **l.** Vandalismo; Falta de parque de caravanas; Falta de dinamização da baía da praia; Falta de estacionamento; População envelhecida; Má sinalização junto das escolas

O que não gosta em Sines?



a. Poluição / **b.** Falta de Manutenção do espaço público / **c.** Falta de limpeza das ruas / **d.** Abandono do Centro Histórico; Falta de actividades de lazer / **e.** Confusão urbanística; Indústria; Falta de actividades para jovens / **f.** Aspecto da cidade; Cheiro; Elevador; Falta de segurança; Pouca aposta no turismo / **g.** Falta de vida nocturna / **h.** Parque de campismo; Centro de Artes; Falta de actividades relacionadas com o mar; Vandalismo; Falta de espaços verdes / **i.** Falta de espaço para desporto ao ar livre; Falta de parques infantis; Falta de estacionamento; Falta de abrigo para os animais; Falta de emprego para o sector feminino

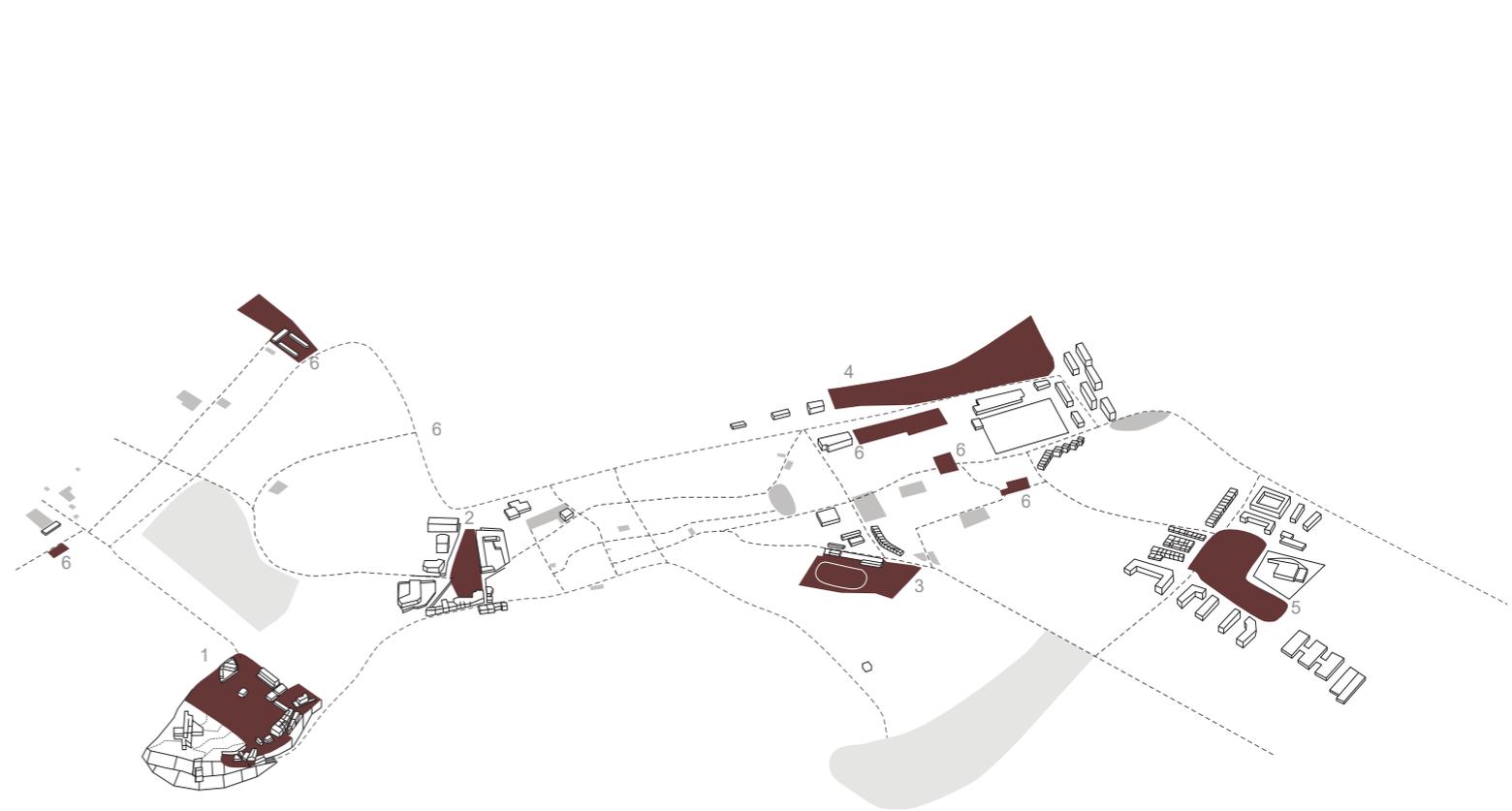
O que falta em Sines?



a. Zonas verdes / **b.** Centro comercial / **c.** Tribunal / **d.** Parque infantil; Centro de Saúde / **e.** Comércio local / **f.** Estruturas de apoio a campistas e caravanas / **g.** Teatro / **h.** Actividades para jovens / **i.** Parques recreativos; Discoteca / **j.** Canil; Posto da Polícia; Universidade; Espaços Sociais / **l.** Comboio; Hotel; Eventos; Cinema; Parque Municipal de Desporto / **m.** Piscina de água salgada; Pousada da juventude; Terminal rodoviário; Nova rota de autocarro; Escola de artes; Parque de merendas; Mercado; Hospital; Ludoteca



19 - Planta síntese com a proposta de grupo e as localizações dos projetos individuais



1. Indelével: Centro do Mar. Ana Fragata
2. Conexões Morfológicas: Museu de Sines. Luis Martins
3. Limite Difuso: Reconversão do Parque Desportivo Municipal João Martins. Andreia Tavares
4. A vida no Bairro: Centro Comunitário e Habitação. Nádia Gomes
5. Do fragmento à humanização do lugar: Complexo de Piscinas e Habitação. Sara Baião
6. Dos Lugares da Cidade à Cidade como Lugar. Susana Rego

20 - Axonometria síntese com a proposta de grupo e as localizações dos projetos individuais

5. BIBLIOGRAFIA

FRAMPTON, Kenneth (2000) "Seven points for the millennium: an untimely manifesto", in *The Journal of Architecture*, Volume 5, 2000, RIBA, London, pp21-33.

HALL, Edward (1986) "A Dimensão Oculta", *Relógio d'Água*, Lisboa

HARRINGTON, Kevin (1986) "Order, Space, Proportion - Mies's curriculum at ITT", in *Aavv*, 1986. *Mies van der Rohe: Architect as Educator*. The University of Chicago Press, EUA, pp67.

LEFAIVRE, Liane (2002) "Aldo van Eyck: The Playgrounds and the City", *Stedelijk Museum Amsterdam*, Rotterdam

LEFEBVRE, Henri (1974) 1991. *The Production of Space*, Blackwell Publishing, Oxford.

MATTOSO, José; DAVEAU, Suzane e BELO, Duarte (fotografia) (2010) *Portugal. O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Circulo de Leitores, Lisboa.

STRAUVEN, Francis (1998) "Aldo Van Eyck: the shape of relativity", *Amsterdam : Architectura Natura*

SCOTT-BROWN, Denise (2010). Entrevista, GIZMOWEB, editada por Sílvia Micheli. Venezia, IUAV, Badoer, Aula Manfredo Tafuri. Scuola di Dottorato IUAV. June 24th 2010.

Disponível em <http://www.gizmoweb.org/tag/rem-koolhaas/page/3/>

SOLÁ-MORALES, Ignasi (2002) "Territórios", Gustavo Gili, Barcelona

TILL, Jeremy (2009) *Architecture Depends*, MIT Press, Cambridge MA.

TÁVORA, Fernando (1963) "Escola Primária do Cedro, Vila Nova de Gaia, 1957-1961", in *Fernando Távora*, 1993, Blau, Lisboa, pp86-88.

SIZA, Álvaro (1995) "Sobre Pedagogia". In *MORAIS, Carlos*, 2009. 01 textos: Álvaro Siza Vieira. *Civilização Editora*, Porto, pp167-169.

TRABALHO INDIVIDUAL:

**DOS LUGARES DA CIDADE À
CIDADE COMO LUGAR**

RESUMO

Os investimentos realizados desde a década de sessenta com a ambição de transformar Sines num porto oceânico e num polo de desenvolvimento regional, tiveram um profundo impacto urbano, paisagístico e ambiental. A cidade diluiu-se progressivamente em várias ilhas, organizando-se numa sucessão fragmentada de bairros, edifícios, vazios e terrenos expectantes, sempre limitados pelas grandes infraestruturas que simultaneamente a confinam e ultrapassam. Compreendendo a importância destes “esquecimentos urbanos”, que podem ser encarados como potenciais de acolhimento da vida quotidiana, reflete-se sobre a necessidade de conceção de um ambiente doméstico. Assim, ensaiou-se, através de uma posição intermediária, um modo de reconciliar as diversas dimensões dos interstícios com o objetivo da criação de “lugares com significado”. Estes espaços já não são interpretados como rígidos e limitados, mas vistos como pontos focais de acontecimentos, fluxos de mobilidade, momentos energéticos e oportunidades de transformação. É devido ao seu potencial de atribuir novos sentidos e abordagens espaciais que se torna possível a costura das esferas da cidade e do espaço público, criando uma terceira – a domesticidade. Deste modo, admite-se que o principal objetivo deste trabalho é a possibilidade de construir, nos interstícios da cidade de Sines, os espaços urbanos interiores que a sociedade necessita.

Palavras chave: Cidade; Arquitetura; Interstício; Acupuntura Urbana; Domesticidade; Lugar

ABSTRACT

The investments made since the 60's, with the ambition to transform Sines into an ocean harbor and into a regional development pole had a high urban, landscaping and environmental impact. The city dilutes gradually into several isles, organized in a fragmented succession of neighbourhoods, buildings, empty spaces and expectant land, always limited by the large infrastructures that simultaneously confine and outgrow it. Understanding the importance of these "urban lapses", which can be seen as potential fosters for the daily life, reflecting on the need to conceive a domestic environment. So, through an intermediate position we test a way to reconcile the multiple dimensions of the interstices with the objective of creating "meaningful places". These places are no longer interpreted as rigid and limited, but as the focal points of events, mobility fluxes, energetic moments and opportunities for transformation. It is due to its potential to give a new purpose and approach, that it becomes possible to stitch together the city and public spheres, creating a third one – the domesticity. This way, the prime objective of this work is the possibility to construct from the interstices of the city of Sines, the interior urban spaces that society needs.

Key-words: *City; Architecture; Interstice; Urban Acupuncture; Domesticity; Place*

AGRADECIMENTOS

Ao professor arquiteto Bernardo Miranda pelo acompanhamento, confiança, amizade, paciência e, acima de tudo, motivação que foram tão importantes nestes últimos três anos;

Ao professor arquiteto Pedro Pinto pelo acompanhamento, motivação e liberdade demonstrados neste último ano;

Ao meu grupo de trabalho este ano, pela dedicação, disponibilidade e boa disposição apesar de alguns momentos mais complicados;

Ao grupo dos 'cefinfans', a Nádía, a Ana e o Ruben pela amizade, aventuras, gargalhadas, compreensão, ajuda sempre que foi necessário (e mesmo quando não foi) e companheirismo. Em especial à Nádía, por tudo;

Aos amigos moradores do 804, pela companhia, compreensão, ajuda e pelas famosas reuniões de condomínio;

À Dina Ferreira e à Celine Vicente, pela amizade, acompanhamento e motivação;

Ao Fábio, por tudo, mas principalmente pela dedicação e por ter acreditado sempre em mim;

Á minha família.

ÍNDICE

| | |
|------------|---|
| 78 | Introdução |
| 86 | Capítulo 1 Sines: Cidade Arquipélago |
| 116 | Capítulo 2 Interstícios Urbanos: Lugares entre Domínios |
| 150 | Capítulo 3 Domesticidade Urbana: Construir Espaços Interiores no Exterior |
| 170 | Capítulo 4 Cidade como Lugar: Vazios, Polaridades e Inteligibilidade |
| 212 | Considerações Finais |
| 222 | Bibliografia |
| 228 | Índice de Figuras |
| | Anexos |
| 236 | a. Desenhos finais de projeto |
| 278 | b. Enunciado de Projeto Final de Arquitetura |
| 288 | c. Enunciado do 'Concurso Prémio Universidades' da 4 ^a Edição da Trienal de Arquitetura Millennium BCP 2016 |
| 294 | d. Paineis de grupo submetidos ao concurso |

A cidade é um chão de palavras pisadas

a palavra criança a palavra segredo.

A cidade é um céu de palavras paradas

a palavra distância e a palavra medo.

A cidade é um saco um pulmão que respira

pela palavra água pela palavra brisa

A cidade é um poro um corpo que transpira

pela palavra sangue pela palavra ira.

A cidade tem praças de palavras abertas

como estátuas mandadas apelar.

A cidade tem ruas de palavras desertas

como jardins mandados arrancar.

A palavra sarcasmo é uma rosa rubra.

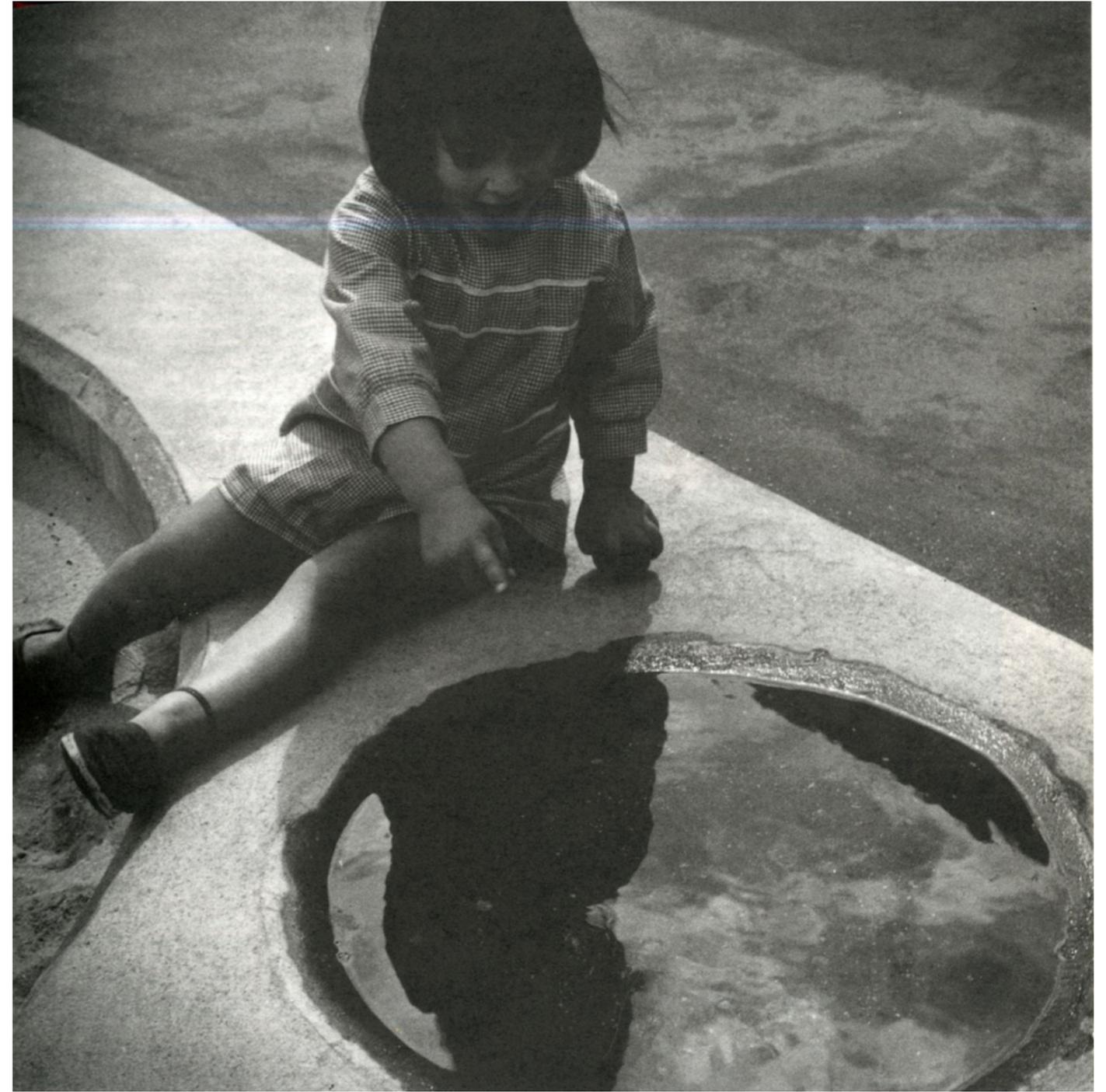
A palavra silêncio é uma rosa chá.

Não há céu de palavras que a cidade não cubra

não há rua de sons que a palavra não corra

à procura da sombra de uma luz que não há.

'A cidade é um chão de palavras pisadas', José Carlos Ary dos Santos,



O presente trabalho foi realizado no âmbito da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura (PFA) do Mestrado Integrado em Arquitetura, no ano letivo de 2015-2016, do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Esta unidade curricular foi desenvolvida no âmbito do ‘Concurso Universidades’, integrado na programação da Trienal de Arquitetura de Lisboa 2016, com o tema ‘Sines – Indústria e Estrutura Portuária’. O programa do concurso afirma que os objetivos deste exercício se colocam no “limite entre a transformação poética e a experiência política e com um primeiro objetivo: conservar e multiplicar a potência produtiva do lugar”¹ organizando-se em quatro questões: Escala; Produção; Limites e Tempo. O exercício lançado às escolas de arquitetura, a nível nacional, visa integrar o “aproveitamento de recursos existentes, o potencial programático do lugar, as relações e contextos que superam a escala do território e tempo, demonstrando a capacidade transformadora da arquitetura”². Paralelamente, o objetivo da unidade curricular enquadra-se nas questões de Projeto Urbano e Projeto de Arquitetura, incidindo especialmente na relação da cidade de Sines com a sua envolvente industrial e paisagística, considerando também a frente marítima, mas sobretudo incidindo na menos visível e menos intervencionada frente terrestre³. Neste contexto, considerou-se pertinente estudar os fragmentos do tecido urbano de Sines na tentativa de compreender o seu potencial de intervenção, regeneração e inclusão urbana e social.

Metodologicamente procura-se uma complementaridade entre teoria e prática, tentando responder à questão sugerida por Carlos Marti

¹ Anexo c: Enunciado Trienal

² TRIENALDELISBOA – Sines: Logística à Beira Mar. [Em Linha] [Consult. 3 Ago. 2016]. Disponível em WWW: < <http://www.trienaldelisboa.com/theformofform/programa/sines-logistica-beira-mar/>>

³ Anexo b: Enunciado Exercício de PFA

Aris (1948): “É possível falar de uma teoria do projeto arquitetónico? Em que consiste e como se articula com a prática?”⁴. Segundo o autor, entre teoria e prática não existe contraposição nem exclusão, apenas complementaridade: não existe teoria que não se alimente dos resultados obtidos pela prática; nem existe prática que vá além da simples reprodução mecânica do existente que não se apoie numa reflexão de caráter teórico. Esta metodologia implica que “os nossos instrumentos sejam rigorosos para colocar questões cruciais e pertinentes; e por outra parte, que a nossa atenção e sensibilidade nos permitam escutar a resposta que o mundo nos possa enviar”⁵. Considerando que “os problemas artísticos”⁶ não têm uma única solução, mas sim múltiplas soluções possíveis, tudo depende do modo como interpretamos o texto, frequentemente impreciso “com que o mundo nos responde”⁷. Tal como refere Fernando Távora (1923-2005): “Em arquitetura, o contrário também é verdade”⁸. Esta consciência e método de trabalho, permitem construir instrumentos que possibilitam ver com maior clareza os problemas. Deste modo, o trabalho desenvolve-se de forma cíclica onde se tenta (i) responder às questões levantadas no trabalho prático a partir de textos de autores que já se posicionaram perante os mesmos problemas e (ii) responder às questões levantadas no trabalho teórico através do processo do projeto.

Pretende-se que a estrutura do presente trabalho seja clara relativamente às diversas fases do projeto, deste modo desenvolve-se

⁴ ARÍS, Carlos Marti – *La Cimbra y el Arco*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2015. p. 21

⁵ *Idem*, p. 28

⁶ *Idem*

⁷ *Idem*

⁸ *Cit. por* ARÍS, Carlos Marti – *La Cimbra y el Arco*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2015. p. 28

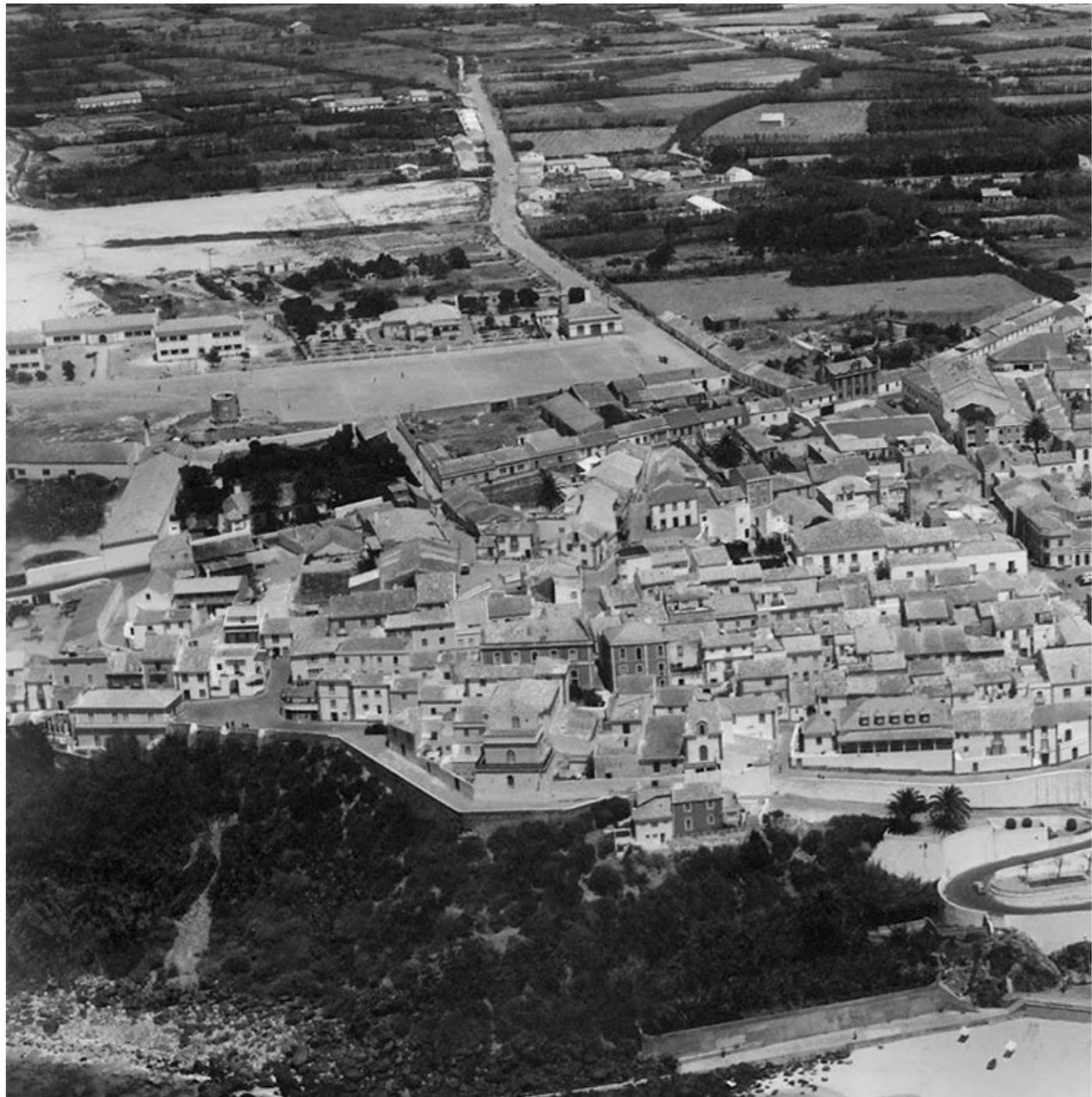
em cinco capítulos: (i) Sines: Cidade Arquipélago; (ii) Interstícios Urbanos: Lugares entre Domínios; (iii) Domesticidade Urbana: Construir Espaços Interiores no Exterior; (iv) Cidade como Lugar: Vazios, Polaridades e Inteligibilidade; e (v) Considerações Finais.

No primeiro capítulo ('Sines: Cidade Arquipélago'), procura-se compreender questões mais gerais sobre o tema da cidade e caracterizar a cidade de Sines, tentando compreender as noções de padrão urbano e interstício, exploradas por Eduardo Lozano, Francesco Careri, e Maria Rosália Guerreiro. No segundo capítulo ('Interstícios Urbanos: Lugares entre Domínios'), a partir da compreensão do território analisado, das suas dinâmicas e da, conseqüente, necessidade de um planeamento flexível é feita a tentativa de compreender o "que" se deve fazer e "como". Neste sentido, explora-se a pertinência de uma posição intermediária onde se procura reconciliar as diversas dimensões dos interstícios com o objetivo de criar "lugares com significado". Estas questões são estudadas principalmente a partir da bibliografia de Aldo van Eyck, Christopher Alexander, de uma Tese de Leonardo Shieh e de um artigo de Diana Pinto. No terceiro capítulo ('Domesticidade Urbana: Construir Espaços Interiores no Exterior'), procura-se compreender a importância que as atividades da vida quotidiana poderão representar na relação do indivíduo com a cidade e na criação de um ambiente doméstico. Neste capítulo exploram-se ainda as questões de transformação, tradição e tempo (enunciadas por Carlos Marti Aris e Jeremy Till) com o objetivo de compreender a necessidade da sua coexistência no projeto, no sentido de poder atribuir-lhe uma dimensão mais humana. No quarto capítulo ('Cidade como Lugar: Vazios, Polaridades e Inteligibilidade'), pretende-se clarificar a informação trabalhada nos capítulos precedentes e demonstrar a sua importância para o Projeto de Arquitetura através da sua apresentação. Por fim, no

quinto capítulo (Considerações Finais), sintetizam-se as considerações tomadas em cada capítulo, destacando a informação mais pertinente para o desenvolvimento deste trabalho.

O trabalho encontra-se escrito de acordo com o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa e respeita as "Normas de Apresentação e Harmonização Gráfica" para os trabalhos de projeto realizados na unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura. As referências bibliográficas adotam a Norma Portuguesa 405.

SINES: CIDADE ARQUIPÉLAGO



Os grandes investimentos realizados desde a década de sessenta com a ambição de transformar Sines num grande porto oceânico e num polo de desenvolvimento regional, tiveram um profundo impacto urbano, paisagístico e ambiental. A cidade encontra-se cercada por infraestruturas industriais que não lhe pertencem, que cortaram ligações territoriais ancestrais e que, não só ultrapassam a sua própria escala, como a escala do seu território. Resultando na desagregação do território físico e social.

No desenho da cidade, ao contrário do desenho de edifícios ou mobiliário, a forma não é fácil de identificar. Segundo Eduardo Lozano (1922-2005), o desenho urbano lida com uma forma composta e que é relativamente difícil de isolar. Assim, a forma resulta de conjuntos de elementos, mais ou menos repetitivos. Para o autor, a forma urbana é o resultado do conjunto de vários elementos de uma totalidade composta: o padrão urbano. Estes padrões assumem características complexas baseadas na sua elaboração formal, assumindo também algum grau de universalidade. Assim, os padrões representam as expressões físicas de um sistema formal subjacente e contínuo. A sua essência visual assenta na complexidade de um número de motivos interrelacionados, ao invés da composição total, dado que os padrões são parte de uma continuidade e não uma totalidade. O autor refere ainda que os padrões tendem a não refletir uma vontade única, mas sim vontades compostas e, desta forma, podem ser conceptualmente entendidos através de uma série de dualidades. Estas dualidades, quando compreendidas, são vistas não como opostos irreconciliáveis, mas como complementos que representam a sua natureza complexa. Para abordar esta questão, o autor escolhe três dualidades que auxiliam na compreensão do território da cidade de Sines: espaço não construído *versus* forma construída; eventos contínuos *versus*

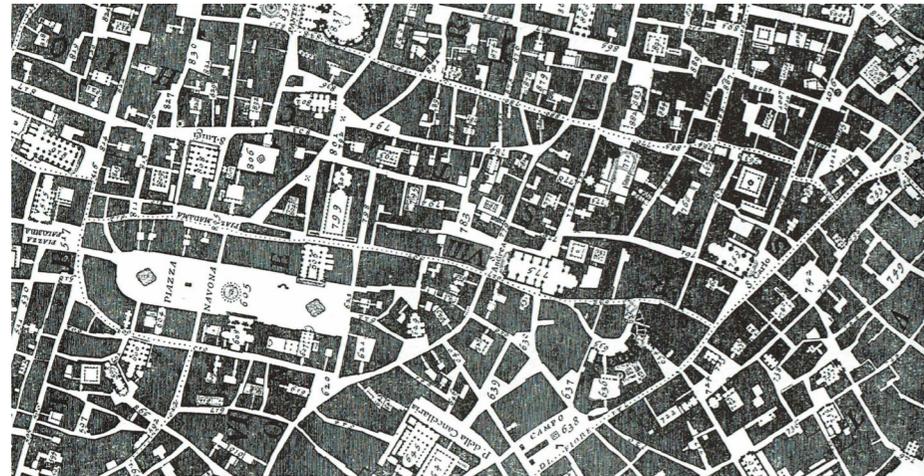
eventos discretos; e elementos repetitivos *versus* elementos únicos⁹.

A primeira dualidade - espaço não construído *versus* forma construída (fig. 3 e 4) – reconhece que os padrões urbanos integram estruturas construídas (que configuram um espaço para um uso conjunto) com as áreas não construídas (como espaço aberto ou circulação). Tal como refere Eduardo Lozano, esta realidade fornece a *gestalt* básica das áreas urbanas, e relaciona-se, apesar de não ser completamente equivalente, com a distinção entre os domínios públicos e privados de uma cidade¹⁰. Ainda que na maior parte dos casos, o espaço não construído – espaço aberto e circulação - possa ser considerado público, alguns destes espaços podem ser privados. À semelhança deste facto, o espaço construído – fechado – pode ter uma característica semipública. Além disso, existe uma continuidade entre os domínios públicos e privados, que muitas vezes se sobrepõem.¹¹

9 LOZANO, Eduardo E. – *Community Design and the Culture of Cities: The Crossroad and the Wall*. Cambridge: University Press, 1990. p. 37-38

10 *Idem*, p.41

11 *Idem*, p. 42



(à esquerda) fig. 3 - Dualidade "espaço não construído *versus* forma construída": Plano de Nolli, Roma (Itália), 1748, Giambattista Nolli



(à direita) fig. 4 - Dualidade "espaço não construído *versus* forma construída": Planta do Centro Histórico, Sines (Portugal)

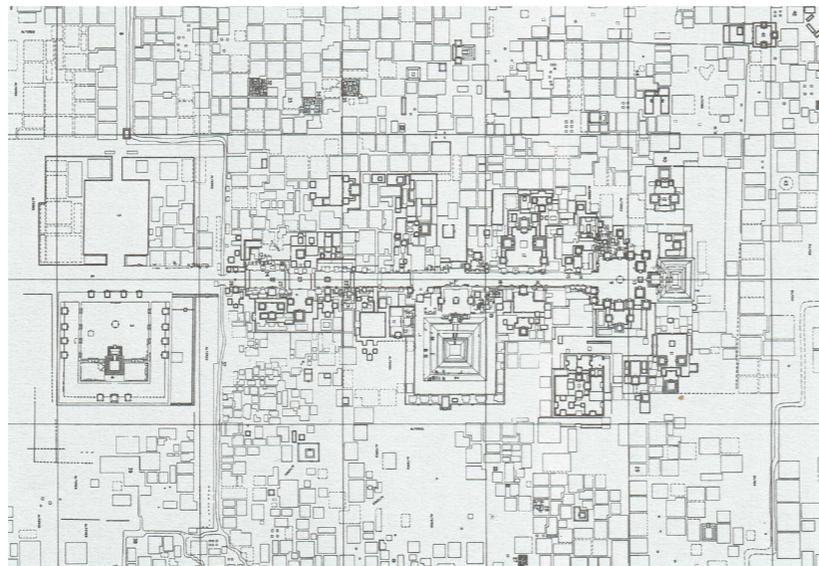
A dualidade “eventos contínuos *versus* eventos discretos” (fig 5 e 6) relaciona-se com dois tipos de elementos diferentes dos padrões urbanos. Alguns elementos estão interconectados e estendem-se por toda a área, outros são discretos. Esta diferença geométrica estende-se às diferenças qualitativas destes dois tipos de eventos. O primeiro evento pode ser caracterizado como formas contínuas – redes – tecidas por toda a comunidade, enquanto o segundo evento se compreende como conjuntos de formas discretas agregadas nas redes ou adjacentes às mesmas – conteúdos¹². As comunidades são estruturadas por ‘redes’ contínuas onde o ‘conteúdo’ de eventos discretos se apresenta. A combinação destes dois elementos resulta num “padrão completo”¹³. Para demonstrar que o desenho destes espaços é da máxima relevância para a vitalidade da vida social e económica das áreas urbanas, bem como da sua expressão estética, o autor refere:

“The interface areas between networks and infillings constitute the most alive zones [...]. Human beings are not truly participants in community life until they are on foot; the interface [...] is the place where people shift from being passive riders to being active pedestrians”.¹⁴

12 O autor utiliza a expressão: ‘infillings’

13 LOZANO, Eduardo E. – **Community Design and the Culture of Cities: The Crossroad and the Wall**. Cambridge: University Press, 1990. p. 45

14 *Idem*, p.46



(à esquerda) fig. 5 - Dualidade "eventos contínuos *versus* eventos discretos": Teotihuacán (México), 0-400 d.C.
 (à direita) fig. 6 - Dualidade "eventos contínuos *versus* eventos discretos": Sines (Portugal)

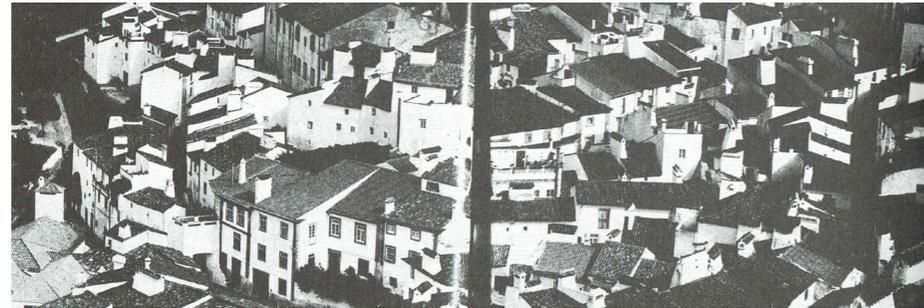
Por último, a terceira dualidade - elementos repetitivos *versus* elementos únicos (fig. 7 e 8) – reconhece que os padrões urbanos são maioritariamente constituídos por um número de elementos relativamente indiferenciados que se repetem. Simultaneamente, reconhece que elementos relativamente especiais surgem periodicamente, formando “ilhas únicas no meio dos elementos indiferenciados”¹⁵. Segundo Eduardo Lozano, esta é uma das dualidades mais herméticas, dado que indica que a imagem da cidade pode ser criada pela repetição visual de elementos indiferenciados como por elementos únicos.¹⁶ Os elementos repetitivos são os que dão forma à *urbe*, potenciando as atividades da comunidade e expressando a sua forma de vida e cultura. Os elementos únicos são a expressão ou de uma atividade muito especializada ou, na maior parte dos casos, apresentam-se como símbolos da hierarquia da comunidade. A ligação entre os elementos repetitivos com a cultura local (que se tornam expressões regionais) bem como o carácter universal dos elementos únicos, tornam-se fatores críticos para a verdadeira compreensão das formas urbanas.¹⁷ Na sua opinião, o assunto mais relevante analogamente a esta dualidade é o de atribuir o *status* único a algumas estruturas em tempos de desintegração cultural, bem como distinguir as várias escalas de edifícios diferentes no contexto da comunidade.¹⁸

15 LOZANO, Eduardo E. – **Community Design and the Culture of Cities: The Crossroad and the Wall**. Cambridge: University Press, 1990. p.48

16 *Idem*, p.50

17 *Idem*, p.51

18 *Idem*, p.55



(à esquerda) fig. 7 - Dualidade "eventos repetitivos *versus* eventos únicos": Castelo de Vide (Portugal)
(à direita) fig. 8 - Dualidade "eventos repetitivos *versus* eventos único": Sines (Portugal)

Estas dualidades representam variedades de resultados formais nos padrões urbanos. Na realidade, os padrões sintetizam as várias dualidades numa única forma. Têm a considerável capacidade de representar uma diversidade de elementos e independentemente desta variedade, as dualidades fazem parte da taxonomia dos padrões urbanos e pertencem ao que se pode chamar de “tipologias urbanas”¹⁹.

Neste ponto de vista, em busca da compreensão deste território e observando a imagem aérea da cidade de Sines, deparamo-nos com a imagem dada por Francesco Careri (1966) quando define as cidades que cresceram além dos seus núcleos originais. Refere-se a uma cidade como um tecido orgânico, composto por linhas que se acumulam em porções mais ou menos densas²⁰. No centro, observa-se que este “tecido orgânico” é mais compacto, enquanto que junto aos seus limites este “expele ilhas separadas do resto do tecido construído”²¹. Para o autor, o resultado é um padrão em arquipélago (fig. 9):

“(...) a grouping of islands that float in a great empty sea in which the waters form a continuous fluid that penetrates the solids, branching out on various scales, all the way to the smallest abandoned nooks and crannies between the portions of constructed city”²².

À medida que as “ilhas” crescem, transformam-se em centros com identidades próprias, frequentemente equivalentes ao centro original, formando um sistema policêntrico. Neste tipo de padrão, não só existem

19 LOZANO, Eduardo E. – **Community Design and the Culture of Cities: The Crossroad and the Wall**. Cambridge: University Press, 1990. p. 55

20 CARERI, Francesco – **Walkscapes: Walking as an aesthetic practice**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. p.181

21 *Idem*

22 *Idem*

grandes porções de território vazio, como estas se encontram ligadas por vários vazios de diferentes escalas e tipologias. Estes vazios formam conjuntos de modo a constituir um sistema ramificado, que permite a interconexão das grandes áreas “que se definem por vazios urbanos”²³.

23 CARERI, Francesco – **Walkscapes: Walking as an aesthetic practice**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. p.183



fig. 9 - Diagramas do aparecimento de ilhas, Sines (Portugal)

Segundo Joana Pereira (...), foi principalmente durante a década de noventa do passado século que várias cidades europeias se foram sensibilizando para uma mudança de consciência relativamente a esta problemática²⁴. Como se pode observar em Sines, o abandono destas áreas foi, e é ainda, geralmente uma consequência das alterações intrínsecas às dinâmicas económicas urbanas. Estas alterações continuam, ainda hoje, a ser um assunto na discussão sobre a cidade contemporânea, “no sentido em que a falta de função e identidade desses locais refletem diretamente o rompimento da malha e os obsoletos fragmentos da cidade”²⁵. Desta forma, podemos falar em espaços residuais ou interstícios urbanos, relacionando a primeira dualidade “espaço não construído *versus* forma construída”²⁶ com aquela enunciada por Maria Rosália Guerreiro (...): “edifício *versus* interstício”²⁷. Assim, possibilita-se uma maior compreensão sobre a importância de reconhecimento destes “esquecimentos urbanos” que se relaciona com o seu caráter de “novos territórios expletantes de revitalização e reintegração na morfologia urbana”²⁸. Nesta perspetiva, estes espaços que podem ser considerados como espaços sem vida ou abandonados, passam a ser encarados como “potenciais de acolhimento e resposta aos modos de vida emergentes, alternativos ao da cidade formal”²⁹.

24 PEREIRA, Joana – Espaços Residuais Urbanos: os ‘Baixios’ de Viadutos. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura. p. 82

25 *Idem*, p. 83

26 LOZANO, Eduardo E. – **Community Design and the Culture of Cities: The Crossroad and the Wall**. Cambridge: University Press, 1990. p. 37-38

27 GUERREIRO, Maria Rosália- Interstícios Urbanos e o Conceito de Espaço Exterior Positivo. **Fórum Sociológico** [em linha]. nº 18 (2008), [Consult. 9 Jun. 2016]. Disponível em WWW: < <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/5301>> p. 13

28 PEREIRA, Joana – Espaços Residuais Urbanos: os ‘Baixios’ de Viadutos. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura. p. 85

29 *Idem*, p. 83

O termo *Interstício*, em histologia, refere-se a uma pequena área, orifício ou espaço existente na estrutura de um órgão ou tecido orgânico. Apesar da sua noção se estender a várias escalas, é o espaço intercalar entre células de um tecido³⁰. Em arquitetura, por analogia, o conceito de interstício é utilizado para designar “o espaço não edificado resultante da disposição e agregação dos edifícios”³¹ (fig. 10 e 11). Segundo Maria Rosália Guerreiro, esta analogia surgiu da comparação das cidades designadas “orgânicas, espontâneas, não planeadas ou irregulares cuja organização se assemelha profundamente a um organismo vivo e estendeu-se aos vários tipos de cidade em geral”. Assim, do mesmo modo que podemos observar os interstícios nos tecidos orgânicos, também numa cidade “dita orgânica os edifícios dão origem a espaços do mesmo tipo”³². É possível, ainda, atribuir as designações de espaço negativo (vazios – espaço não edificado), por contraponto ao espaço positivo (cheio – espaço edificado). Como nos alerta a autora, para além dos fatores que usualmente são enunciados para descrever o estado caótico das nossas cidades (especulação imobiliária, pobreza, acessibilidade, etc.) verificamos que também existe uma crise relacionada com a perceção dos interstícios enquanto forma, ou seja, enquanto objeto de planeamento e desenho.³³

30 QUEIRÓS, Ana – Humanização de Espaços Intersticiais Urbanos. Porto: Universidade Lusíada do Porto, 2014. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura. p.21

31 GUERREIRO, Maria Rosália- Interstícios Urbanos e o Conceito de Espaço Exterior Positivo. **Fórum Sociológico** [em linha]. nº 18 (2008), [Consult. 9 Jun. 2016]. Disponível em WWW: < <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/5301>> p. 14

32 *Idem*

33 *Idem*

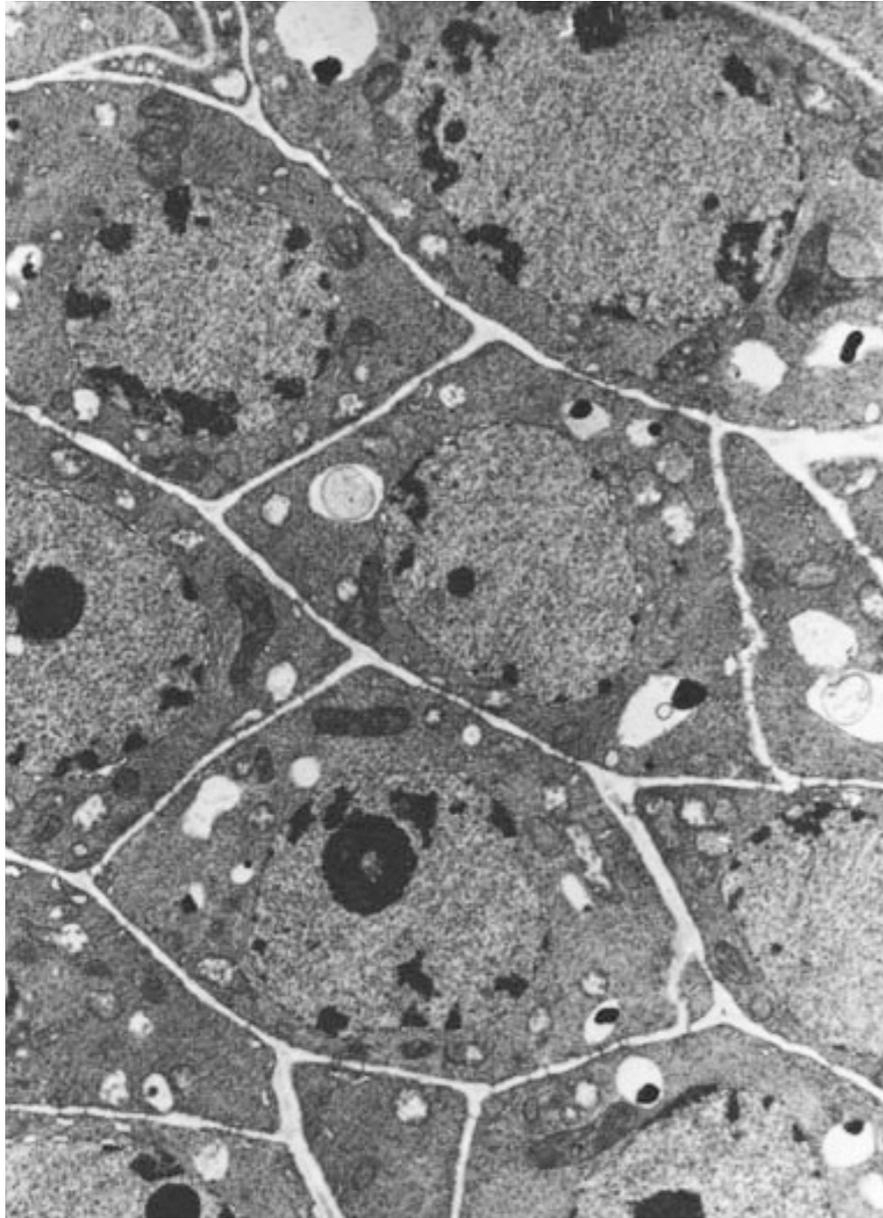


fig. 10 - Citoplasma de células da planta de tomate

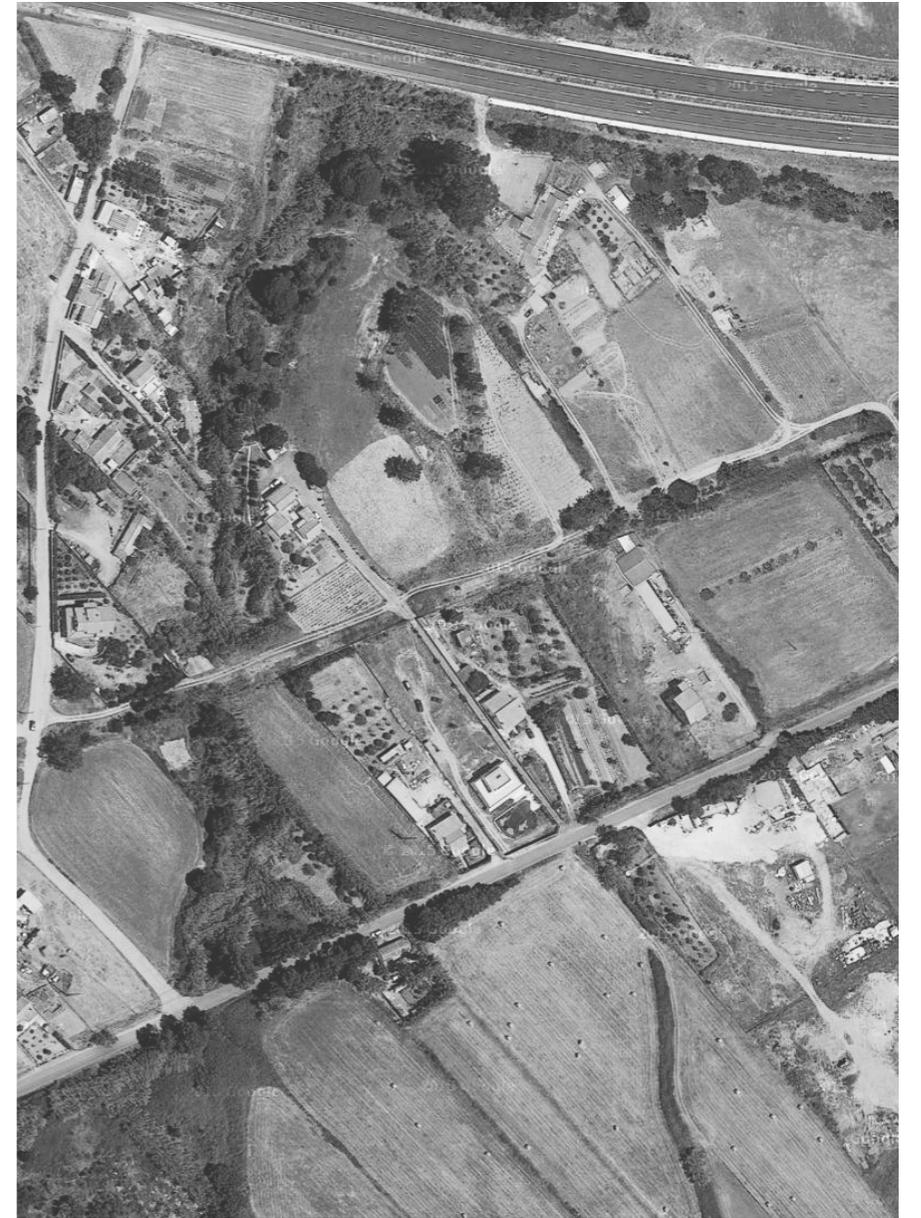


fig. 11 - Fotografia aérea de campos agrícolas, Sines (Portugal), 2016



fig. 12 - Espaço negativo e espaço positivo

No entanto, estas designações de “espaço positivo” e “espaço negativo” servem também para diferenciar dois tipos de espaço público (fig. 12). Segundo Christopher Alexander (1936), o espaço público é negativo quando é o resíduo deixado pelos edifícios – normalmente designados como espaços positivos – que são construídos no território³⁴. Estes espaços, refere ainda, que são meramente “sobras” entre edifícios, em geral, não serão usados. Os espaços públicos são positivos quando têm uma forma definida. Outro modo, de distinguir estes dois tipos de espaços é através do seu grau de enclausura e convexidade (fig. 13). O autor refere que, em matemática, o espaço é convexo quando uma linha junta quaisquer dois pontos dentro do desenho de um espaço sem sair do mesmo; assim, o espaço é não convexo quando o contrário sucede. Os espaços positivos são, ainda, parcialmente enclausurados, e a área “virtual” que parece existir é convexa. Os espaços negativos, pelo contrário, devido à sua pobre definição, são não convexos³⁵. Apesar da dificuldade em explicar que as pessoas se sentem mais confortáveis num espaço que é parcialmente enclausurado, “parece provável que a necessidade de clausura remonte aos nossos mais primitivos instintos”³⁶. Embora este fator não se verifique sempre, existem diversos estudos que demonstram este fenómeno³⁷.

Além destas características, mais gerais, dos espaços intersticiais importa mencionar a sua relação com possíveis modelos. Kevin Lynch

34 ALEXANDER, Christopher - **A Pattern Language**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1977. p. 519

35 *Idem*, p. 519

36 *Idem*, p. 520

37 O autor referencia como exemplos: os seus próprios estudos relacionados com as necessidades de espaço das pessoas nos seus locais de trabalho; Clare Cooper, Open Space Study, San Francisco Urban Design Study, San Francisco City Planning Dept.

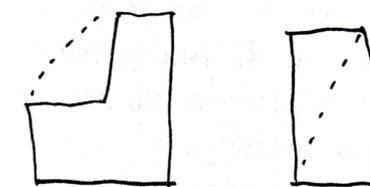


fig. 13 - Espaço não convexo e espaço convexo

(1918-1984) enuncia três modelos normativos que se referem a um conjunto coerente de ideias acerca da forma adequada da cidade: o modelo cósmico, o modelo cidade-máquina e o modelo *orgânico*. Apesar da dificuldade de enquadrar, rigorosamente, o território de Sines num destes modelos poderíamos dizer que este, principalmente do ponto de vista da qualidade dos seus interstícios, se ajusta ao modelo cidade-máquina. Este modelo “foi útil sempre que os aglomerados populacionais tiveram um caráter mais temporário, tiveram de ser construídos à pressa, ou foram construídos com objetivos claros, limitados e práticos”³⁸ como é o caso desta cidade em estudo. Segundo Maria Rosália Guerreiro, os espaços intersticiais produzidos por este modelo de cidade, ao contrário dos restantes modelos, “não têm um caráter positivo e, conseqüentemente, são apenas espaços residuais entre os edifícios. A importância da forma do edifício em detrimento da forma do espaço exterior tem levado necessariamente à conceção deste tipo de cidade”³⁹. Nesta situação, observa-se que o espaço público se encontra desvalorizado relativamente ao espaço edificado, resultando numa situação que não convida à vida coletiva (fig. 14 e 15).

Estes espaços intersticiais e as consquentes relações disruptivas presentes no território de Sines sucedem-se a várias escalas: entre a cidade e o porto; entre o ambiente e paisagem e a infraestrutura económica e produtiva; mas também entre a frente urbana litoral e a coroa urbana interior; entre a compacidade do centro e a dispersão da periferia; entre os vários bairros periféricos entre si; entre o limite da cidade e a cerca

38 *Cit. por* GUERREIRO, Maria Rosália- Interstícios Urbanos e o Conceito de Espaço Exterior Positivo. **Fórum Sociológico** [em linha]. nº 18 (2008), [Consult. 9 Jun. 2016]. Disponível em WWW: < <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/5301> > p. 17

39 *Idem*

edificada dos “não lugares”⁴⁰ rodoviários e do corredor de *pipelines*. No entanto, quem habita estes territórios também tem “direito à cidade”⁴¹, e o papel da arquitetura deveria ser o de possibilitar a existência de um conjunto de (entre) espaços, onde não existe um e outro espaço. Mas sim, um espaço neutro – um lugar que acontece entre ambos, numa dimensão acessível a ambos.

Neste contexto, estes interstícios urbanos não estão só à espera de serem preenchidos com objetos. Eles são “espaços vivos” para serem preenchidos com significados. Deste modo, não estamos perante uma não-cidade para ser transformada em cidade, mas sim de uma cidade com as suas próprias dinâmicas e estruturas que ainda estão por compreender inteiramente. A imagem do arquipélago, anteriormente enunciada, permite-nos ver não só a imensidão do mar aberto, mas também a sua superfície ou as suas diversas profundidades⁴². Ao mergulhar dentro do sistema de vazios e à medida que se explora a sua capilaridade, podemos compreender que o que habitualmente chamamos de “vazio”, não o será necessariamente. Pelo contrário, contem não só um conjunto de diferentes identidades como apresenta uma oportunidade de regeneração urbana (fig. 16 e 17).

40 Termo utilizado por Marc Augé (Etnólogo e Antropólogo francês) pela primeira vez em 1992 no livro *Não Lugares*.

41 Expressão atribuída a Henri Lefebvre (Filósofo e Sociólogo francês) devido ao manifesto *Le Droit à la Ville* escrito em 1968

42 CARERI, Francesco – **Walkscapes: Walking as an aesthetic practice**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. p.185



fig. 14 e 15 - Desvalorização do espaço público, Sines (Portugal), 2016



fig. 16 e 17 - Oportunidade de regeneração urbana, Sines (Portugal), 2016

**INTERSTÍCIOS URBANOS: LUGARES ENTRE
DOMÍNIOS**



Foi possível compreender, a partir do capítulo anterior, que estamos perante um território com as suas próprias dinâmicas e caracterizado pela diversidade das suas estruturas. Apesar de apresentar uma oportunidade de regeneração urbana, encontramos-nos sob a dificuldade de nos confrontar com um território “imenso, urbano e cultural, que nos põe o problema do seu desbravamento”⁴³. Na tentativa de resolver os problemas da cidade “plural”, com os seus problemas urbanos, numerosos e complexos, é necessário “pôr em questão as nossas ideias de base acerca das relações do homem com o seu ambiente (...)”⁴⁴. Este modo de pensar, como afirma Nuno Portas (1934), faz com que esta cidade mereça o neologismo de “*metapolis*”: uma *polis* que “inclui diferentes formas sociais e urbanísticas que mais convenham aos cidadãos para viver, crescer e mudar”⁴⁵. A *metapolis* referida por François Ascher (1946-2009), caracteriza-se pela sua complexidade:

*“(...), espaço distendido, descontínuo, heterogéneo, polarizado, em recomposição; espaço de mobilidades variadas e irregulares; espaço de trajetos e de contactos face a face; espaço especializado pelas múltiplas lógicas socioeconómicas; espaço de conflitos. A metápole, é no mínimo, complexa [...] mas, apesar de tudo, funciona.”*⁴⁶

É precisamente devido a esta complexidade que se torna necessário por em ação um planeamento flexível e que seja capaz de resistir “às flutuações sem se desintegrar”⁴⁷. Deste modo, parece ser

43 HALL, Edward T. - **A Dimensão Oculta**. Lisboa: Relógio d'Água, 1986. p. 212

44 *Idem*, p. 211

45 Prefácio de Nuno Portas in ASCHER, François – **Novos Princípios do Urbanismo Seguido de Novos Compromissos Urbanos: Um Léxico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010. p. 13

46 ASCHER, François – **Metapolis: Acerca do Futuro da Cidade**. Oeiras: Celta Editora, 1998. p. 135

47 *Idem*, p. 148

mais pertinente posicionarmo-nos sobre o território numa perspetiva mais reflexiva e sensível do que utilizar “força física”:

*“Precisamos, ao mesmo tempo, de ideias e de paixão, coisas que descobriremos mais entre os seres humanos do que no mundo dos objetos, mais através das estruturas do que dos conteúdos, mais na profundidade dos contactos humanos do que no desprendimento e na separação.”*⁴⁸

Neste contexto, de relação das questões intrínsecas à cidade com as próprias questões do Homem, torna-se pertinente compreender as questões do individualismo e coletivismo, exploradas por Martin Buber (1878-1965). Para o autor, o individualismo vê o homem em relação a si próprio, enquanto o coletivismo falha em ver o homem de todo⁴⁹. No entanto, o que está relacionado apenas consigo mesmo, ou o que não está relacionado de todo, confunde a relatividade e torna-se em algo abstrato e absoluto – “e nada que pertence ao homem é abstrato ou absoluto”⁵⁰. Nem o individualismo, nem o coletivismo podem constituir a totalidade do homem. Martin Buber refere-se à totalidade do homem como algo que está além da abstração fria quer do individualismo, quer do coletivismo. No entanto, dado que ambas as dimensões são abstratas e, em consequência, igualmente irreais, são incapazes de compreender o caminho entre um homem e o outro. Como refere, só há uma realidade entre duas pessoas a qual nomeia de “*real third*”⁵¹. Este conceito não é um recurso de emergência, mas um instrumento real e portador de tudo o que se passa entre pessoas reais⁵². Assim, acentua-se a importância

48 HALL, Edward T. - **A Dimensão Oculta**. Lisboa: Relógio d'Água, 1986. p. 212

49 *Cit. por* EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 54

50 *Idem*

51 *Idem*

52 *Idem*

de compreender que o individualismo e o coletivismo não podem ser reconciliados como abstrações ou absolutos. Tal não é possível dado que apenas o que é real pode “apertar mãos” e adquirir um significado ambivalente – “é preciso mãos reais, para realmente apertar mãos”⁵³ Por isso, este conceito é um diálogo e uma compreensão entre pessoas reais. No entanto, não é algo que acontece a uma pessoa, e separadamente a outra, num mundo neutro – é algo que acontece entre ambas numa dimensão acessível a ambas.⁵⁴ Com o objetivo de aproximar estes pensamentos de uma possibilidade de atuação sobre os interstícios do território de Sines, parece ser necessária a compreensão de uma teoria explorada por Aldo van Eyck (1918-1999): o domínio do *in-between*. Este domínio relaciona-se e é fundamentado no anterior. O arquiteto chega a este conceito citando uma passagem do livro *Das Problem des Menschcen* (1943), escrito por Martin Buber:

“(...) on the other side of the subjective, on this side of the objective, on the narrow borderline where I and you meet lies the in-between realm”⁵⁵.

Aldo van Eyck transporta-nos assim para o seu conceito de ‘umbral’⁵⁶⁵⁷ (fig. 19 e 20), acreditando ser um símbolo rico o suficiente para sustentar um tipo de arquitetura, ou planeamento, que considera “ser mais válido que o tipo habitualmente visto na época [1962] e nos trinta anos precedentes”⁵⁸. Para o autor é pertinente que a arquitetura estenda a sua

53 /EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 54

54 *Idem*

55 *Idem*, p. 55

56 *Idem*

57 O autor utiliza a expressão ‘doorstep’

58 *Idem*

‘estreita fronteira’⁵⁹ de forma a persuadi-la a entrar no articulado domínio de *In-Between*. O seu papel é fornecer este domínio pela via da construção, ou seja, fornecer, da escala da casa à escala da cidade, um conjunto de espaços reais para pessoas e coisas reais⁶⁰. É também pertinente esta consciência, uma vez que o significado de cada espaço é real e múltiplo. Permite transformar não só a ideia no sentido do “que” se deve fazer, mas também “como” o devemos fazer, implicando também a inclusão da abordagem técnica. Para Aldo van Eyck, a assimilação deste domínio fará com que o mesmo esteja presente no “corpo, nos membros e articulações de tudo o que fizermos”.⁶¹

59 O autor utiliza a expressão ‘narrow borderline’

60 EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 55

61 *Idem*



(à esquerda) fig. 19 - Fotografia ilustrativa do conceito de *doorstep*, Ernst Haas
 (à direita) fig. 20 - Fotografia ilustrativa do conceito de *doorstep*, Sines (Portugal), 2016

No texto “*Our natural affinity toward the in-between*” o autor torna mais acessível a compreensão do conceito. Ao sugerir que caminhemos descalços na praia através “do último fino lençol de água do oceano que desliza entre terra e mar”⁶², demonstra um acontecimento diferente da nostalgia recíproca do pescador (fig. 21 e 22):

*“No landward yearning from the sea, no seaward yearning from the land. No yearning for the alternative – no escape from one into the other. You coincide with both, because their coincidence is you.”*⁶³

A partir desta metáfora é possível compreender que estabelecer esta posição intermediária é “reconciliar polaridades em conflito”⁶⁴. Deste modo, é necessário fornecer o lugar onde estas possam interagir sem se anularem: um lugar onde o mar e a terra possam coexistir. Nestes termos, o papel da arquitetura é fornecer uma estrutura construída para este fenómeno “do individual e do coletivo sem recorrer à acentuação arbitrária”⁶⁵ de um relativamente ao outro. Ou seja, sem deformar o significado de qualquer um. Isto aponta para a necessidade de conciliar a ideia de unidade com a ideia de diversidade em termos arquitetónicos. Para Aldo van Eyck, a diversidade só pode ser alcançada através da unidade; e a unidade só pode ser alcançada através da diversidade.

⁶² EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 56

⁶³ *Idem*

⁶⁴ *Idem*, p. 61

⁶⁵ *Idem*, p.60



(à esquerda) fig. 21 - Fotografia ilustrativa do conceito de *in-between*, Nazaré (Portugal), 1955, Cartier Bresson
(à direita) fig. 22 - Fotografia ilustrativa do conceito de *in-between*, Sines (Portugal), 2016

A reciprocidade dos termos unidade-diversidade e parte-todo deveriam, de certo modo, “pelo menos, cobrir a reciprocidade humana do indivíduo-coletivo”⁶⁶. Consequentemente, não parece natural a conceção do habitat em duas disciplinas – arquitetura e urbanismo. Assim, dever-se-ia fazer arquitetura urbanisticamente e urbanismo arquitetonicamente, ou seja, “chegar ao singular através do plural e vice-versa”⁶⁷.

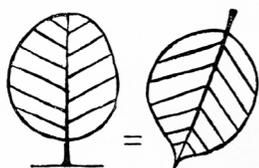


fig. 23 - Diagrama “Tree and Leaf”
Aldo van Eyck, 1962

Como Aldo van Eyck refere “(...) *a house is like a small city if it is to be a real house – a city like a large house if it is to be a real city*”⁶⁸ (fig. 23), desta forma, a cidade, tal como a casa, deveria ser um conjunto de lugares para que o ambiente urbano possa ser, novamente, habitável. Para o autor, a cidade é a consequência da realidade da sociedade, e é por se ter perdido as noções de ‘indivíduo’ e ‘coletivo’ que não se consegue lidar com a mesma⁶⁹. Assim, a arquitetura deveria aproximar-se mais do “fino lençol de água” entre a terra e o mar e possibilitar, tanto na casa como na cidade, um sentimento de chegar - e partir - a casa em qualquer um dos sentidos⁷⁰.

Relacionado com esta imagem da casa (cidade), é importante retomar a imagem da porta. Aldo van Eyck refere que a porta é algo que enquadra o momento de chegar e partir e, por isso, é uma “experiência vital”⁷¹. A casa-cidade deveria ser pensada como uma configuração de

66 EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 60

67 *Idem*

68 *Idem*

69 *Idem*, p. 61

70 *Idem*, p. 61-62

71 *Idem*, p. 62

“espaços intermediários claramente definidos”⁷², o que implica uma rutura com o “conceito contemporâneo da continuidade espacial e a tendência de apagar todos os espaços de articulação”⁷³. Contrariamente, sugere uma transição através da articulação de ‘entre-espaços’. Este modo de pensar implica um tipo de projeto que tem em consideração uma realidade humana mais completa e complexa. No entanto, não se trata apenas de uma expressão dos valores humanos, mas sim a construção de um lugar “(...) para que o Homem possa estar onde quer estar: em casa onde quer que esteja”⁷⁴. Dado que o ‘tamanho ideal’⁷⁵ é ao mesmo tempo grande e pequeno; muito e pouco; longe e perto; complexo e simples; aberto e fechado; todo e parte; vai abranger sempre diversidade e unidade. Nesta perspetiva, a questão do ‘tamanho ideal’ não existe, tal como não existe a questão da escala humana⁷⁶, dado que este “floresce assim que as engrenagens leves da reciprocidade começarem a funcionar – no clima da relatividade; na paisagem de todas as polaridades”⁷⁷ (fig. 24 e 25).

Por isso a importância atribuída a fazer de cada porta e janela um lugar com a sua devida ocasião:

*“make of each a place, because man’s home-realm is the in-between realm – the realm architecture sets out to articulate – the intention is again to unmask false meaning and to load the meaning of size with what right-size implies”*⁷⁸

72 EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 63

73 *Idem*

74 *Idem*

75 O autor utiliza a expressão ‘right-size’

76 *Idem*, p. 64

77 *Idem*

78 *Idem*



fig. 24 - Fotografia "Chapéu grande ou telhado pequeno?", George Rodger



fig. 25 - Antigo mercado de peixe, Torres Vedras (Portugal)

Segundo o autor aquilo que significa espaço e tempo, lugar e ocasião têm um maior significado dado que espaço, à imagem do homem, é lugar; e tempo, à imagem do homem, é ocasião. Podemos verificar que neste território, o “espaço e o que deveria acontecer para que se transformasse em lugar- o homem em casa consigo mesmo – estão perdidos. (...)”⁷⁹. O que se torna necessário, refere, é uma alteração dimensional, tanto na forma de pensar como na forma de trabalhar. Consequentemente, permite-se que a natureza quantitativa de cada polaridade separada se possa englobar e mitigar pela natureza qualitativa da combinação de todas as polaridades: “a medicina da reciprocidade”⁸⁰. Neste domínio, é diminuída a importância dos aspetos da construção, forma ou materiais face à importância das pessoas, precisamente por não constituírem o corpo do espaço:

*“Just as a skeleton is not a person – a human being – unless it has one alive in and around it, so a building is not a building, a place not a place, until it has people in and around it experiencing its positive meaning-potential. They, not the construction, form or materials are the body of space.”*⁸¹

Se o espaço permitir que as pessoas o habitem, ele tornar-se-á lugar. Deste modo, a arquitetura é a ferramenta para conceber estes lugares que pertencem “ao tesouro de lugares”⁸² das cidades. Como refere Louis Kahn (1901-1974), os lugares não são rígidos: são intercambiáveis. Consequentemente a arquitetura é a ferramenta para construir “lugares

79 I EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 64

80 *Idem*, p. 66

81 *Idem*, p. 67

82 WURMAN, Richard Saul – **What Will Be Has Always Been: The Words of Louis I. Kahn**. Nova Iorque: Access Press Ltd e Rizzoli, 1986. p. 96

com significado”⁸³. Se a casa-cidade, deverá ser pensada como configuração de espaços intermediários, então a atuação sobre estes espaços (interstícios) funcionando como acupunturas e conciliando estas questões, parece tornar-se pertinente.

Neste contexto, a questão da acupuntura (urbana) é importante, visto que se refere ao potencial regenerador de intervenções urbanas “compactas e catalíticas com a condição de que estas devem ser realizadas dentro de um período de tempo relativamente curto [por comparação às grandes intervenções urbanas] e serem capazes de espontaneamente reestruturar as suas imediações”⁸⁴. Deste modo, o que se pretende na intervenção destes interstícios é o que Oriol Bohigas (1925) refere relativamente às ferramentas físicas da acupuntura urbana: para que sejam efetivamente catalisadores, os novos projetos têm de estar perfeitamente localizados num meio frequentemente complicado, e desenhados com precisão para resolver uma multitude de prolemas com o objetivo de renovação⁸⁵. De acordo com Solà-Morales (1942-2001), a acupuntura urbana terá de ser identificada como uma estratégia e o projeto como a sua ferramenta central⁸⁶. Como o autor define, a acupuntura urbana centra-se nas intervenções em pontos cruciais, provocando “reações compreensivas que melhoram todo organismo”⁸⁷ da cidade.

83 WURMAN, Richard Saul – **What Will Be Has Always Been: The Words of Louis I. Kahn**. Nova Iorque: Access Press Ltd e Rizzoli, 1986. p. 96

84 SHIEH, Leonardo – **Urban Acupuncture as a Strategy for São Paulo**. Massachusetts: Instituto de Tecnologia de Massachusetts, 2006. 132 p. Tese de Mestrado em Arquitetura. p. 12

85 *Cit. por* SHIEH, Leonardo – **Urban Acupuncture as a Strategy for São Paulo**. Massachusetts: Instituto de Tecnologia de Massachusetts, 2006. 132 p. Tese de Mestrado em Arquitetura. p. 54

86 *Idem*

87 *Idem*, p. 60

Este pensamento implica um entendimento do sistema e os efeitos de cada intervenção, sem necessidade de recorrer a “uma grande cirurgia ou tratamento constante”⁸⁸.

Um dos exemplos que se poderá enquadrar neste modo de pensar, é o projeto de parques infantis para a cidade de Amsterdão de Aldo van Eyck. Este projeto teve início em 1947, num contexto pós-guerra, e terminou em 1978 com um conjunto de mais de 700 parques infantis⁸⁹. O propósito destas intervenções seria transformar o espaço vazio (intersticial) num lugar informal e especialmente dedicado às crianças⁹⁰. De um modo geral, estes parques caracterizavam-se pelos meios e objetos simples, que “não tendo nenhuma forma específica, deixam a sua função em aberto, estimulando a imaginação das crianças”⁹¹ (fig. 26 e 27).

88 *Cit. por* SHIEH, Leonardo – **Urban Acupuncture as a Strategy for São Paulo**. Massachusetts: Instituto de Tecnologia de Massachusetts, 2006. 132 p. Tese de Mestrado em Arquitetura. p. 60

89 HESSELGREN, Anna – **Spaces In-Between in Kiruna City Transformation**. [Em linha] [Consult. 29 Set. 2015]. Disponível em em WWW: <https://walkonwildsideanna.wordpress.com/2014/10/14/aldo-van-eyck-the-playgrounds-and-the-city/>

90 STRAUVEN, Francis – **Aldo van Eyck: The Shape of Relativity**. Amsterdão: Architectura Natura, 1998. p. 161-162

91 HESSELGREN, Anna – **Spaces In-Between in Kiruna City Transformation**. [Em linha] [Consult. 29 Set. 2015]. Disponível em em WWW: <https://walkonwildsideanna.wordpress.com/2014/10/14/aldo-van-eyck-the-playgrounds-and-the-city/>



(à esquerda) fig. 26 - Parque infantil Dijkstraat: antes da intervenção, Amsterdão (Holanda), 1954, Aldo van Eyck
(à direita) fig. 27 - Parque infantil Dijkstraat: depois da intervenção, Amsterdão (Holanda), 1954, Aldo van Eyck

O outro exemplo, mais recente, desta forma sistemática de abordar os problemas da cidade contemporânea é o plano de reabilitação de Barcelona nos anos 1980 (fig. 28 e 29). Quando Oriol Bohigas se tornou responsável pelo gabinete de planeamento da cidade, em 1981, a sua decisão foi “diminuir a importância do *Masterplan* Geral para Barcelona de 1976 e estabelecer (...) pequenos projetos pela cidade – na sua maioria, projetos de espaços abertos”⁹². Para Leonardo Shieh, esta escolha por “projetos locais e simples” foi o catalisador para uma transformação urbana bem-sucedida, culminando na seleção da cidade para os Jogos Olímpicos de 1992⁹³. Nuria Benach sintetiza esta estratégia dizendo: “[de acordo com Bohigas] esta intervenção urbana foi metastática, estratégica, para a reconstrução e maioritariamente suportada pelo design de espaços públicos, dado que são os mais eficazes para atingir estas metas imediatamente”⁹⁴.

Estas intervenções são metastáticas visto que “uma série de ações podem ser o foco de regeneração dos arredores”⁹⁵; estratégicas para que as “metátases possam ser eficazes, a ‘infeção’ inicial tem de ser aplicada no ‘nervo central’ do bairro, da cidade, da metrópole”⁹⁶; por fim, para a reconstrução dado que “construir no que já está construído, melhorar o que já existe, transformar, modificar; reabilitar; ‘re-significar’, salientar ou criar identidades são os objetivos mais claros e importantes”⁹⁷.

92 *Cit. por* SHIEH, Leonardo – **Urban Acupuncture as a Strategy for São Paulo**. Massachusetts: Instituto de Tecnologia de Massachusetts, 2006. 132 p. Tese de Mestrado em Arquitetura. p. 47

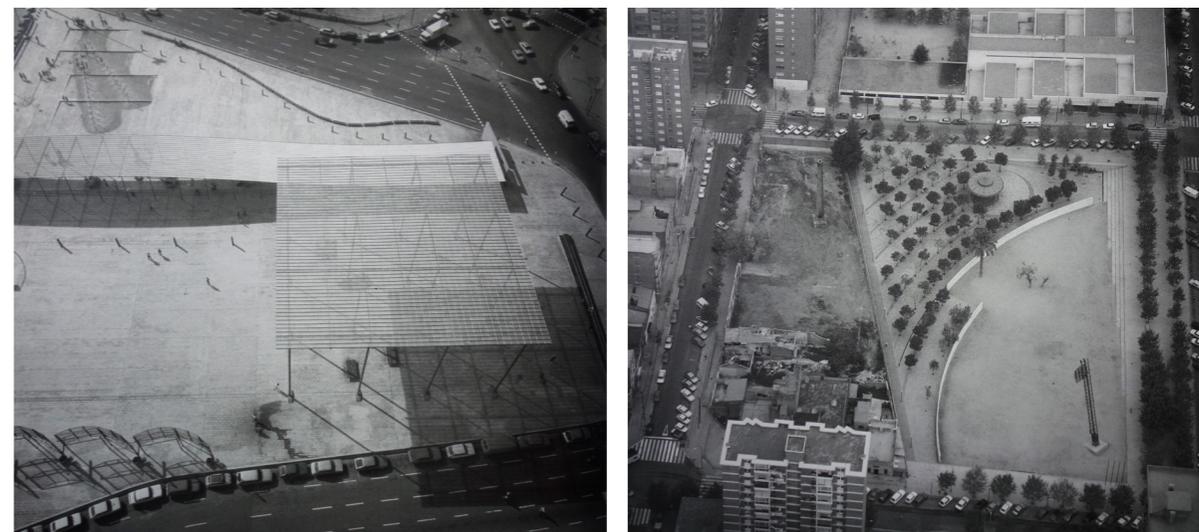
93 SHIEH, Leonardo – **Urban Acupuncture as a Strategy for São Paulo**. Massachusetts: Instituto de Tecnologia de Massachusetts, 2006. 132 p. Tese de Mestrado em Arquitetura. p. 47

94 *Idem*. p. 48

95 *Idem*

96 *Idem*

97 *Idem*



(à esquerda) fig. 28 - Fotografia do projeto da Plaça dels Països Catalans, Barcelona (Espanha), 1981-1983, Albert Viaplana e Helio Piñón

(à direita) fig. 29 - Fotografia do projeto da Plaça de la Palmera, Barcelona (Espanha), 1982-1984, Pedro Barragán e Bernardo de Sola

Esta perspectiva sugere que a tarefa de projetar terá de se configurar como um campo intermediário de trabalho em que as várias escalas, e polaridades, da cidade são abordadas com o objetivo da regeneração. Os espaços intersticiais apresentam uma oportunidade de refletir sobre a conceção de um ambiente doméstico, sustentando um sentimento de pertença, relacionado com a ocasião de cada um. Através da conceção de lugares cidade-casa, é possível a evolução de espaços (intersticiais) para lugares (intersticiais). Tal como sugere Louis Kahn acerca do espaço da rua, também estes espaços intersticiais poderiam ser vistos como quartos: “a rua é realmente um quarto, mas é um quarto peculiar. [...] É o primeiro espaço comunitário”⁹⁸:

*“From this outside room with the sky as the roof must have come the notion of having the first meeting place. Weather conditions suggested a roof, which made a simple enclosure which you also called a meeting house, within which you could put some benches”.*⁹⁹

Estas noções revelam a importância da cidade, e dos seus interstícios, como indutora de uma realidade mais humana. Os interstícios já não são interpretados como espaços rígidos e limitados, mas vistos como pontos focais de acontecimentos, fluxos de mobilidade, momentos energéticos e oportunidades de transformação. É precisamente pelas suas qualidades intersticiais que se torna possível a costura das esferas (consolidadas) da cidade tradicional e o espaço público, criando uma terceira – a domesticidade.

O aspeto central desta questão – da domesticidade – reside

⁹⁸ WURMAN, Richard Saul – **What Will Be Has Always Been: The Words of Louis I. Kahn**. Nova Iorque: Access Press Ltd e Rizzoli, 1986. p. 123

⁹⁹ *Idem*, p. 123

na relação entre a privacidade da casa e da sua localização, que faz parte da cidade e comunica com o espaço público¹⁰⁰. O tema que se foca neste trabalho pode ser definido como a escala da domesticidade urbana, individual e coletiva. Não se trata, propriamente, de desenhar uma massa construída ou da abstração de um plano, mas sim de um projeto de arquitetura que dá espaço ao projeto urbano e ao pensamento sobre os espaços públicos. Esta perspetiva mostra que pode ser possível, através destes (entre) espaços, reconciliar estas dimensões opostas (casa/privado – cidade/publico) sem a criação de ruturas. As noções que se sugerem de “semipúblico” e “semiprivado” estabelecem o limite entre as dimensões publicas e privadas e “são consideradas menos urbanas, mas, certamente, detentoras de uma maior experiência”¹⁰¹. Atuam como um espaço intermediário que não é estático, mas sim dinâmico. Não se pretende “imitar a vida do interior”¹⁰², mas sim um contributo para a cidade a partir da extensão da ideia de ‘umbral’ além do espaço físico que ocupa. Configura-se como um tipo de exercício que pode ser apresentado como uma mediação positiva entre a casa e a cidade; o publico e o privado; o grande e o pequeno; o muito e o pouco; complexo e simples; aberto e fechado; todo e parte; diverso e único – e por isso à escala humana.

Neste diálogo, torna-se possível “uma constante reinvenção do espaço público”¹⁰³. As questões do “espaço publico, democracia,

100 PINTO, Diana – **Storytelling Ground: The Urban Dynamic of the Contemporary City**. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012. p. 5

101 *Idem*

102 *Idem*

103 PINTO, Diana – **Storytelling Ground: The Urban Dynamic of the Contemporary City**. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012. p. 5

heterogeneidade e identidade”¹⁰⁴ estão relacionadas com o conceito de cidade onde esta conexão balanceada é importante para o “espaço de todos os dias”¹⁰⁵. Ela é atribuída por ligações entre a vida quotidiana que apesar de omnipresente é “quase impercetível e difícil de perceber”¹⁰⁶:

*“The daily journeys to work, supermarket, pharmacy, coffee or to the laundry are on the basis of these links and generate the whole relational mesh of the individual with the city. In that sense, it is often found ludic, traditional and illicit activities that generate unexpected cohabitation and seize of spaces originally conceived to different functions. [...] There’s the place for the unforeseen and then for the unexpected impromptu. The lack of planning is exposed and allows new appropriations and the freedom to work that planning nuances. This unfinished component has a vital essence for the city because it opens the opportunity for new spatial and new senses of spatial approaches.”*¹⁰⁷

Assim, pode-se falar sobre “vazios falantes, lugares com narrativa”¹⁰⁸. Este facto, pode ser considerado importante para a compreensão das dinâmicas da cidade contemporânea: os usos partilhados, lado a lado, porta a porta, a intimidade entre “diferentes tipologias arquitetónicas”¹⁰⁹ e urbanas. Neste sentido, os espaços de verdadeiro uso público pretendem-se diluídos pela cidade, gerando raízes e criando novas dimensões de vida e relações entre a sociedade (fig. 30).

A “vida entre os edifícios” não se limita à circulação pedonal, ou às atividades recreativas e sociais. A vida entre os edifícios, como refere Jan Gehl (1936), abarca todo o espetro de atividades, que se combinam

104 *Idem*

105 *Idem*

106 *Idem*

107 *Idem*, p. 6

108 *Idem*

109 *Idem*

para fazer com que os espaços comunitários das cidades e as zonas residenciais sejam significativos e atrativos¹¹⁰. Pelo facto de existir menos atenção perante o tema destas atividades e o seu entrelaçamento para formar um tecido comunitário, a dedicação deste trabalho incide também no ensaio sobre esta questão de uma forma mais detalhada. O autor alerta para a dificuldade de estabelecer com precisão o que significa a vida entre os edifícios na relação com a necessidade de contato. As oportunidades para nos reunirmos e realizar atividades quotidianas nos espaços públicos de uma cidade ou um bairro permitem-nos estar entre outras pessoas e interagir:

“La vida entre los edificios ofrece la oportunidad de estar con otros de un modo relajado y cómodo. Podemos pasear de vez en cuando, tal vez dar un rodeo por una calle principal de camino a casa o detenernos en un banco acogedor cerca de un portal para estar un rato con otras personas. Podemos hacer la compra a diario (...). Incluso mirar por la ventana de vez en cuando, si por suerte tenemos algo que mirar, puede resultar gratificante. Estas con otras personas, verlas y oír las, y recibir estímulos de ellas constituyen experiencias positivas, alternativas a estar solos. No estamos necesariamente con una persona determinada, pero, no obstante, estamos con otros.”¹¹¹

Também é necessário compreender (e explicar) o motivo pelo qual muitas áreas parecem tão vazias e sem vida: “seguramente acontecem muitas coisas, mas tanto as pessoas como os acontecimentos estão tão disseminados no tempo e no espaço que as atividades isoladas quase nunca têm ocasião de crescer conjuntamente até constituir sequências de acontecimentos maiores, significativas e inspiradoras”¹¹². Este

¹¹⁰ GEHL, Jan – *La Humanización del Espacio Urbano: la Vida Social entre los Edificios*. Barcelona: Editorial Reverté, 2006. p. 17

¹¹¹ *Idem*, p. 25

¹¹² *Idem*, p. 85

processo torna-se negativo: “no passa nada porque no passa nada”¹¹³. De acordo com Jan Gehl, este processo negativo, em que a vida entre os edifícios se reduz porque as atividades não estimulam e não se apoiam mutuamente, pode-se encontrar nas zonas suburbanas onde a dispersão dos acontecimentos é tão extrema que, na realidade, não se produzem¹¹⁴. A desintegração dos “espaços públicos vivos” e a gradual transformação das ruas numa zona “sem interesse para ninguém é um fator importante que contribui para o vandalismo e a delinquência na cidade”¹¹⁵. A relação entre a “vida na rua”, o número de pessoas e acontecimentos e o tempo que se passa no exterior proporciona uma das chaves mais cruciais para entender como se podem melhorar as condicionantes dos interstícios. Assim, um dos objetivos é poder-se afirmar que “*passa algo porque passa algo porque passa algo*”¹¹⁶.

“Actividades, acontecimientos, fuerzas, situaciones, el rayo que cae, un pez muere, el agua fluye, los amantes riñen, un pastel se quema, los gatos se persiguen, un colibrí se posa en mi ventana, pasan los amigos, mi choche se estropea, un encontró amoroso, nacen niños, los abuelos se quedan sin un céntimo.”¹¹⁷

Partindo do princípio que os lugares são “compostos pelos episódios que lá ocorrem”¹¹⁸, neste trabalho, ensaia-se também a conceção de uma linguagem (qualidade geradora de ocasiões a partir

¹¹³ GEHL, Jan – *La Humanización del Espacio Urbano: la Vida Social entre los Edificios*. Barcelona: Editorial Reverté, 2006. p. 85

¹¹⁴ *Idem*

¹¹⁵ *Idem*, p. 86

¹¹⁶ *Idem*

¹¹⁷ ALEXANDER, Christopher – *El Modo Intemporal de Construir*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981. p. 64

¹¹⁸ *Idem*

de um conjunto de padrões). Segundo Christopher Alexander os padrões não são entidades isoladas, por isso “quando se constroi algo, não se pode construí-lo isoladamente”¹¹⁹. No *Nodo Intemporal de Construir* refere que toda a sociedade tem a sua própria, única e distinta, linguagem de padrões, logo cada individuo nesta sociedade terá uma linguagem única. Neste sentido, uma “sociedade saudável, terá tantas linguagens de padrões como pessoas – embora estas linguagens sejam partilhadas e semelhantes”¹²⁰. De acordo com o autor, é essencial que se tome atenção à possibilidade de comprimir a máxima combinação de padrões, no menor espaço possível¹²¹. Esta é a “única forma de utilizar uma linguagem de padrões para fazer edifícios que são poemas”.¹²² Neste sentido, estuda-se a hipótese de construir uma linguagem de padrões associados aos interstícios de intervenção (e conseqüente ocasião) com o objetivo de “poder fazer as pessoas sentirem-se vivas e humanas”¹²³. Tomando como exemplo o padrão de acontecimentos «ver passar o mundo», como refere Christopher Alexander, é essencial que o alpendre esteja um pouco elevado relativamente à rua, é essencial que seja profundo o suficiente para permitir que um grupo de pessoas ali permaneçam confortavelmente sentadas, e é essencial que a frente do alpendre seja aberta seja sustentado por colunas¹²⁴. Este padrão serve como imagem para explicar a importância de considerar as várias escalas de padrões. São os padrões que definem a cidade, ou comunidade, mas que, principalmente, sugerem

119 ALEXANDER, Christopher – *El Modo Intemporal de Construir*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981. p. 64

120 ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1977. p. XVI

121 *Idem*, p. XLIV

122 *Idem*

123 *Idem*, p. XVII

124 ALEXANDER, Christopher – *El Modo Intemporal de Construir*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981. p. 86

os intuitos de atuação. Tal como sugere Christopher Alexander, estes padrões não são rígidos:

*“We believe instead that they can emerge gradually and organically, almost of their own accord, if every act of building, large or small, takes on the responsibility for gradually shaping its small corner of the world to make these larger patterns appear there”*¹²⁵

A questão da linguagem e o conceito de transformação, que aqui se sugere, implica aceitar que “partimos sempre de algo preexistente, de algo que, quando se transforma mantém algumas invariantes como elementos de continuidade”¹²⁶. É através desta abordagem que é possível a aproximação com o “território da tipologia”¹²⁷, tornando-se importante compreender os tipos, não como ideias fixas, mas como procedimento tipológico enquanto método¹²⁸. De acordo com Carlos Martí Aris, a relação entre tipo e projeto, ainda que importante, não é imediata nem mecânica. Para o autor, no projeto parte-se sempre da arquitetura existente, à qual submetemos diversos “comentários, variações, desenvolvimentos, transgressões” e, a partir desta manipulação, surge uma forma distinta que é o projeto. Este pensamento demonstra o significado da palavra transformação: “passar de uma forma a outra”. Sob este ponto de vista, os aspetos tipológicos são uma chave “que nos abre a porta do mundo das formas arquitetónicas”¹²⁹, para que deste modo seja possível compreendê-las.

125 ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1977. P 3

126 ARÍS, Carlos Martí – *La Cimbra y el Arco*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2015. p. 39

127 *Idem*

128 *Idem*, p. 40

129 *Idem*, p. 41

O QUE FAZ UM LUGAR ?

 1. proteção do tráfego automóvel

 2. proteção dos elementos / aproveitar o bom tempo

 3. parar / ficar / ver / cheirar

 4. andar

 5. sentar

 6. relaxar

 7. oportunidade de comunicação

 8. oportunidade de brincar

PROGRAMAS DA ESTRUTURA

 . Bairro (espaço para preparar refeições; estendal; horta)

 . Eventos (espaço polivalente; espaços de apoio)

 . Ocupação Tempos Livres (espaço polivalente; espaço para aprendizagem; espaços de apoio)

 . Skatepark (espaço ao ar livre; espaço coberto; pavimento próprio; paredes para graffiti)

 . Café/Esplanada (esplanada; copa; espaços apoio)

 . Campo de Jogos (espaço ao ar livre; espaço coberto tipo bancada)

 . Espaço Silêncio (área resguardada; natureza)

 . Mercado (espaço coberto; espaços de apoio)

 . Anfiteatro (espaço coberto para sentar, palco, área de projeção)

 . Parque Infantil (espaço ao ar livre; espaço coberto)

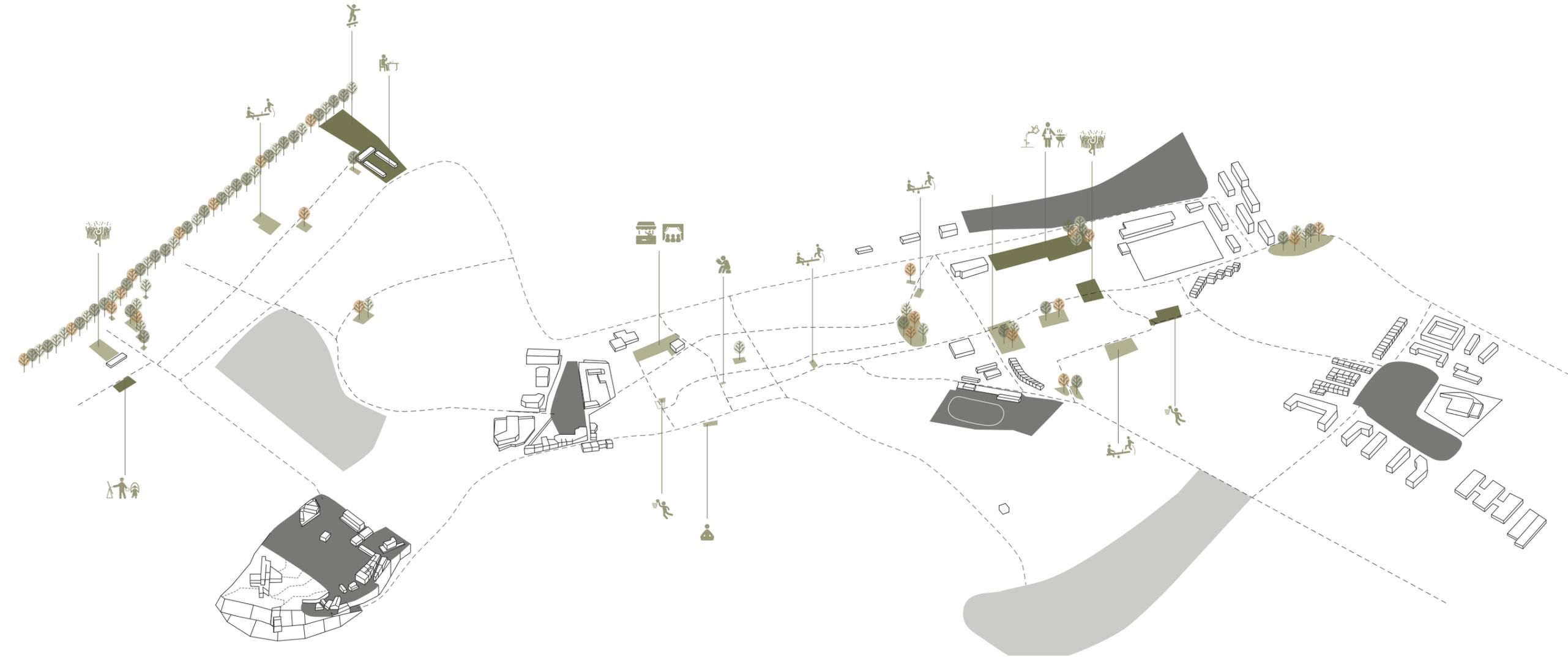


fig. 30 - Diagrama da proposta de intervenção sobre o conjunto de interstícios, Sines (Portugal)

**DOMESTICIDADE: CONSTRUIR ESPAÇOS
INTERIORES NO EXTERIOR**



Nos capítulos antecedentes, tentamos compreender a importância das questões da linguagem e tipologia relativamente à intervenção urbana sobre os interstícios da cidade de Sines. Ao referir que as questões da linguagem e transformação implicam partir de algo preexistente, admite-se a importância da memória. Segundo Carlos Marti Aris, a transformação, além de ser entendida como atividade intelectual na qual operamos com a memória através do projeto, também se pode conceber como algo mais concreto, como a intervenção sobre um edifício ou espaço existente¹³⁰. A transformação de uma situação existente, como afirma, geralmente não supõe uma restrição, mas sim um estímulo. Além disso, a rutura com este modo de pensar causa também uma “quebra na continuidade da experiência, aparecendo este mal da cidade contemporânea que é o desenraizamento”¹³¹. O autor adianta ainda que:

“Tal vez la confianza excesiva en la invención individual de la forma que caracteriza a nuestra época provenga de la ausencia de ataduras con respecto al material arquitectónico preexistente, y también de la pérdida de ese matiz de modestia que impone el trabajar con los datos de una realidad anterior que requiere una interpretación de nuestra parte para ser transformada”¹³²

Tendo em consideração que o projeto se baseia num processo de constante transformação, podemos compreender o procedimento tipológico como uma forma coerente de intervir na cidade também pelo facto de que “a própria cidade é vista na cultura contemporânea como uma estrutura sempre incompleta, à qual se vão incorporando novos

130 ARÍS, Carlos Marti – **La Cimbra y el Arco**. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2015. p. 47

131 *Idem*, p. 49

132 *Idem*, p. 50



(em cima) fig. 32 - Lavadouro, Loulé (Portugal), 1955 e fig. 33 - Mercado, Portimão (Portugal), 1956
(em baixo) fig. 34 - Mercado, Santa Comba Dão (Portugal), 1955 e fig. 35 - Coreto, Alcobaça (Portugal), 1957



(em cima) fig. 36 - Mercado, Santarém (Portugal), 1955 e fig. 37 - Mercado, Torres Vedras (Portugal)
(em baixo) fig. 38 - Telheiro, Nazaré (Portugal), 1955 e fig. 39 - Mercado, Ferreira do Zêzere (Portugal), 1955

ingredientes através do projeto”¹³³. Estas questões sobre as preexistências conduzem também à ideia de tradição. No contexto deste trabalho, a ideia de tradição não é incompatível com a ideia de inovação. Para Carlos Martí Aris, quando se nega a possibilidade de um vínculo à tradição, gera-se a incapacidade de “pertencer a um sitio e prolongar uma cultura: a cidade contemporânea contém abundantes provas dessa laceração”¹³⁴. Na verdade, a arquitetura vernacular foi capaz de lidar “com sucesso com as humildes casas, vilas e pequenas cidades” nas quais se vivia a vida quotidiana: não havia nem espaço nem necessidade de conceito pessoal ou expressão¹³⁵ (fig. 32-39).

133 ARÍS, Carlos Martí – **La Cimbra y el Arco**. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2015. p. 50

134 *Idem*

135 EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 132

Na mesma linha, Lina Bo Bardi (1914-1992) considera ser necessário olhar o passado como presente histórico: “o passado, visto como presente histórico, é ainda vivo, é um presente que ajuda a evitar as várias arapucas. Diante do presente histórico, a nossa tarefa é forjar um outro presente (...)”¹³⁶. Anteriormente, referiu-se a necessidade de reconciliar polaridades e neste caso o mesmo se aplica. Torna-se importante reconciliar o passado, o presente e o futuro, de modo a “reunir o significado essencial do ser humano dividido entre eles”¹³⁷. Não se trata de uma viagem ao passado, mas sim uma consciencialização do que existe no presente e o que este contém: “a projeção do passado para o futuro via o presente criado”¹³⁸. Neste ponto de vista, tenta-se que a intervenção se enquadre numa perspetiva onde se começa pelo passado, descobrindo a “condição imutável do homem à luz (...) do passado experimental do Homem”¹³⁹, à qual poderíamos chamar de “inconsciente coletivo”¹⁴⁰.

Estas questões levantam uma necessidade de compreender melhor a noção de tempo, não num sentido abstrato, mas sim como parte integrante da vivência dos lugares que habitamos. Ou seja, sob a forma dos seus ciclos naturais (dia, noite, inverno, primavera, verão e outono): poderíamos conceber os espaços em que vivemos de acordo com o “potencial escondido nos ciclos naturais”¹⁴¹ (fig. 39).

136 GRINOVER, Marina e RUBINO, Silvana – **Lina por Escrito: Textos Escolhidos de Lina Bo Bardi**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 166

137 EYCK, Aldo van – **Collected Articles and other Writings 1947-1998**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 474

138 *Idem*

139 *Idem*

140 Termo referido por Carl Gustav Jung para explicar uma parte da psique cuja existência não se deve à experiência pessoal, mas sim à hereditariedade. Neste contexto, o consciente coletivo é constituído essencialmente por arquétipos (que indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo o tempo e em todos os lugares)

141 EYCK, Aldo van – **Collected Articles and other Writings 1947-1998**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 474

“LOOK SNOW!

*A miraculous trick of the skies - a fleeting correction.
All at once the child is Lord of the City.
But the joy of gathering snow off paralyzed vehicles is short-lived.*

*Provide something for the human child more permanent
than snow - if perhaps less abundant.*

Another miracle”

Aldo van Eyck (1962) in EYCK, Aldo van – The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm. Amsterdão: Sun, 2008. p. 132

fig. 40 - Fotografia ilustrativa do texto “Another Miracle”: algo mais permanente que a neve, Cas Oorthuys



*“The seasons are still there – night and day too – and also rain, lightning, wind, snow, sun, stars, cold, heat, youth and old age (...) yet they are gone. Our cities are no longer cities (with or without trees) because nature is no longer nature, because we have become rectilinear and uniform, and have a square heart. If we carry on like this, our country will become a no man’s land, neither city nor nature.”*¹⁴²

Para o arquiteto, não se trata de eliminar estes fenómenos, mas

¹⁴² EYCK, Aldo van – **Collected Articles and other Writings 1947-1998**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 287

sim criar um ambiente em que é “possível responder a estes ciclos e elementos como uma função essencial por direito”:

*“It is not only geometry and the standard functions with their coarse meshes, not only house, garden, street, green strip, etc., or concrete, steel, glass and everything else in the building catalogue, but that which is not in there, that which is part of the cyclical reality in which we live: rain, storm, snow, spring, stars, winter, sun, clouds, ice, moon, the child and old people, these and the huge number of other things are the materials with which architecture in its broadest sense makes something for the community. We should not neutralise nature with the aid of technique and form, but intensify it”*¹⁴³.

Este pensamento parece conduzir à perspetiva de que a arquitetura terá de responder às condições múltiplas do tempo¹⁴⁴. Nesta multiplicidade, o tempo apresenta uma diversidade, relacionada com os ciclos do dia-noite, inverno-primavera-verão-outono, que parece necessário aceitar, e ter em consideração, no momento de projetar. Para Jeremy Till, a arquitetura necessita de ser a estrutura que possibilita que as condições temporais diversas coexistam: “o linear, o cíclico, o pessoal, o instante explosivo do evento, a *longue durée*”¹⁴⁵. Neste caso, o tempo coloca a arquitetura numa continuidade dinâmica e consciente do passado, onde o ‘aqui e agora’ não é visto como um instante a ser respondido, mas como uma parte de um “presente expandido”:

*“So when I suggest time as the primary context for architecture, it is not to reassert the modernist myth of the conquest of space through time, but rather to establish the principle of bringing time to space. Or, to put it another way, to think of temporalized space - space full of time - rather than spatialized time.”*¹⁴⁶

¹⁴³ EYCK, Aldo van – **Collected Articles and other Writings 1947-1998**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 288

¹⁴⁴ TILL, Jeremy – **Architecture Depends**. Cambridge: The MIT Press, 2013. p. 95

¹⁴⁵ *Idem*

¹⁴⁶ *Idem*

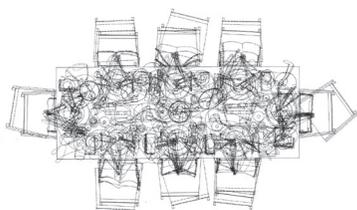


fig. 41 - Traços da ocupação no tempo de uma mesa de refeição, Sarah Wiggelsworth e Jeremy Till

Conforme Henri Lefebvre (1901-1991) sugere, “com o advento da modernidade, o tempo desapareceu do espaço social”¹⁴⁷, deste modo, para Jeremy Till, parece ser necessário pensar num modo de reintroduzi-lo¹⁴⁸. Num primeiro plano, como já foi referido, o tempo tende para a sua abstração, no entanto, ao pensar nestes termos – tempo como contexto-chave da arquitetura – o espaço torna-se “ativo, social, e é libertado do formalismo estático”¹⁴⁹. É pertinente compreender que os edifícios deveriam ser compreendidos no que diz respeito à multiplicidade do tempo sob a qual os próprios se alteram. Assim, a questão que aqui se coloca é a da compreensão e desenvolvimento das noções necessárias para lidar com as contingências incertas desta ideia de tempo. A resposta parece ser dada quando Jeremy Till refere:

*“Start with what you know, what you see, what you experience; start with the everyday; [...]; put aside your clock and look for all those other aspects of time as lived which I have hinted at above: the linear, the cyclical, the instant, the memory, the event, the ritual.”*¹⁵⁰

Para Lefebvre, o quotidiano, aqui mencionado, refere-se à interseção dos dois modos de repetição: o cíclico, presente nos processos da natureza; e o linear, presente nos processos mais “racionais”¹⁵¹. Para Jeremy Till, Lefebvre defende que o quotidiano está sujeito a constantes ciclos e repetições, mas ao mesmo tempo é recetivo à aleatoriedade e à sorte. Deste modo, resulta de um conjunto de práticas repetitivas, e que por isso acumula traços do passado, mas que na sua incompletude está sempre acessível à transformação, ou seja, orientado para o futuro:

147 *Cit. por* TILL, Jeremy – **Architecture Depends**. Cambridge: The MIT Press, 2013. p. 95

148 *Idem*

149 TILL, Jeremy – **Architecture Depends**. Cambridge: The MIT Press, 2013. p. 96

150 *Idem*

151 *Idem*, p.97

“everyday time is thus thick time, a temporal space that critically gathers the past and also projects the future”¹⁵². No entanto, a experiência não é o suficiente para constituir o que o autor refere como ‘espessura do tempo’¹⁵³ (fig. 41), dado que isso significa estar limitado à repetição do *status quo*, sem qualquer possibilidade de transformação. Deste modo, a ‘espessura do tempo’ constitui-se não “num mundo de objetos estáticos, mas num mundo de mudanças sociais e temporais, e se estas mudanças se refletem no processo de projeto, existe uma maior probabilidade de o resultado serem edifícios capazes de aceitar a multiplicidade do tempo no futuro”¹⁵⁴.

*“Architecture is here a framework that can accommodate the multiplicity of time rather than a barrier (...). Architecture needs to be a setting that allows these diverse temporal conditions to coexist. Not just the event, but the potential for the event being overlaid on a regular ritual. Not just a building that responds to cyclic rhythms (of life, of the seasons, of the world), but one that allows these to unfold against the linear aspects (of decay, of change). In its connectedness, time places architecture in a dynamic continuity, aware of the past, projecting to the future.”*¹⁵⁵

Aceitando esta ideia de tempo, compreende-se a visão de que os edifícios estão “incompletos quando terminados”¹⁵⁶. Esta noção de incompleto, intrínseca às questões aqui enunciadas, não é entendida como uma ameaça, mas sim como uma oportunidade que surge a partir de um lugar que é capaz de “absorver e acomodar as influências da mudança dos tempos e das situações”¹⁵⁷. Por isso, este trabalho também

152 TILL, Jeremy – **Architecture Depends**. Cambridge: The MIT Press, 2013. p. 98

153 O autor utiliza a expressão ‘thick time’

154 TILL, Jeremy – **Architecture Depends**. Cambridge: The MIT Press, 2013. p. 98

155 *Idem*, p. 95

156 *Idem*, p. 104

157 *Idem*, p. 108

se posiciona sob o ponto de vista de que é importante conceber lugares que permitam a sua interpretação. Para Jeremy Till, torna-se relevante pensar sobre os lugares de múltiplas formas, de modo a testar a sua abertura ou apropriação, e poder fazer ajustes quando existe demasiada restrição. O que se considera importante, sobre esta questão da incompletude, é o facto de se possibilitar que o tempo faça o seu percurso inevitável de um modo positivo¹⁵⁸. Consequentemente, projetar um edifício deverá significar um processo onde se admitem alterações e adaptações às necessidades decorrentes do tempo. Segundo Andreas Muller, cada decisão deverá ser feita sempre na tensão entre os requisitos necessários e potenciais oportunidades de desenvolvimento que têm origem na vida diária das pessoas¹⁵⁹. Por isso a abordagem que, em parte, se relaciona com a mesma defendida por Ottokar Uhl (1931-2011), baseia-se numa certa “democratização da estética”, ou seja, na suposição de que quem utiliza o espaço também deve tornar-se um produtor do mesmo e, assim, desenvolver os seus próprios conceitos estéticos.¹⁶⁰

Neste contexto, pode-se afirmar que em situações como aquelas que aqui se demonstram, onde existe uma rutura entre os domínios individual e coletivo, é necessário que o “espaço se dilua, ganhe dimensão e se torne apropriável”¹⁶¹, tornando assim esta transição confortável. Por isso, os espaços intersticiais parecem ser a chave para a transição e conseqüente reconciliação entre os vários ambientes distintos. Esta interpretação dos espaços intersticiais como intermédios representa

158 TILL, Jeremy – **Architecture Depends**. Cambridge: The MIT Press, 2013. p. 98

159 MULLER, Andreas – The Fundamental Protagonist. **Field Journal**. ISSN: 1755-068.

Vol.2, nº 1 (2016) p. 80

160 *idem*, p. 79

161 SOUSA, Miguel – **Espaços de Transição: do Indivíduo à Comunidade**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura, 2014. Tese de Mestrado em Arquitetura. p. 33

a criação de um ambiente de chegada e partida, sendo por isso tão importante para o quotidiano. Segundo Miguel Sousa (...), estes espaços tornam-se lugares “por direito próprio, pois formam uma condição espacial para o encontro e diálogo entre áreas de diferentes ordens”¹⁶². Este olhar sobre os interstícios pode configurar novos significados entre polaridades e permite pensar sobre o espaço com uma precisão à medida do homem. Deste modo, pode-se admitir que aquilo que se procura neste trabalho é a possibilidade de estudar a hipótese de construir os “espaços urbanos interiores”¹⁶³ no exterior (fig. 42).

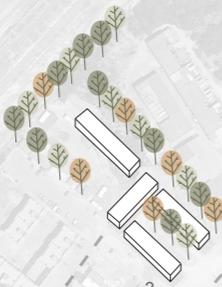
162 SOUSA, Miguel – **Espaços de Transição: do Indivíduo à Comunidade**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura, 2014. Tese de Mestrado em Arquitetura. p. 56

163 EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 132

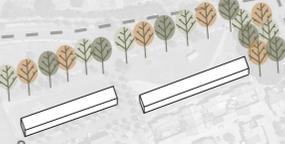


fig. 42 - Vila Correia, Sines (Portugal), 1991

**VAZIOS, POLARIDADES E
INTELIGIBILIDADE**



3



3



4



5



Através dos capítulos anteriores foi possível compreender a importância dos valores que se exploraram. Estes influenciam o olhar e modo de atuação sobre cada intervenção e, por isso, estabelecem-se como o suporte das mesmas. Como se pode observar na figura 30, anteriormente utilizada para ilustrar a intervenção a nível urbano, foram selecionadas cinco localizações para este exercício (fig. 44-53). De um modo geral, é feita a tentativa de intervir procurando compreender três fatores: (i) vazios; (ii) polaridades e (iii) inteligibilidade. Acerca dos vazios (interstícios) procura-se compreender as características e as diversas dimensões da estrutura urbana de cada localização. A partir das polaridades, procura-se compreender qual o potencial de reconciliação das diversas dimensões e o papel dos vazios na construção dos espaços urbanos interiores no exterior. A inteligibilidade, relaciona-se com a compreensão da complexidade e multiplicidade do lugar, e reflete-se principalmente nas escolhas do projeto relacionadas com a sua organização espacial e programa.

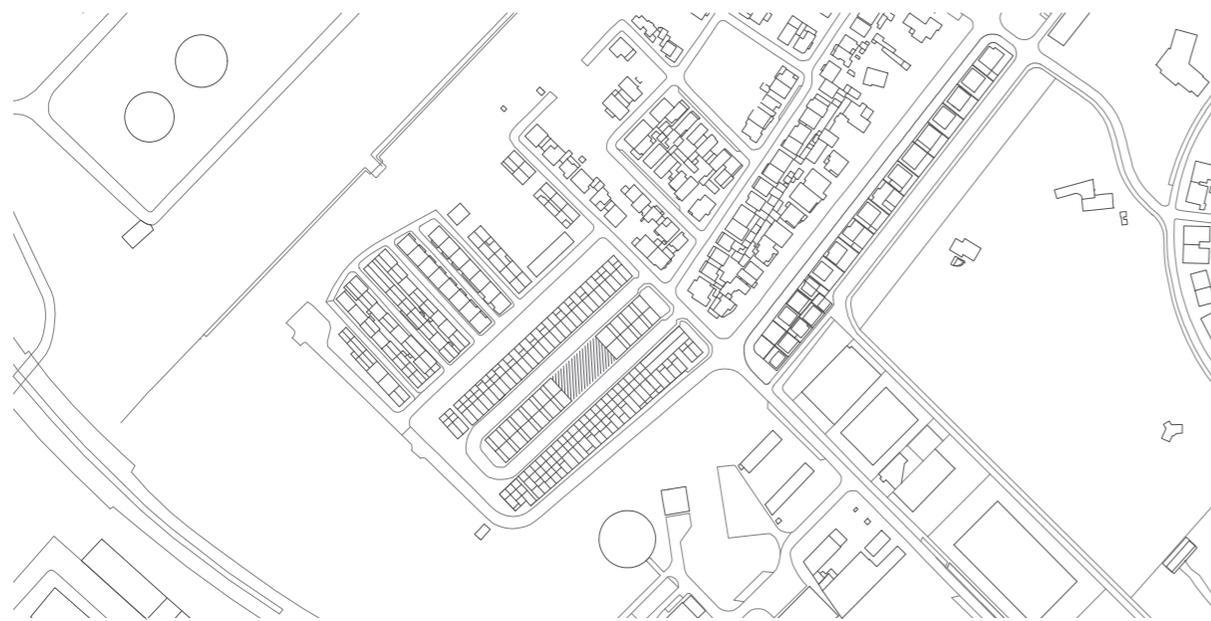


fig. 44 e 45 - Localização da intervenção 1: ZIL 1, Sines (Portugal), 2016





fig. 46 e 47 - Localização da intervenção 2: Bairro da Floresta, Sines (Portugal), 2016





fig. 48 e 49 - Localização da intervenção 3: Bairro 1º Maio, Sines (Portugal), 2016



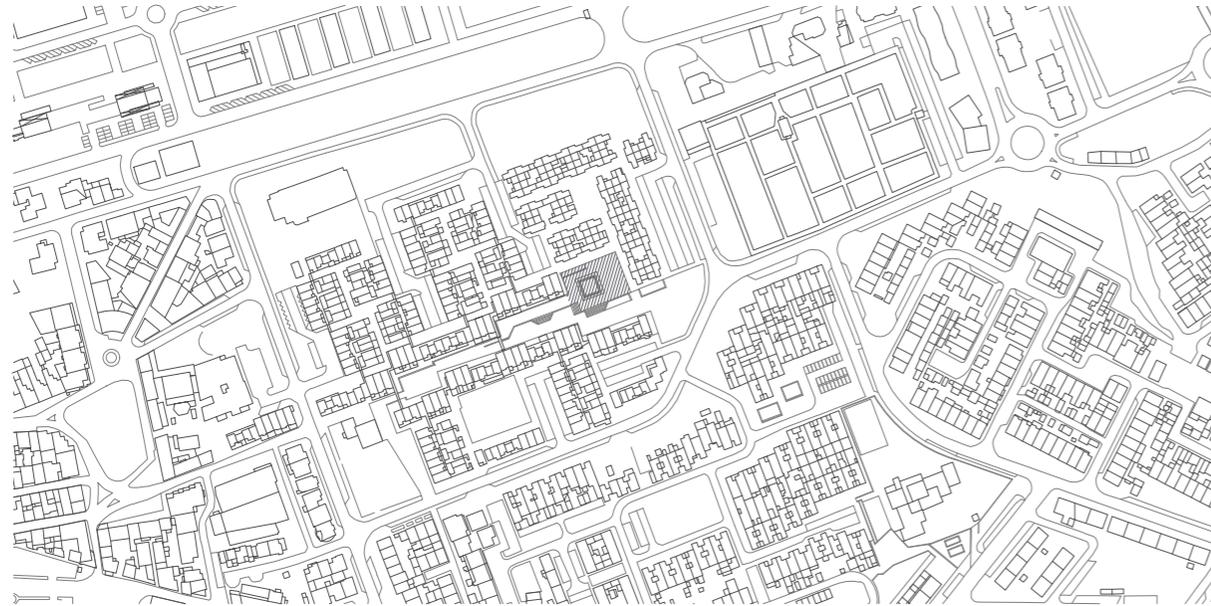


fig. 50 e 51 - Localização da intervenção 4: Bairro 1º Maio, Sines (Portugal), 2016



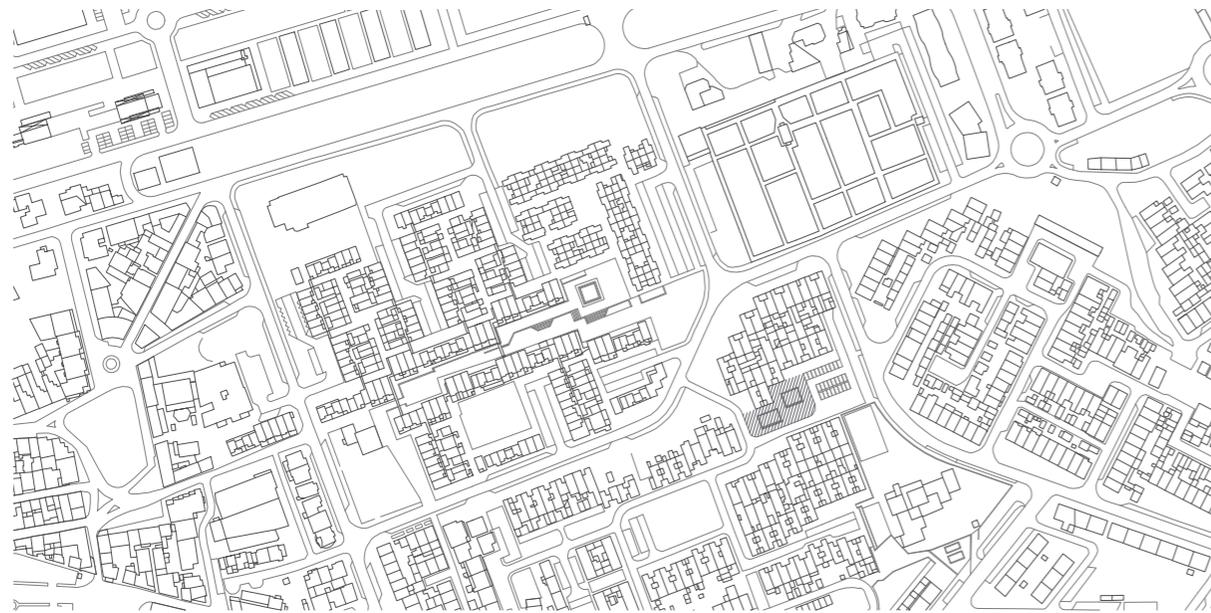


fig. 52 e 53 - Localização da intervenção 4: Bairro Soeiro Pereira Gomes, Sines (Portugal), 2016



De um modo geral, observa-se que os cinco vazios se localizam em meios onde o espaço público se encontra desvalorizado relativamente ao espaço edificado. A intervenção 1 localiza-se no Bairro da ZIL 1, uma zona que actualmente se encontra no processo de reconversão para zona habitacional e que se caracteriza, essencialmente, pela presença de edifícios de uso privado (habitação) e pela ausência de espaços públicos. A intervenção 2 localiza-se no Bairro da Floresta, construído para realojar famílias caboverdianas, angolanas e de etnia cigana e que se caracteriza também pela presença de armazéns de indústria ligeira. As intervenções 3 e 4 localizam-se no Bairro 1º de Maio e a intervenção 5 no Bairro Soeiro Pereira Gomes. Estes bairros foram construídos principalmente para receber trabalhadores do Porto de Sines. Diferem dos anteriores principalmente pela existência de espaços públicos planeados, apesar da sua fraca utilização e falta de manutenção. Através dos diagramas é possível compreender a rutura que os vazios representam entre as dimensões da habitação, serviços, indústria e o espaço público – e da consequente ausência de lugar ou condições para acolher vida quotidiana (fig. 54).

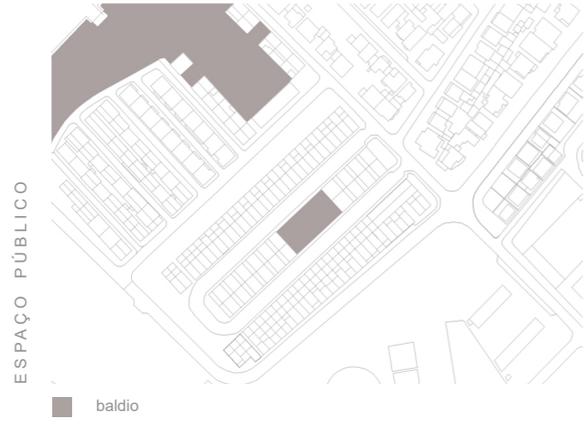
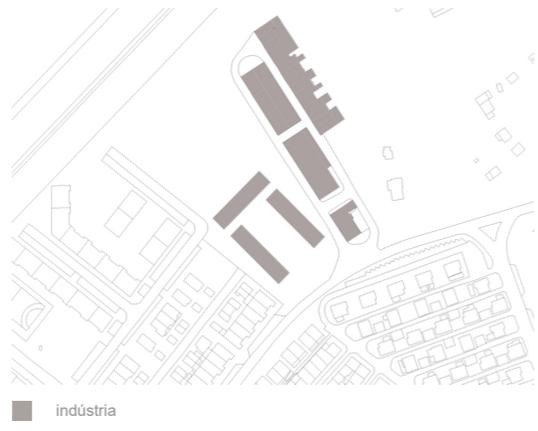
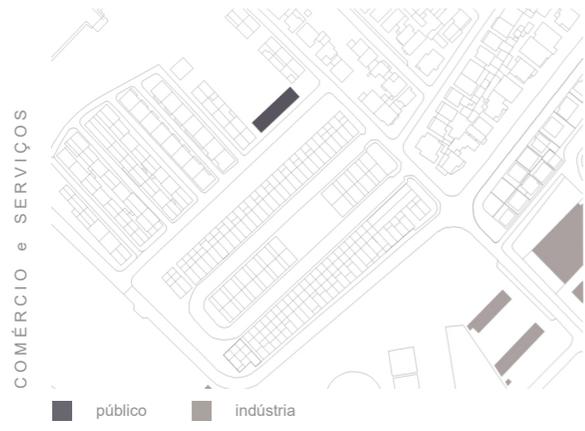


fig. 54 - Diagramas de análise dos usos existentes em cada localização

Apartir dos esquemas anteriores compreende-se as características das cinco localizações. Nos esquemas antecedentes, é possível compreender de forma mais clara quais são as dimensões e polaridades a considerar na tentativa de regeneração urbana. Assim, tentando responder à questão “quais são as polaridades a reconciliar?” compreende-se que as ruturas existentes são principalmente entre o espaço da casa e da cidade (intervenções 1, 3 e 5) ou entre o espaço da casa, do trabalho e da cidade (intervenções 2 e 4) (fig. 55).

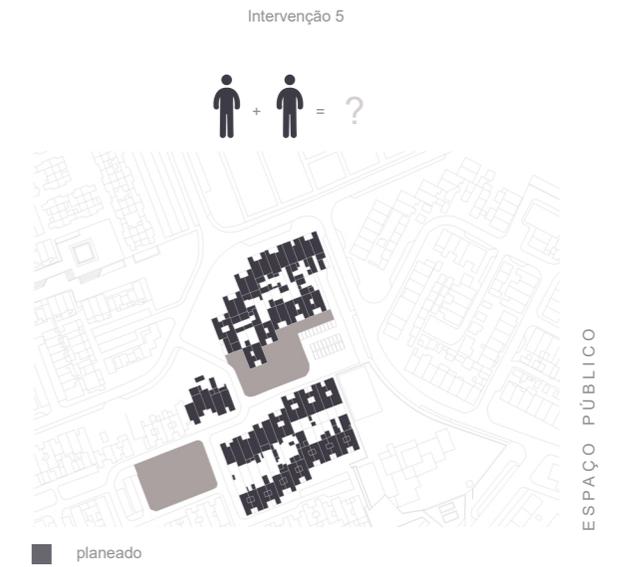
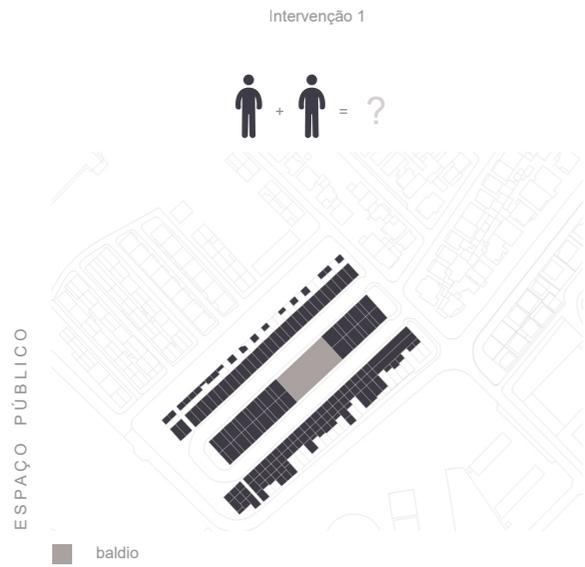


fig. 55 - Diagramas de análise das dimensões existentes em cada localização: quais as polaridades a reconciliar?

Compreendendo a complexidade e multiplicidade destes espaços, procura-se criar um programa para cada intervenção que não tenta excluir ou encobrir as dimensões existentes. Pelo contrário, o programa escolhido procura reconciliar as polaridades referidas sem a criação ruturas. O objetivo é a tentativa de criação de lugares com a capacidade de receber a vida quotidiana e que possibilitem a existência de espaços para a reunião comunitária, ou simplesmente, um lugar para se estar sozinho (ao mesmo tempo que se está com os outros).

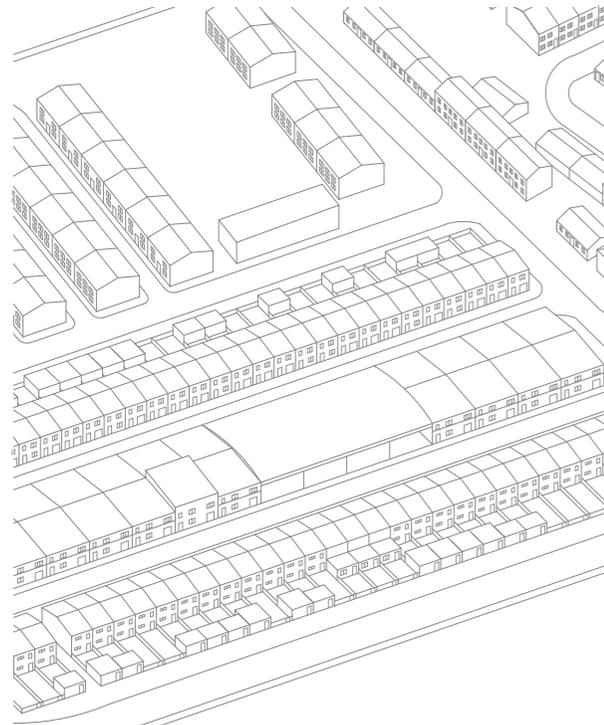
Na intervenção 1 propõe-se um centro de atividades e ocupação dos tempos livres, onde se pretende desenhar espaços comunitários e espaços públicos abertos. Na intervenção 2, propõe-se a reconversão das garagens desocupadas da Rua da Constituição em espaços de lazer, trabalho, comércio, jardins e hortas. Nestas intervenções dá-se especial atenção ao facto de não existirem espaços públicos planeados e, por isso, a par do espaço edificado propõem-se zonas públicas que permitam articular as polaridades. Nas intervenções 3, 4 e 5, por se localizarem em áreas mais consolidadas que as restantes, procura-se criar uma estrutura que possibilite uma maior apropriação e flexibilidade de utilização do espaço. Desta forma, não se apresenta um programa fixo, mas sim, algo que seja capaz de receber múltiplos usos. No caso específico da intervenção 3, ensaia-se uma distribuição das funções que já se podem observar no local, como hortas, zonas para preparar refeições e para estender a roupa (fig. 56).



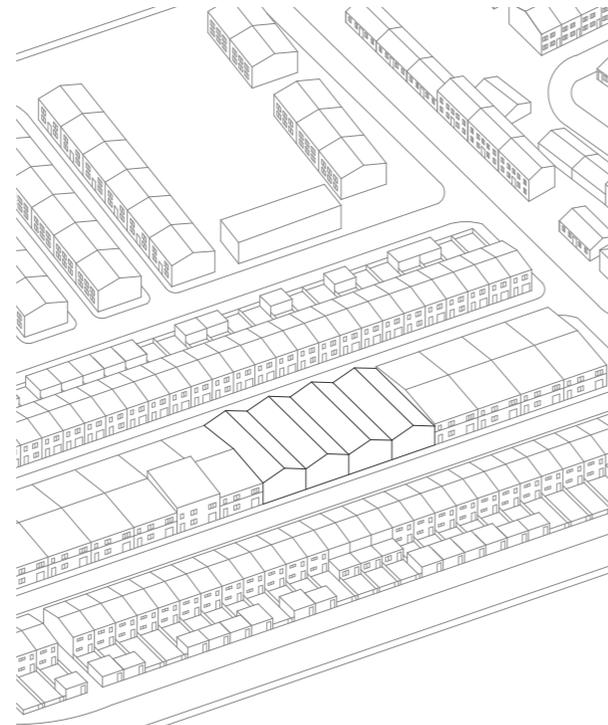
fig. 56 - Diagramas demonstrativos da organização programática: como construir programa através das atividades quotidianas?

Relativamente à fase de materialização do projeto, colocou-se como objetivo tentar aproveitar, sempre que possível, as estruturas existentes nos locais das intervenções. Por isso, procura-se responder ao desafio da coexistência e equilíbrio entre o existente (edificado, mobiliário urbano, pavimentos, etc) e o proposto.

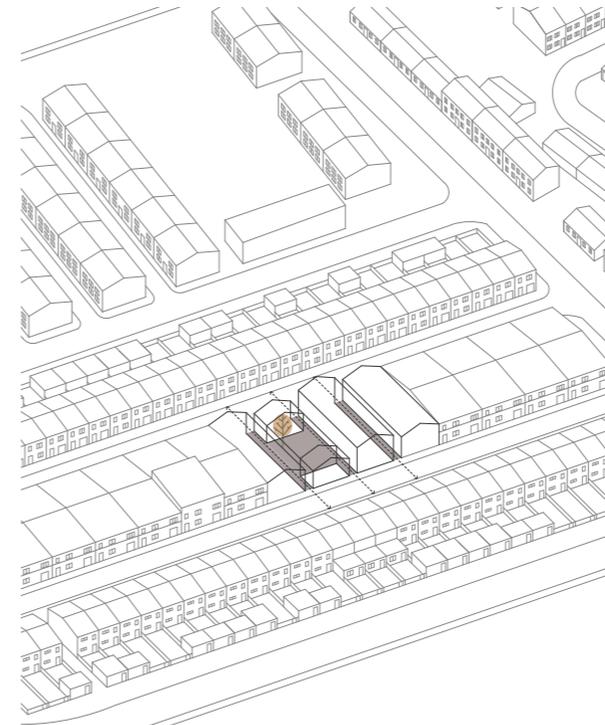
Na intervenção 1 com a implantação proposta, procura-se a definição de quatro conjuntos de espaços diferenciados, mas com uma possibilidade de funcionamento conjunto. Junto de cada unidade é criado um afastamento de modo a possibilitar atravessamentos transversais, contrariando o caráter longitudinal da Rua Nau Santa Catarina. A partir destes atravessamentos é pensado um espaço público comum, à cota da rua, valorizando o espaço do pátio e das ruas interiores que são criadas. Estes espaços novos são entendidos como áreas qualificadas e de importante transição entre os domínios públicos e privados, onde os próprios programas dos quatro volumes se podem estender. Pretende-se que estes núcleos possam funcionar de forma independente, mas que, ao nível da rua, tenham alguma interdependência para que o piso térreo possa ser lido como um espaço uno e para a comunidade (fig. 57).



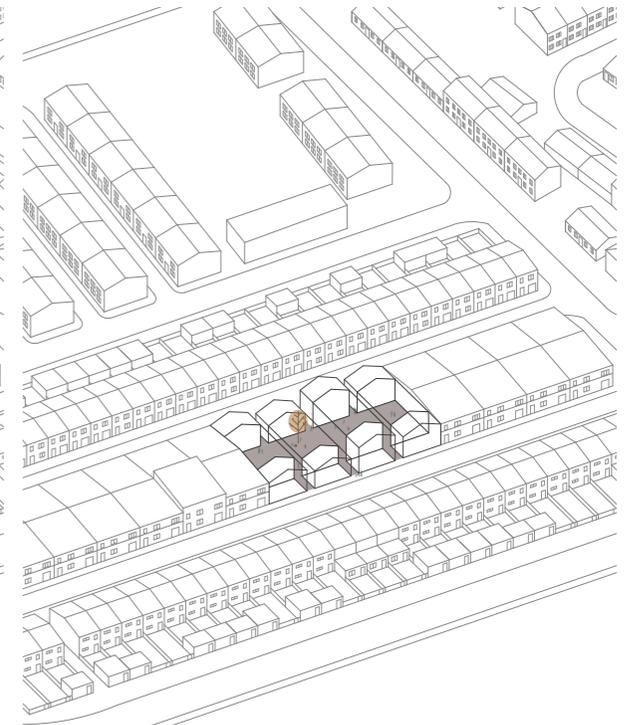
1 - Situação Existente



2- Proposta de 4 volumes

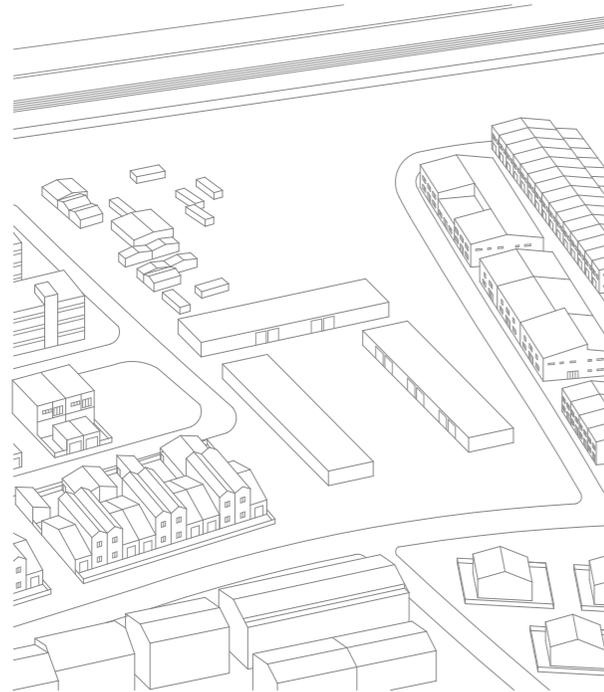


3- Criação de ruas e pátio

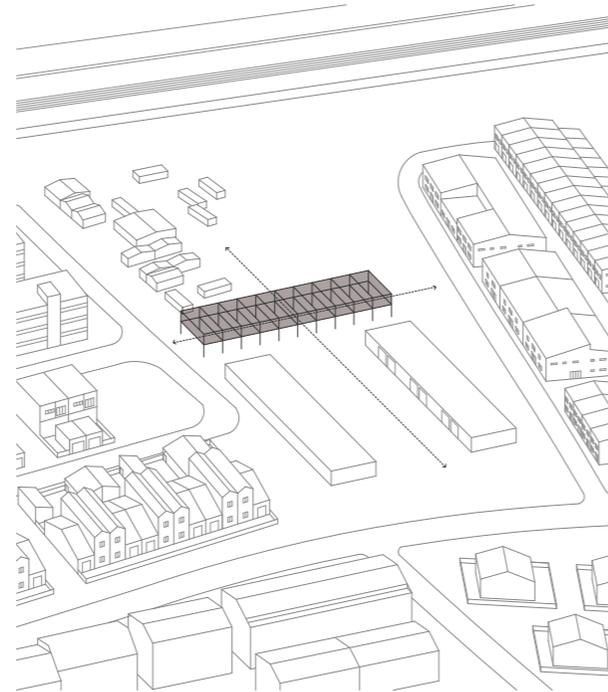


4- Valorização do piso térreo como espaço comum

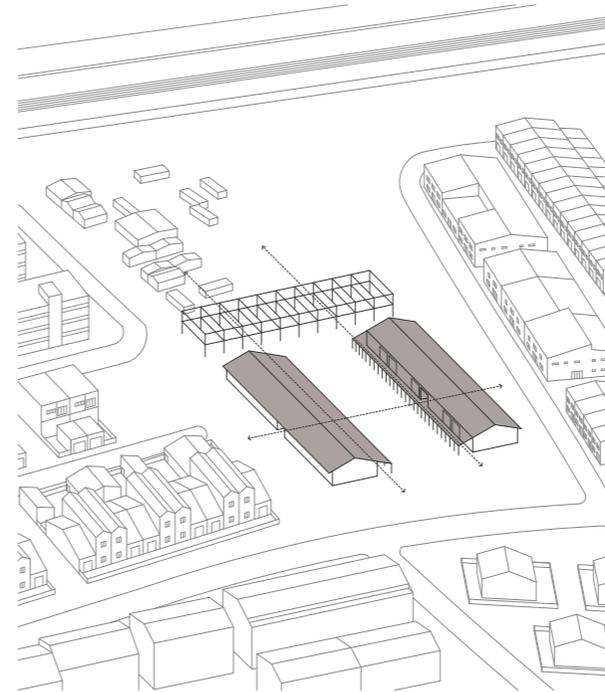
Na intervenção 2, apesar de se respeitar a implantação das garagens existentes, procura-se fazer algumas alterações com o objetivo de dar um maior enquadramento urbano. A primeira alteração é a demolição das fachadas e cobertura do edifício A, deixando apenas a sua estrutura. Esta alteração possibilita uma maior continuidade com o restante espaço a noroeste, bem como a criação de um espaço mais recetivo e que oferece maior flexibilidade de utilização. A segunda alteração refere-se à adição de um novo edifício que pretende expandir a intervenção atuando assim como intermédio entre as áreas habitacionais e industriais, ao mesmo tempo que se projeta duas áreas de jardim. Assim, procura-se valorizar os espaços comuns entendidos como áreas de importante transição entre os domínios públicos e privados (fig. 58).



1 - Situação Existente



2 - Alteração ao edifício A das Garagens e criação de novas ligações

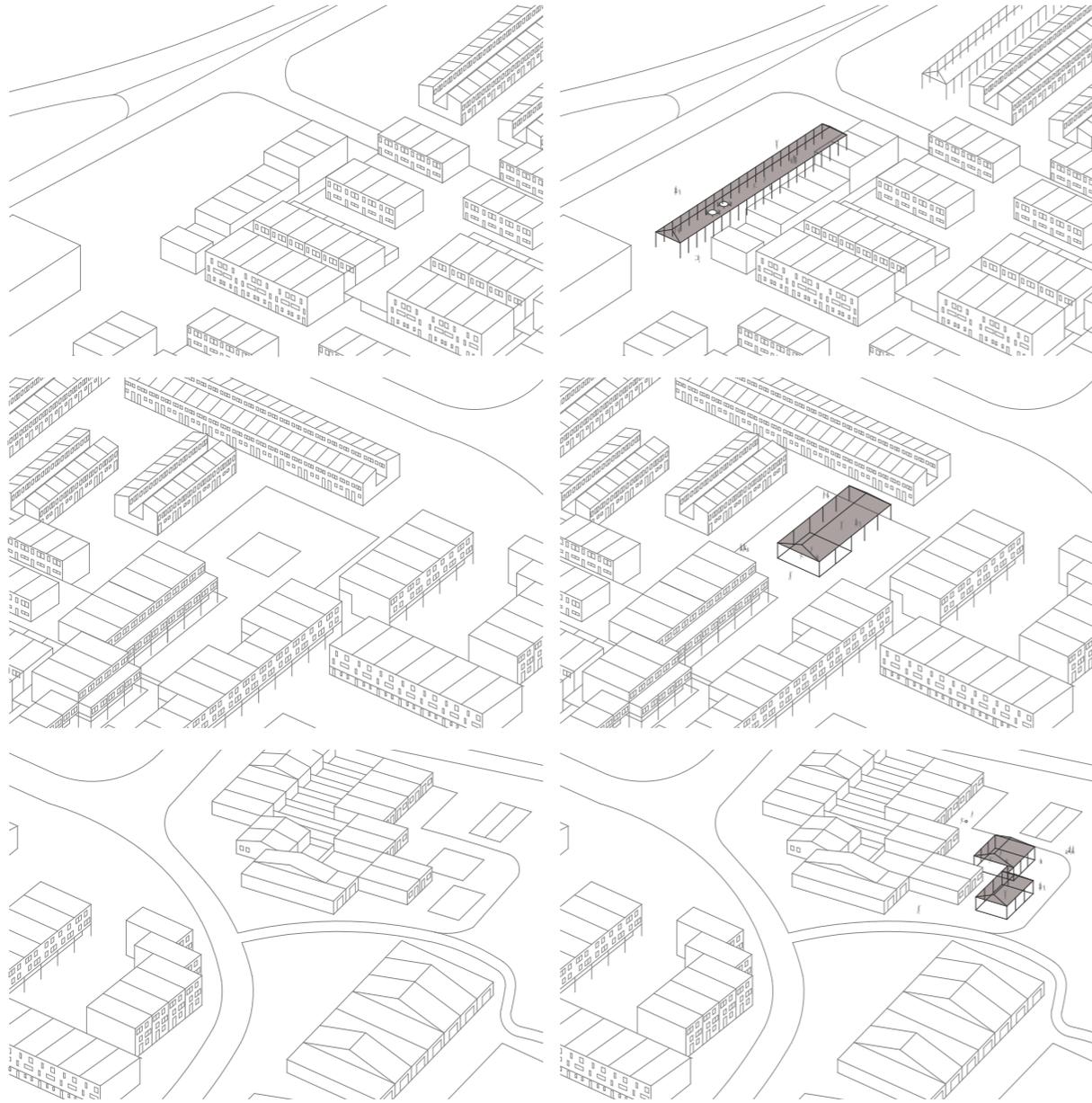


3 - Alteração das coberturas das Garagens e criação de novas ligações



4 - Novo volume e espaços de jardim

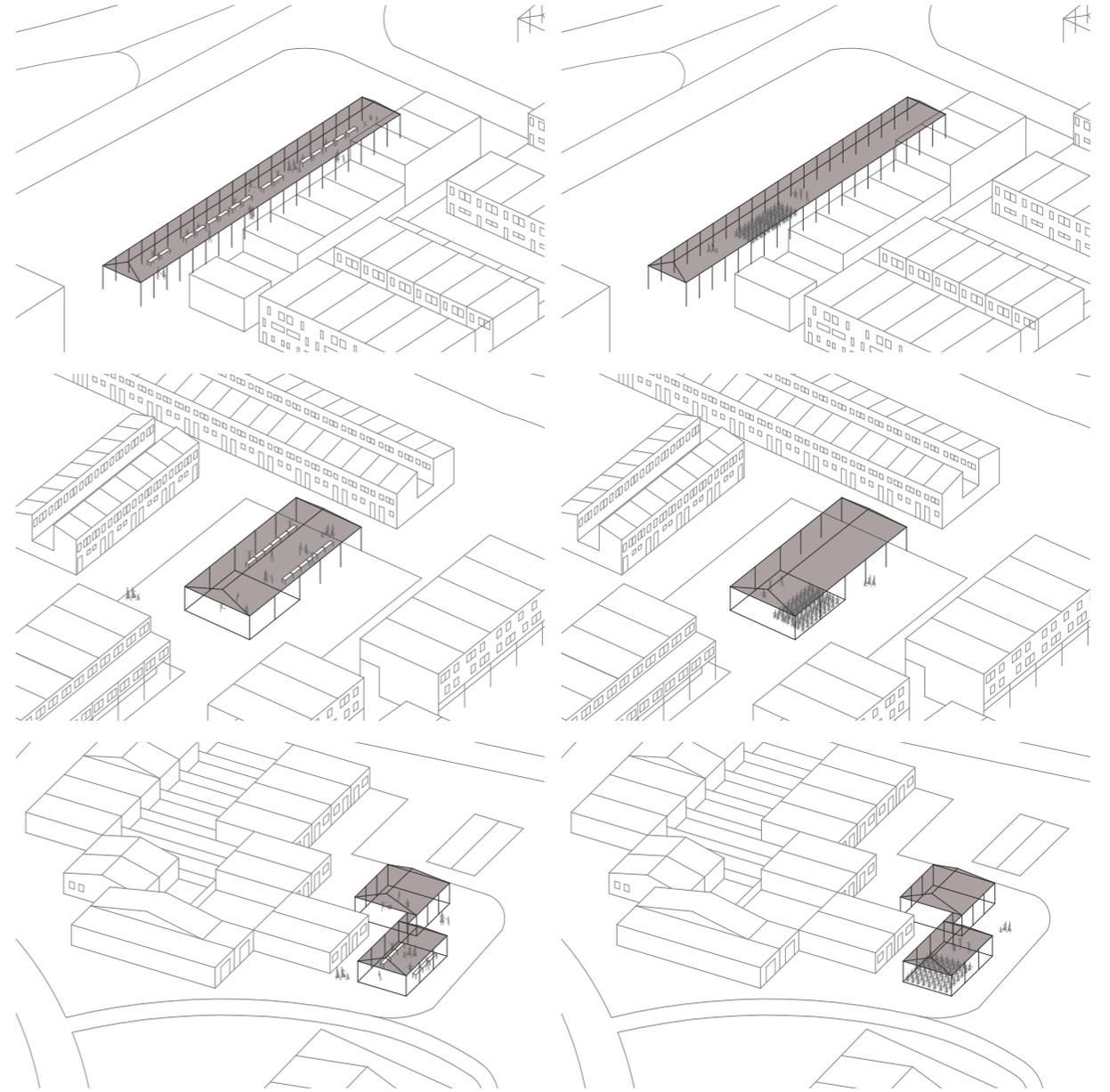
Nas intervenções 3, 4 e 5 procura-se a definição de um espaço de cobertura que seja incentivador de usos diversificados. Pensa-se que a tipologia de cobertura, por não ser limitativa, poderá ser pertinente na construção dos espaços interiores no exterior, onde a domesticidade se poderá estender, permitir a variedade programática e oferecer um lugar para os usos que não se conseguem prever. Assim, através destas intervenções tenta-se explorar a ideia de que o utilizador do espaço deverá também tornar-se um produtor do mesmo. No projeto 3 procura-se tirar partido do sentido longitudinal da rua evidenciando assim o espaço do qual as pessoas já se apropriam. No projeto 4 e 5, ao invés de se rejeitar o desenho do mobiliário urbano existente, o objetivo é evidenciá-lo através da implantação dos volumes, dando assim uma cobertura aos 'anfiteatros' existentes (fig. 59).



1 - Situação Existente

2 - Construção das coberturas

fig. 59 - Diagramas explicativos das Intervenções 3, 4 e 5: Bairros 1º de Maio e Soeiro Pereira Gomes - Coberturas Polivalentes



3 - Apropriação das coberturas para uma feira

4 - Apropriação das coberturas para um espetáculo

De um modo geral, todas as intervenções pertencem dar um lugar àquelas atividades quase impercetíveis: às idas para o trabalho ou escola, ao supermercado, ao parque onde os amigos brincam às escondidas, à farmácia, ao café onde estão as amigas, à casa do vizinho ou ao jardim onde os amigos jogam às cartas. Acredita-se que estas atividades estão na base do que é capaz de gerar a malha de relações entre o indivíduo, os outros indivíduos e a cidade. Ensaiam-se estes lugares para os acontecimentos que não se vêem ou são inesperados. Por isso, explora-se o seu caráter inacabado também como essência vital para a cidade porque permite novas abordagens e novos sentidos espaciais.

“aprender não é repassar-se?”

Ondjaki



Considerando o contexto em que este exercício foi colocado e a complexidade do território de Sines, procurou-se compreender as questões relacionadas com a forma urbana da cidade de Sines; de que forma é que estas representam oportunidades de intervenção; qual o âmbito da intervenção e de que forma se pode materializar.

Os investimentos realizados desde a década de sessenta com a ambição de transformar Sines num porto oceânico e num polo de desenvolvimento regional, tiveram um profundo impacto urbano, paisagístico e ambiental, do qual resultou a desagregação do território físico e social. Perante este facto, e com o objetivo de uma intervenção mais adequada, surgiu a necessidade de compreender o que constitui, e influencia, a forma urbana desta cidade. Compreendeu-se que, neste contexto, a forma não é fácil de identificar dado ser o resultado de um conjunto de vários elementos de uma totalidade composta: o padrão urbano. Os padrões urbanos representam uma totalidade composta visto que podem ser entendidos através de dualidades. Estas dualidades, presentes em todos os padrões urbanos, são vistas não como opostos irreconciliáveis, mas como complementos que representam a sua natureza complexa. Através das dualidades espaço não construído versus forma construída; eventos contínuos versus eventos discretos; e elementos repetitivos versus elementos únicos; foi possível corresponder o padrão de cidade arquipélago à cidade de Sines. Neste tipo de padrão, não só existem grandes porções de território vazio, como estas se encontram ligadas por diversos vazios de diferentes escalas e tipologias.

Deste modo, concluiu-se a importância da compreensão e reconhecimento destes espaços residuais ou interstícios urbanos para

o desenvolvimento do projeto. Neste ensaio, e em arquitetura, o termo interstício refere-se ao espaço não edificado que resulta da organização do espaço edificado. Não se consideram estes espaços de modo pejorativo, mas sim como oportunidades de intervenção na cidade. Observa-se que o espaço público se encontra desvalorizado relativamente ao espaço edificado, resultando numa situação que não convida à vida coletiva na cidade. No entanto, é na sucessão deste tipo de espaços que se aguarda um cenário de crescimento e consolidação, cuja concretização se afigura cada vez mais incerta devido à crise económica de 2008.

Compreendendo este contexto, colocou-se a questão de qual o modo de intervir sobre os interstícios urbanos da cidade de Sines. Entendeu-se que o problema não deveria ser entendido como a transformação de uma não-cidade em cidade; mas sim na compreensão de uma cidade com dinâmicas e estruturas complexas. Assim, os interstícios representam um conjunto de diferentes identidades com a capacidade e oportunidade de regeneração urbana. Devido a esta complexidade, tornou-se pertinente compreender a proposta como um planeamento flexível e capaz de resistir a flutuações sem se desintegrar. Admitiu-se a importância de reconhecer as várias polaridades dos locais enquanto dimensões individuais, mas também da sua importância enquanto coletividade. Deste modo, compreendeu-se que projetar, poderá passar por estabelecer uma posição intermediária e, reconhecendo as características das polaridades, tentar a sua reconciliação. Assim, a cidade, tal como a casa, deveria ser pensada como uma configuração de espaços intermediários que possibilitem a articulação entre as múltiplas dimensões. Admitindo que a arquitetura é a ferramenta para a construção destes lugares, tornou-se pertinente que a atuação sobre os interstícios funcionasse como acupuncturas urbanas e conciliasse estas questões.

A questão da acupuntura urbana surgiu no trabalho por revelar o potencial regenerador de intervenções urbanas compactas, em pontos cruciais e sem necessidade de uma intervenção de grande dimensão ou tratamento constante. Esta perspetiva, aliada à anterior, foi pertinente para o trabalho por sugerir que a tarefa de projetar se deveria configurar como um campo intermediário de trabalho em que as várias escalas, e polaridades, da cidade são abordadas com o objetivo da regeneração. Neste sentido os espaços intersticiais representaram uma oportunidade de reflexão e ensaio sobre a conceção de um ambiente doméstico, sustentando um sentimento de pertença. Estas noções revelaram a importância destes espaços como pontos focais de acontecimentos, fluxos de mobilidade, momentos energéticos e oportunidades de transformação. Dadas as suas qualidades intersticiais tornou-se possível experimentar a costura das esferas da cidade tradicional e o espaço público, criando uma terceira – a domesticidade. O aspeto central desta questão reside na relação entre a privacidade da casa e da sua localização, que comunica com o espaço público. Centrando o trabalho neste tema, compreendeu-se que este poderia enquadrar-se na escala da domesticidade urbana, individual e coletiva. A partir deste ponto de vista, tomou-se a posição de que o projeto de arquitetura deveria dar espaço ao projeto urbano e ao pensamento sobre o espaço público. Esta perspetiva mostrou que poderia ser possível, através destes (entre) espaços, reconciliar as dimensões opostas da casa-cidade (privado-público) sem a criação de ruturas.

Considerou-se que a questão da domesticidade urbana está relacionada, também, com a vida quotidiana, que apesar de omnipresente é difícil de perceber. De modo a compreender esta dimensão tornou-se, novamente, pertinente compreender o papel dos padrões, aqui relacionados com os acontecimentos relativos à vida entre os edifícios.

Tornou-se pertinente relacionar esta questão da linguagem (conjunto de padrões) com o conceito de transformação, tendo como objetivo a compreensão de como o procedimento tipológico poderia ser a ferramenta de atuação nestes interstícios. Assim, depreendeu-se a importância de partir de algo preexistente, ou seja, de algo que quando se transforma mantém elementos de continuidade. É através desta abordagem que é possível a aproximação do território da tipologia, compreendendo o “tipo” como método. Considerando que o projeto se baseia num processo de constante transformação conclui-se que o procedimento tipológico seria uma forma coerente de intervir na cidade visto que a própria cidade pode também ser vista como uma estrutura incompleta à qual se vão associando novos elementos através do projeto. Neste contexto, tornou-se pertinente compreender também a importância da memória relacionando-a à arquitetura vernacular mas também a um inconsciente coletivo. Entendeu-se que a arquitetura vernacular foi capaz de lidar com sucesso nas casas, vilas e pequenas cidades nas quais se vivia a vida quotidiana sem a necessidade de conceito pessoal ou expressão. Assim, regressando ao tema da reconciliação de polaridades, tornou-se pertinente considerar a importância de articular as várias dimensões do tempo, de modo a reunir o significado essencial do ser humano dividido entre eles. Estas questões suscitaram a necessidade de compreender melhor a noção de tempo como parte integrante da vivência dos lugares que habitamos. Esta perspetiva tornou-se preponderante na medida em que se admitiu as condições múltiplas do tempo. Nesta multiplicidade, o tempo apresenta uma diversidade, relacionada com os seus ciclos que se tornou necessário ter em consideração no momento de projetar. Compreendeu-se que os edifícios deveriam ser entendidos no que diz respeito à multiplicidade do tempo sob a qual os próprios se alteram. Ao aceitar-se esta ideia, incluiu-se a visão de que os edifícios são incompletos quando terminados. Esta noção de incompleto, intrínseca às questões que foram sendo enunciadas,

não foi entendida como uma ameaça, mas sim como uma oportunidade que surge a partir de um lugar que é capaz de absorver e acomodar as várias camadas do tempo. O que se considerou importante, em projeto, sobre esta questão da incompletude, foi o facto de se possibilitar que o tempo faça o seu percurso inevitável de um modo positivo.

Deste modo concluiu-se que os espaços intersticiais poderão ser a chave para a transição e conseqüente reconciliação e articulação das múltiplas dimensões. Este olhar sobre os interstícios permitiu ensaiar novos significados entre polaridades e permitiu pensar sobre o espaço com uma precisão à medida do homem. Através da metodologia utilizada foi possível compreender na prática, o modo como o trabalho teórico e prático pode ser reciprocamente complementar. Este processo auxiliou: na compreensão do território; no posicionamento perante as questões relativamente ao “que” se poderia fazer e “como”; e, em geral, a tomar decisões. Por ter sido uma experiência enriquecedora, do ponto de vista não só académico como pessoal, considera-se mais pertinente o processo de todo o trabalho e não, apenas, o resultado final.

Monografias, Teses e Artigos

- [1] ALEXANDER, Christopher – **A Pattern Language**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1977. 1171 p. ISBN 0195019199
- [2] ALEXANDER, Christopher – **El Modo Intemporal de Construir**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981. 411 p. ISBN 8425210615
- [3] ARÍS, Carlos Martí – **La Cimbra y el Arco**. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2015. 175 p. ISBN 8493370185
- [4] ASCHER, François – **Metapolis: Acerca do Futuro da Cidade**. Oeiras: Celta Editora, 1998. 240 p. ISBN 9728027893
- [5] ASCHER, François – **Novos Principios do Urbanismo Seguido de Novos Compromissos Urbanos: Um Léxico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010. 174 p. ISBN 9789722416702
- [6] CARERI, Francesco – **Walkscapes: Walking as an aesthetic practice**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. 203 p. ISBN 9788425218415
- [7] EYCK, Aldo van – **Collected Articles and other Writings 1947-1998**. Amsterdão: Sun, 2008. 743 p. ISBN 9789085062622
- [8] EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. 236 p.
- [9] GEHL, Jan – **La Humanización del Espacio Urbano: la Vida Social entre los Edificios**. Barcelona: Editorial Reverté, 2006. 215 p. ISBN 8429121099

- [10] GRINOVER, Marina e RUBINO, Silvana – **Lina por Escrito: Textos Escolhidos de Lina Bo Bardi**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 208 p. ISBN 8575037641
- [11] HALL, Edward T – **A Dimensão Oculta**. Lisboa: Relógio d'Água, 1986. 230 p. ISBN 9727081231
- [12] STRAUVEN, Francis – **Aldo van Eyck: The Shape of Relativity**. Amsterdão: Architectura Natura, 1998. 680p. ISBN 9071570614
- [13] LYNCH, Kevin – **A Boa Forma da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999. 446 p. ISBN 9724410250
- [14] LOZANO, Eduardo E. – **Community Design and the Culture of Cities: The Crossroad and the Wall**. Cambridge: University Press, 1990. 340 p. ISBN 0521389798
- [15] MULLER, Andreas – The Fundamental Protagonist. **Field Journal**. ISSN: 1755-068. Vol.2, nº 1 (2016) p. 75-82
- [16] PEREIRA, Joana – **Espaços Residuais Urbanos: os 'Baixios' de Viadutos**. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011. 274 p. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura
- [17] PINTO, Diana – **Storytelling Ground: The Urban Dynamic of the Contemporary City**. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012.
- [18] QUEIRÓS, Ana – **Humanização de Espaços Intersticiais Urbanos**. Porto: Universidade Lusíada do Porto, 2014. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura.

[19] SHIEH, Leonardo – **Urban Acupuncture as a Strategy for São Paulo**. Massachusetts: Instituto de Tecnologia de Massachusetts, 2006. 132 p. Tese de Mestrado em Arquitetura.

[20] SOUSA, Miguel – **Espaços de Transição: do Indivíduo à Comunidade**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura, 2014. Tese de Mestrado em Arquitetura

[21] TILL, Jeremy – **Architecture Depends**. Cambridge: The MIT Press, 2013. 254 p. ISBN 9780262012539

[22] WURMAN, Richard Saul – **What Will Be Has Always Been: The Words of Louis I. Kahn**. Nova Iorque: Access Press Ltd e Rizzoli, 1986. 384 p. ISBN 0847806065

Fontes Eletrónicas

[23] GUERREIRO, Maria Rosália – Interstícios Urbanos e o Conceito de Espaço Exterior Positivo. **Fórum Sociológico** [em linha]. nº 18 (2008), p. 13-19 [Consult. 9 Jun. 2016]. Disponível em WWW: < <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/5301>>. ISSN 0872-8380

[24] HESSELGREN, Anna – **Spaces In-Between in Kiruna City Transformation**. [Em linha] [Consult. 29 Set. 2015]. Disponível em WWW: <https://walkonwildsideanna.wordpress.com/2014/10/14/aldo-van-eyck-the-playgrounds-and-the-city/>

[25] TILL, Jeremy – Three Myths and One Model. **Building Material** [em linha] Vol. 17 (2008), p. 4-10 [Consult 15 Jul 2016]. Disponível em WWW: <https://jeremytill.s3.amazonaws.com/uploads/post/attachment/34/2007_Three_Myths_and_One_Model.pdf>

[26] TRIENALDELISBOA – **Sines: Logística à Beira Mar**. [Em Linha] [Consult. 3 Ago. 2016]. Disponível em WWW: <<http://www.trienaldelisboa.com/theformofform/programa/sines-logistica-beira-mar/>>

- 1- Círculos de Chuva, Orfanato de Amsterdão (Holanda), 1955, Arquivo Aldo van Eyck – *in* EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm.** Amsterdão: Sun, 2008. p. 221
- 2- Fotografia aérea, Sines (Portugal), 1960/1970 – *in* DIÁRIO DE SINES – **Sines Antigo.** [Em linha] [Consult. 20 Fev. 2016]. Disponível em WWW: <https://diariodesines.wordpress.com/2016/02/05/sines-antigo/>
- 3- Dualidade “espaço não construído *versus* forma construída”: Plano de Nolli, Roma (Itália), 1748, Giambattista Nolli – *in* LOZANO, Eduardo E. – **Community Design and the Culture of Cities: The Crossroad and the Wall.** Cambridge: University Press, 1990. p. 41
- 4- Dualidade “espaço não construído *versus* forma construída”: Planta do Centro Histórico, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 5- Dualidade “eventos contínuos *versus* eventos discretos”: Castelo de Vide (Portugal) – *in* LOZANO, Eduardo E. – **Community Design and the Culture of Cities: The Crossroad and the Wall.** Cambridge: University Press, 1990. p. 45
- 6- Dualidade “eventos contínuos *versus* eventos discretos”: Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 7- Dualidade “elementos repetitivos *versus* elementos únicos”: Teotihuacán (México), 0-400 d.C – *in* LOZANO, Eduardo E. – **Community Design and the Culture of Cities: The Crossroad and the Wall.** Cambridge: University Press, 1990. p. 48
- 8- Dualidade “elementos repetitivos *versus* elementos únicos”: Sines (Portugal), 2016 – autoria própria

- 9- Diagramas do aparecimento de ilhas, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 10- Citoplasma de células da planta de tomate – *in* SCIENCE – Biology. [Em linha] [Consult. 17 Ago. 2016]. Disponível em WWW: <http://www.science.gc.ca/default.asp?lang=En&n=B578F194-1&printfullpage=true>
- 11- Fotografia aérea de campos agrícolas, Sines (Portugal), 2016 – GOOGLE MAPS – **Sines**. [Em linha] [Consult. 17 Ago. 2016]. Disponível em WWW: <https://www.google.pt/maps/place/Sines/@37.9589383,-8.859384,973m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd1b953ce3d766dd:0x902cf6e17efe2acf!8m2!3d37.9261358!4d-8.770147>
- 12- Espaço positivo e espaço negativo – *in* ALEXANDER, Christopher - **A Pattern Language**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1977. p. 518
- 13- Espaço convexo e espaço não convexo – *in* ALEXANDER, Christopher - **A Pattern Language**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1977. p. 519
- 14- Desvalorização do espaço público, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 15- Desvalorização do espaço público, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 16- Oportunidade de regeneração urbana, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 17- Oportunidade de regeneração urbana, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria

- 18- Horta em varanda, Sines (Portugal), 2016- autoria própria
- 19- Fotografia ilustrativa do conceito de *doorstep*, Ernst Haas – *in* EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 52
- 20- Fotografia ilustrativa do conceito de *doorstep*, Sines (Portugal) – autoria própria
- 21- Fotografia ilustrativa do conceito *in-between*, Nazaré (Portugal), 1955 – *in* NAGGAR, Carole – **Beyond Cartier-Bresson: A History of a Master's Early Work**. [Em linha] [Consult. 15 Nov. 2015]. Disponível em WWW: <http://time.com/3807698/beyond-cartier-bresson-a-history-of-a-masters-early-work/>
- 22- Fotografia ilustrativa do conceito *in-between*, Sines (Portugal), 1950s – *in* LOURIDO, H. – *Minha Terra, Minha Gente*. [Em linha] [Consult. 19 Jan. 2016]. Disponível em WWW: http://4.bp.blogspot.com/-OfrlgohsKf8/UbTFwkUAtal/AAAAAAAAACNs/aUdW3-y44Q4/s1600/419253_388738587822232_402930785_n.jpg
- 23- Diagrama “tree/leaf”, 1962, Aldo van Eyck – *in* STUDYBLUE – *Hsarch Final Maureens*. [Em linha] [Consult. 15 Nov. 2015]. Disponível em WWW: <https://www.studyblue.com/notes/note/n/hsarch-final-maureens/deck/13085092>
- 24- Fotografia “Chapéu grande ou telhado pequeno?”, George Rodger – *in* DIAGONAL 30 – *Norberto Chaves lo dejó*. [Em linha] [Consult. 15 Nov. 2015]. Disponível em WWW: <http://www.revistadiagonal.com/entrevistes/ho-va-deixar/norberto-chaves/>

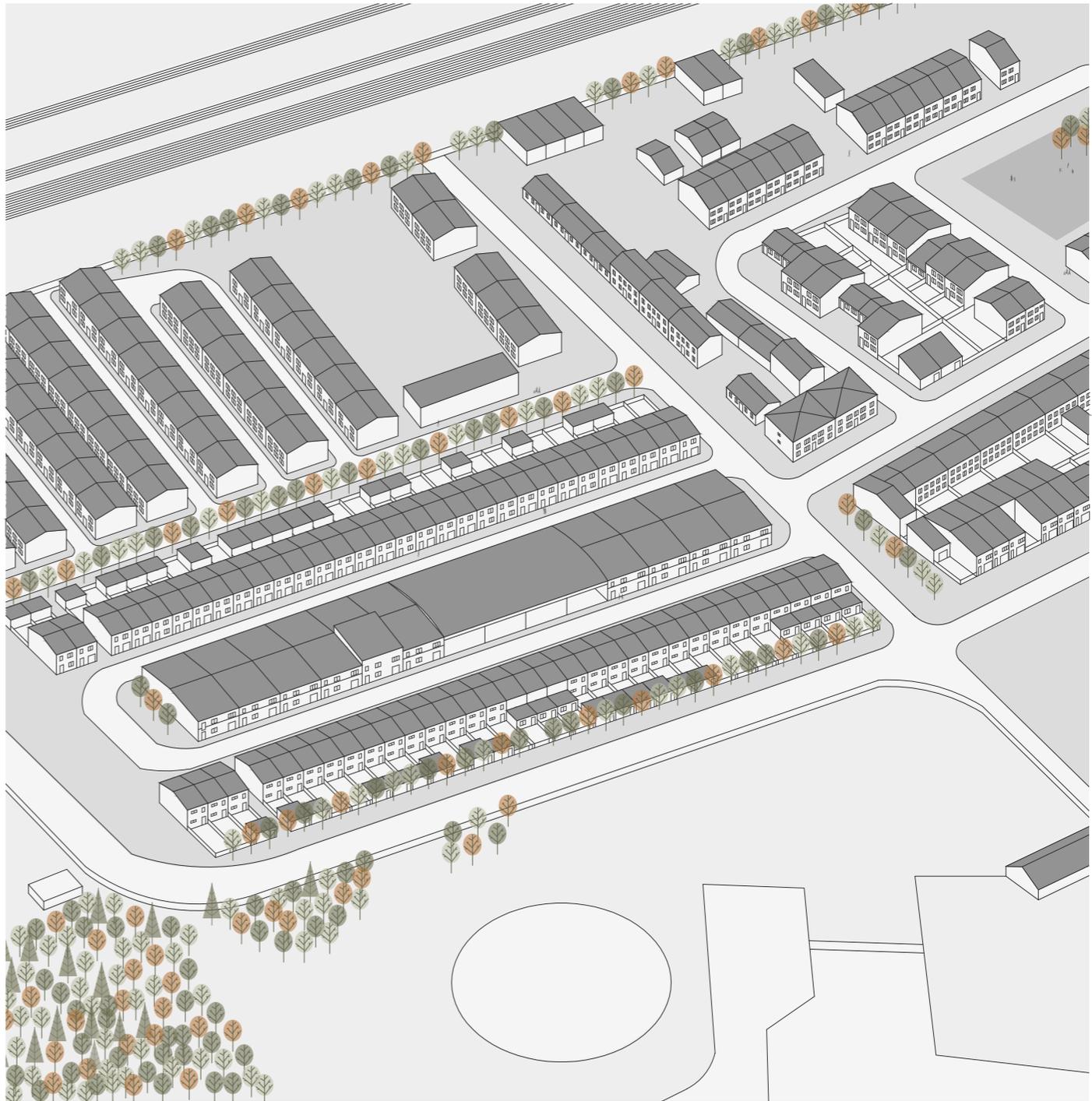
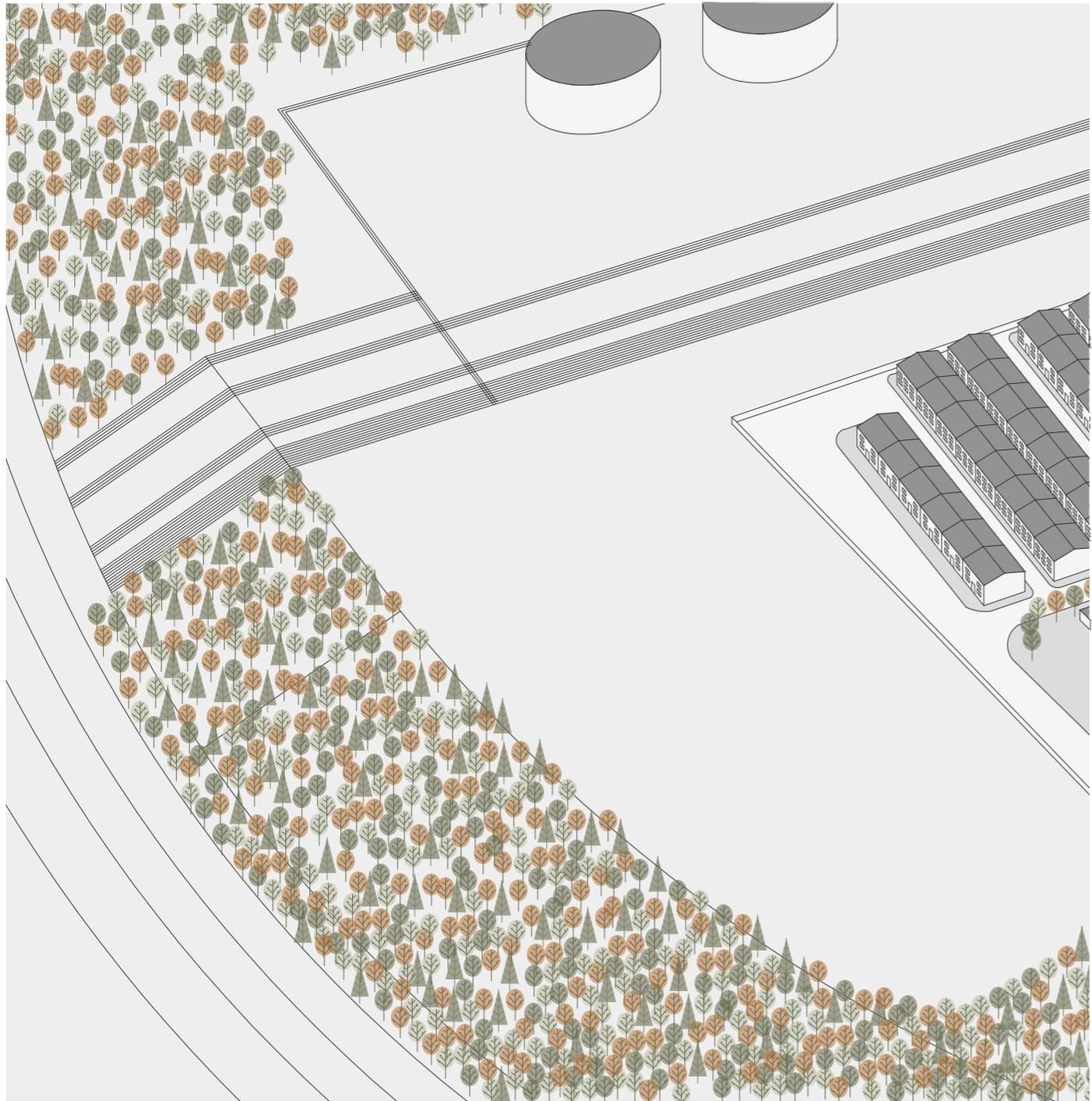
- 25- Antigo mercado de peixe, Torres Vedras (Portugal) – in PATRIMONIO – **As Obras na zona da igreja de S. Pedro**. [Em linha] [Consult. 24 Jun 2016]. Disponível em WWW: <http://patrimoniotorresvedras.blogspot.pt/2012/08/as-obras-na-zona-da-igreja-de-s-pedro.html>
- 26- Parque infantil Dijkstraat: antes da intervenção, Amsterdão (Holanda), 1954, Aldo van Eyck – in LEFAIVRE, Liane – **Aldo van Eyck: the playgrounds and the city**. Roterdão: Stedelijk Museum Amsterdam, 2002. p. 16
- 27- Parque infantil Dijkstraat: depois da intervenção, Amsterdão (Holanda), 1954, Aldo van Eyck – in LEFAIVRE, Liane – **Aldo van Eyck: the playgrounds and the city**. Roterdão: Stedelijk Museum Amsterdam, 2002. p. 17
- 28- Fotografia do projeto da Plaça dels Paisos Catalans, Barcelona (Espanha), 1981-1983, Albert Viaplana e Helio Piñón – in AA.VV. – **Barcelona: arquitectura y ciudad 1980-1992**. Barcelona: Gustavo Gili, 1990. p. 174
- 29- Fotografia do projeto da Plaça de la Palmera, Barcelona (Espanha), 1982-1984, Pedro Barragán e Bernardo de Sola – in AA.VV. – **Barcelona: arquitectura y ciudad 1980-1992**. Barcelona: Gustavo Gili, 1990. p. 186
- 30- Diagrama da proposta de intervenção sobre o conjunto de interstícios, Sines (Portugal) – autoria própria
- 31- Reunião de cadeiras na ausência de pessoas, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria

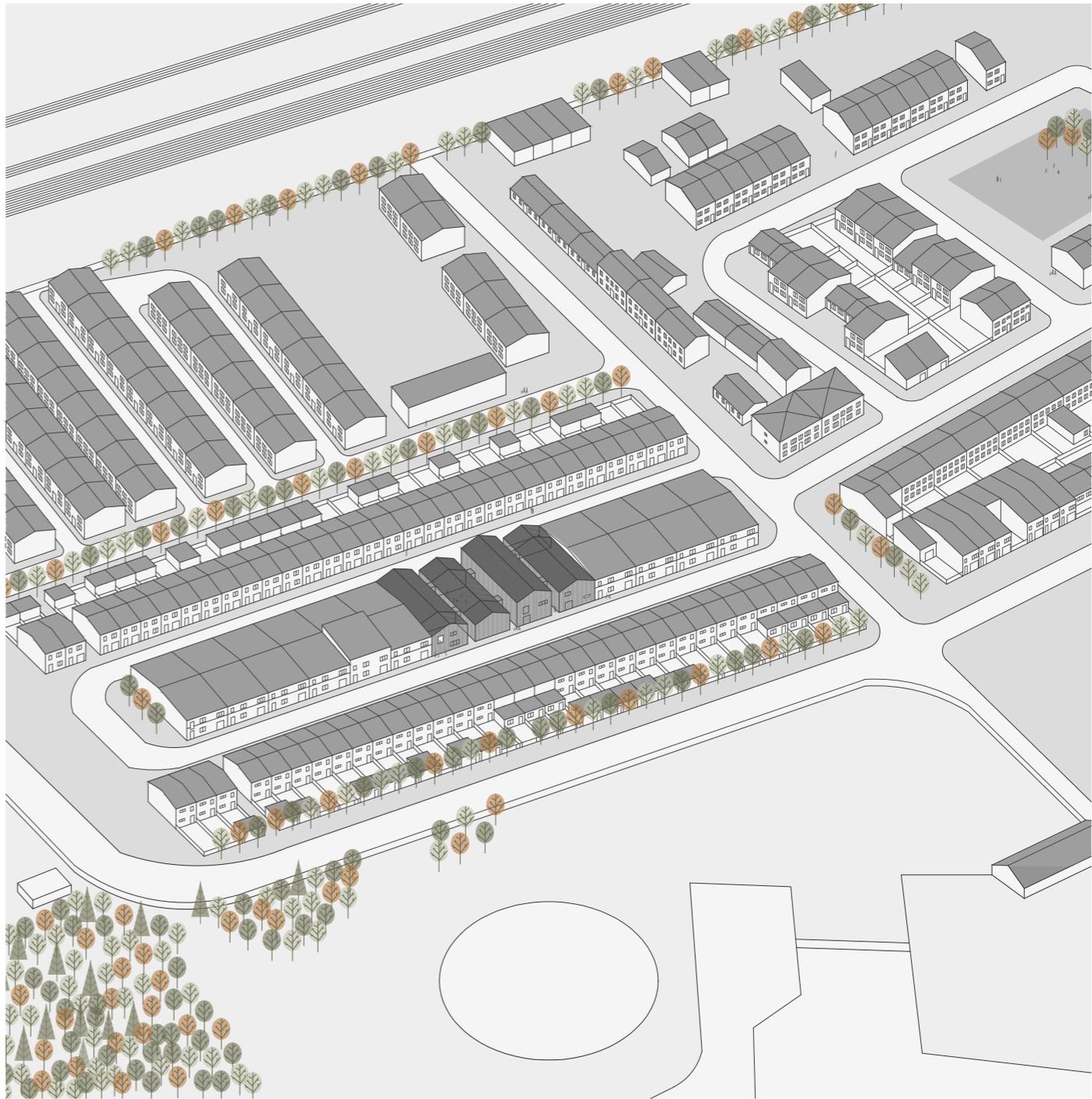
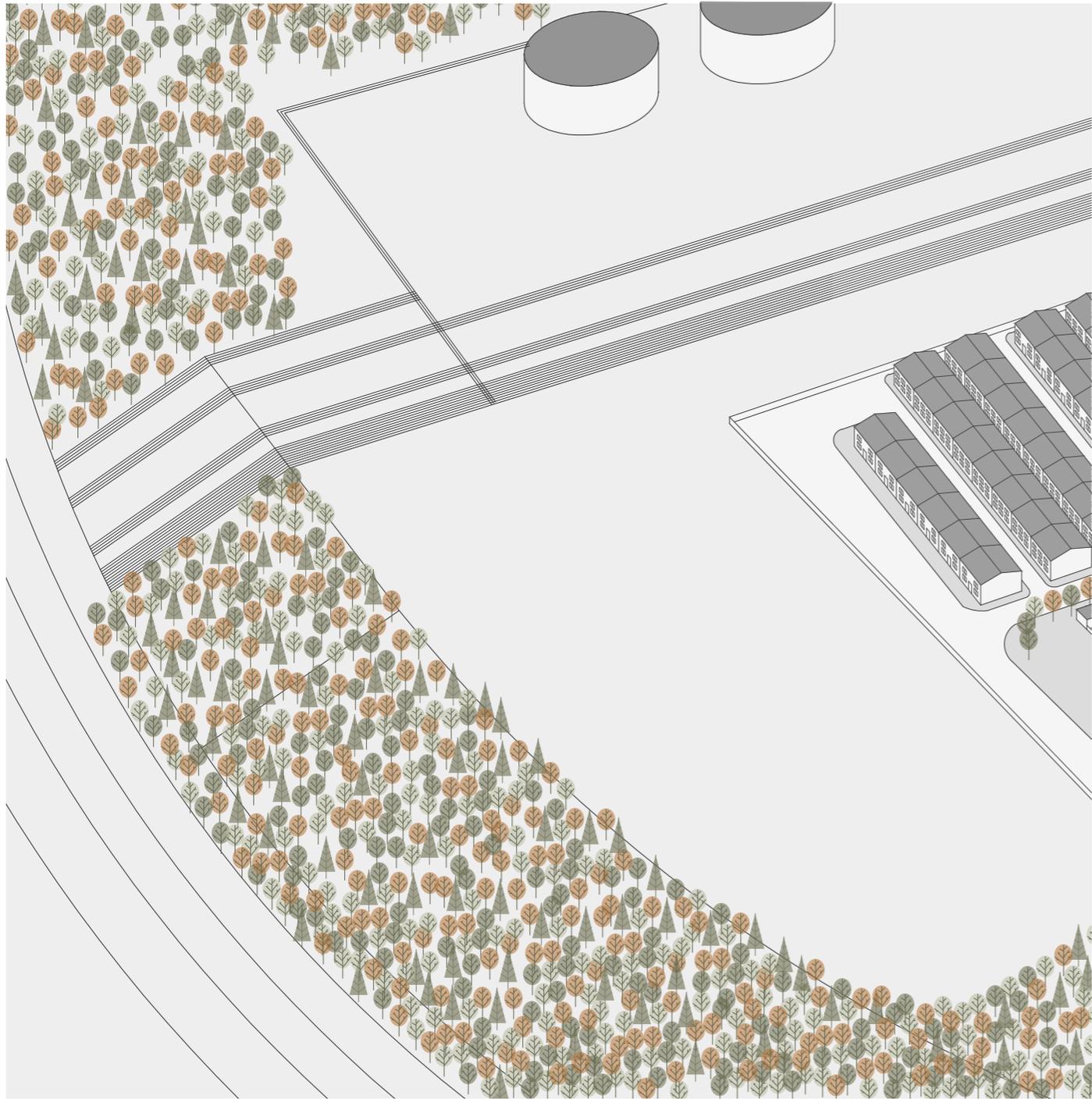
- 32- Lavadouro, Loulé (Portugal), 1955 – in OAPIX – **Lavadouro e Fonte**. [Em linha] [Consult. 3 Jul. 2016]. Disponível em WWW: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/3911,01,12/index.htm>
- 33- Mercado, Portimão (Portugal), 1956 – in OAPIX – **Mercado**. [Em linha] [Consult. 3 Jul. 2016]. Disponível em WWW: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/4607,01,12/index.htm>
- 34- Mercado, Santa Comba Dão (Portugal), 1955 – OAPIX – **Mercado Feira**. [Em linha] [Consult. 3 Jul. 2016]. Disponível em WWW: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/4395,01,15/index.htm>
- 35- Coreto, Alcobaça (Portugal), 1957 – in OAPIX – **Coreto**. [Em linha] [Consult. 3 Jul. 2016]. Disponível em WWW: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1319,01,9/index.htm>
- 36- Mercado, Santarém (Portugal), 1955 – in OAPIX – **Mercado**. [Em linha] [Consult. 3 Jul. 2016]. Disponível em WWW: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/2454,01,13/index.htm>
- 37- Mercado, Torres Vedras (Portugal) – in PATRIMONIO – **As Obras na zona da igreja de S. Pedro**. [Em linha] [Consult. 24 Jun 2016]. Disponível em WWW: <http://patrimoniotorresvedras.blogspot.pt/2012/08/as-obras-na-zona-da-igreja-de-s-pedro.html>
- 38- Telheiro, Nazaré (Portugal), 1955 – in OAPIX – **Telheiro**. [Em linha] [Consult. 3 Jul. 2016]. Disponível em WWW: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/3389,01,9/index.htm>
- 39- Mercado, Ferreira do Zêzere (Portugal), 1955 – OAPIX – **Mercado**. [Em linha] [Consult. 3 Jul. 2016]. Disponível em WWW: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/2377,01,13/index.htm>

- 40- Fotografia ilustrativa do texto “Another Miracle”: algo mais permanente que a neve, Cas Oorthuys, in EYCK, Aldo van – **The Child, the City and the Artist: an Essay on Architecture the In-Between Realm**. Amsterdão: Sun, 2008. p. 25
- 41- Traços da ocupação no tempo de uma mesa de refeição, Sarah Wiggelsworth e Jeremy Till – in ROAKE, Bem – **02 Design**. [Em linha] [Consult. 15 Out. 2016]. Disponível em WWW: <https://strawbalehouseislondon.wordpress.com/design/>
- 42- Vila Correia, Sines (Portugal), 1991 – in FACEBOOK – **Sines Antigo**. [Em linha] [Consult. 2 Ago. 2016]. Disponível em WWW: <https://www.facebook.com/125962224099871/photos/a.138456186183808.20418.125962224099871/150588304970596/?type=3&theater>
- 43- Localização das cinco intervenções, Sines (Portugal) – autoria própria
- 44- Localização da Intervenção 1: ZIL 1, Sines (Portugal), 2016 - autoria própria
- 45- Localização da Intervenção 1: ZIL 1, Sines (Portugal), 2016 - autoria própria
- 46- Localização da Intervenção 2: Bairro da Floresta, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 47- Localização da Intervenção 2: Bairro da Floresta, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 48- Localização da Intervenção 3: Bairro 1º de Maio, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 49- Localização da Intervenção 3: Bairro 1º de Maio, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria

- 50- Localização da Intervenção 4: Bairro 1º de Maio, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 51- Localização da Intervenção 4: Bairro 1º de Maio, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 52- Localização da Intervenção 5: Bairro Soeiro Pereira Gomes, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 53- Localização da Intervenção 5: Bairro Soeiro Pereira Gomes, Sines (Portugal), 2016 – autoria própria
- 54- Diagramas de análise dos usos existentes em cada localização – autoria própria
- 55- Diagramas de análise das dimensões existentes em cada localização: quais as polaridades a reconciliar? – autoria própria
- 56- Diagramas demonstrativos da organização programática: como construir programa através das atividades quotidianas? – autoria própria
- 57- Diagramas explicativos da intervenção 1: ZIL 1 - Centro de Atividades e Ocupação dos Tempos Livres – autoria própria
- 58- Diagramas explicativos da intervenção 2: Bairro da Floresta – Reconversão das Garagens da Rua da Constituição – autoria própria
- 59- Diagramas explicativos das intervenções 3,4 e 5: Bairros 1º de Maio e Soeiro Pereira Gomes – Coberturas Polivalentes – autoria própria
- 60- Fotografia de Violette Cornelius – in KRUEGER, Carla H – **What to Rediscover your taste for adventure?** [Em Linha] [Consult. 2 Out. 2016]. Disponível em WWW: [<https://carlakrueger.com/2015/01/18/want-to-rediscover-your-taste-for-adventure/>](https://carlakrueger.com/2015/01/18/want-to-rediscover-your-taste-for-adventure/)

a. Desenhos finais de projeto individual







Planta de Implantação da intervenção 1: ZIL 1 - Centro de Atividades e Ocupação dos Tempos Livres

escala 1/1500

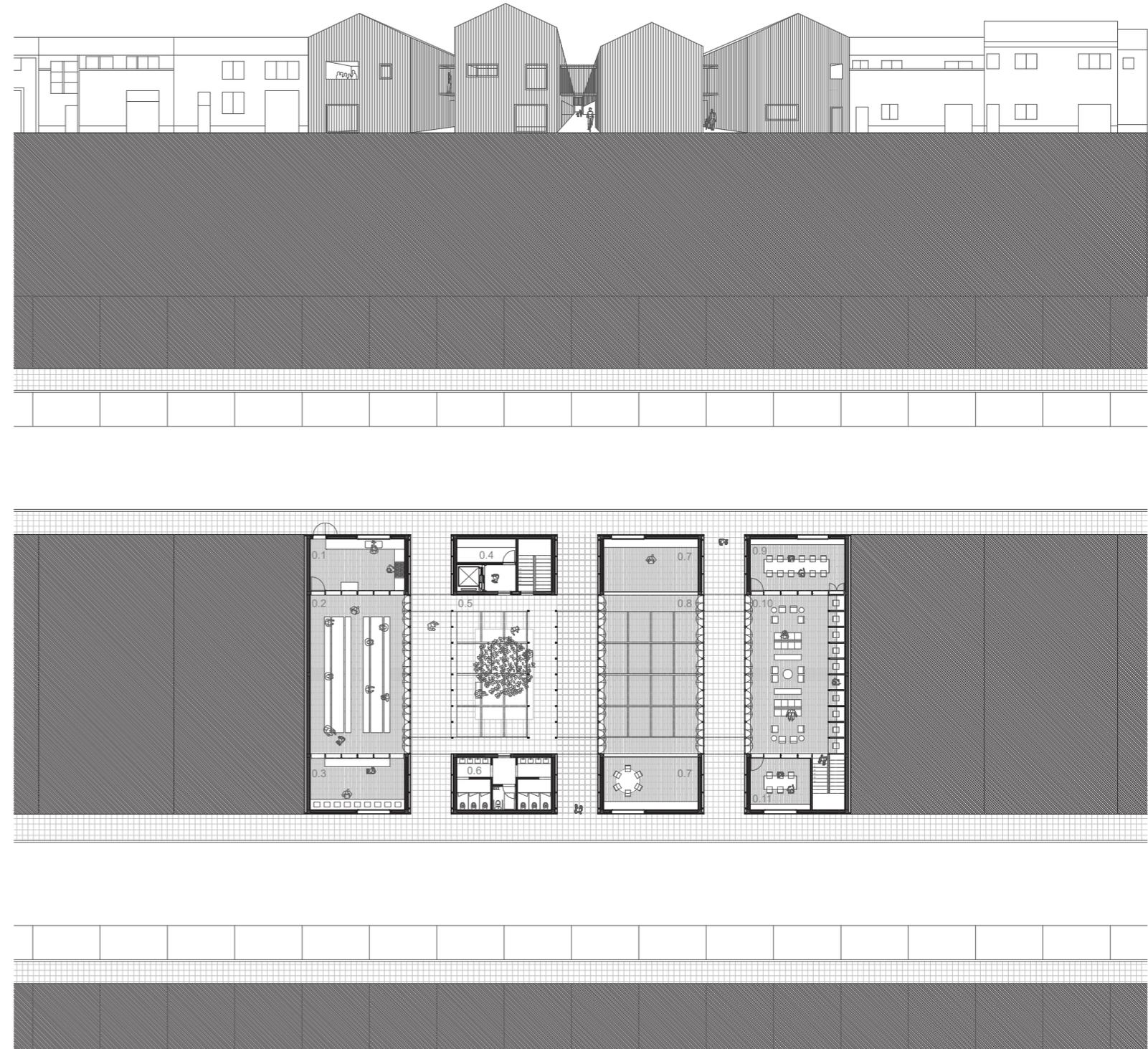


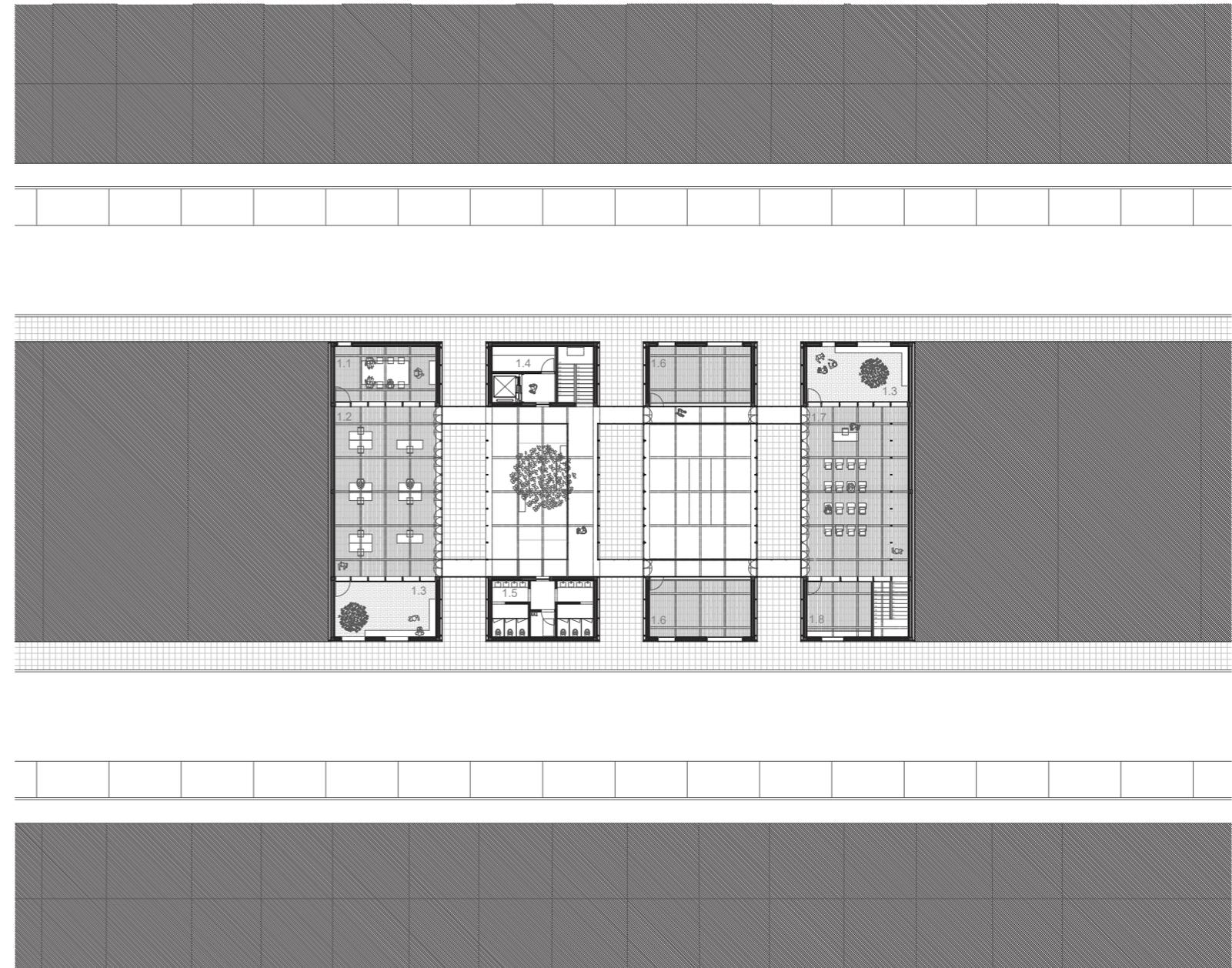


Alçado e Planta de piso 0 da intervenção 1: ZIL 1 - Centro de Atividades e Ocupação dos Tempos Livres

escala 1/400

0.1 cozinha 26.3m² | **0.2** espaço de refeição 81.5m² | **0.3** espaço de confecção 26.3m² | **0.4** espaço de apoio 7.4m²
0.5 pátio/jardim 81.5m² | **0.6** - i.s 9,55m² (x2) + i.s mobilidade condicionada 2.9m² | **0.7 e .08** espaço recreativo e eventos 138.2m² (26.85 + 84.5 + 26.85) | **0.9** sala de estudo/grupos 26.3m² | **0.10** sala de leitura comum 81.15m²
0.11 sala de estudo/grupos 16.7m²





Planta de piso 1 da intervenção 1: ZIL 1 - Centro de Atividades e Ocupação dos Tempos Livres

escala 1/400

1.1 sala de reuniões 26.3m² | 1.2 administração 81.5m² | 1.3 pátio 26.3m² | 1.4 espaço de apoio 7.4m²
1.5 - i.s 9,55m² (x2) + i.s mobilidade condicionada 2.9m² | 1.6 espaço recreativo 26.85m² | 1.7 sala de formação/conferências
81.15m² | 1.8 espaço de apoio 16.7m²

Corte Construtivo da intervenção 1: ZIL 1 - Centro de Atividades e Ocupação dos Tempos Livres

escala 1/150

1. paredes exteriores

painel de policarbonato alveolar 40mm
reboco estucado e pintado
pano exterior de alvenaria de tijolo 300x200x110mm
isolamento térmico XPS
pano interior de alvenaria de tijolo 300x200x70mm
reboco estucado e pintado

2. cobertura (estrutura em asnas simples de madeira)

chapa de zinco
tela impermeabilizante
estrado de ripas de madeira 50x50mm
barreira pára-vapor
painel de madeira espessura 35mm
vara de madeira 80x60mm
madre de madeira 180x100mm

3. tubo de aço secção retangular 120x60x2mm

4. cobertura (estrutura em asnas simples de madeira):

painel ondulado de policarbonato de dupla parede 40mm
painel metálico ondulado tipo R-U com perfuração circular 7mm
estrado de ripas de madeira 50x50mm
vara de madeira 80x60mm
madre de madeira 200x100mm

5. terra vegetal

6. passadiço:

tubos de secção retangular 120x60x2mm
painel de OSB 18mm
placa cimentícia 19mm
pavimento vinílico

8. pavimento interior:

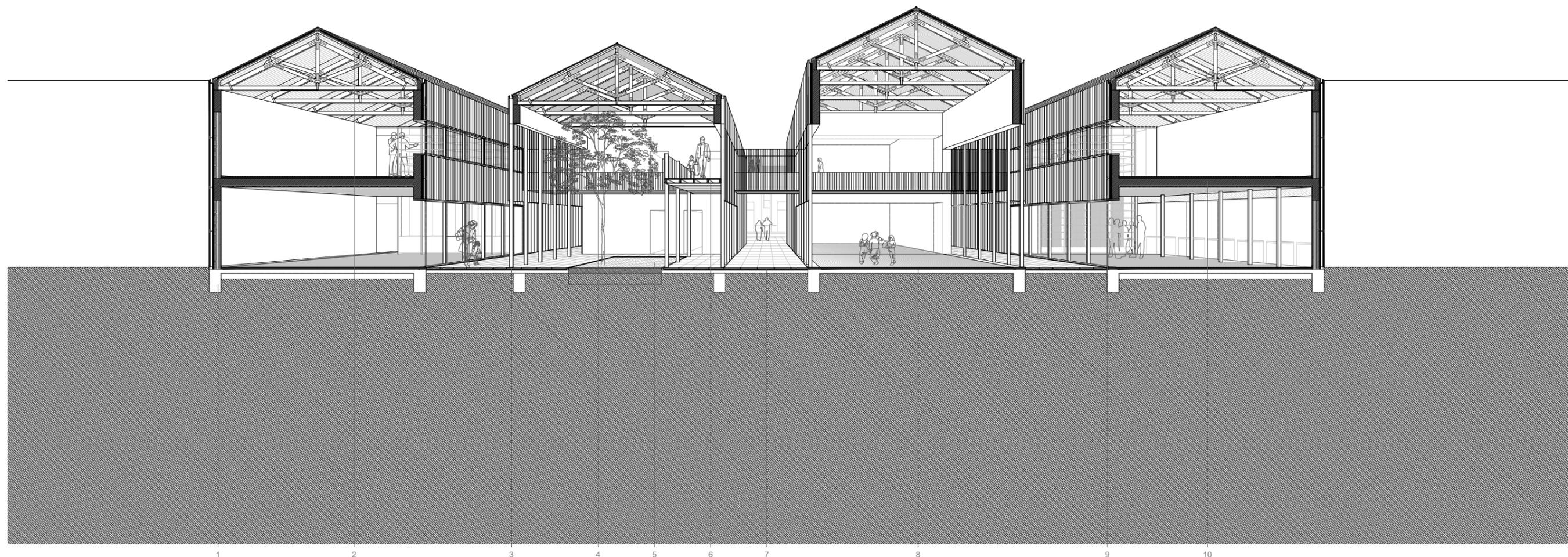
pavimento vinílico
betonilha de regularização e laje de betão armado
filme de pvc e membrana geotêxtil
enrocamento de brita
terreno regularizado e compactado

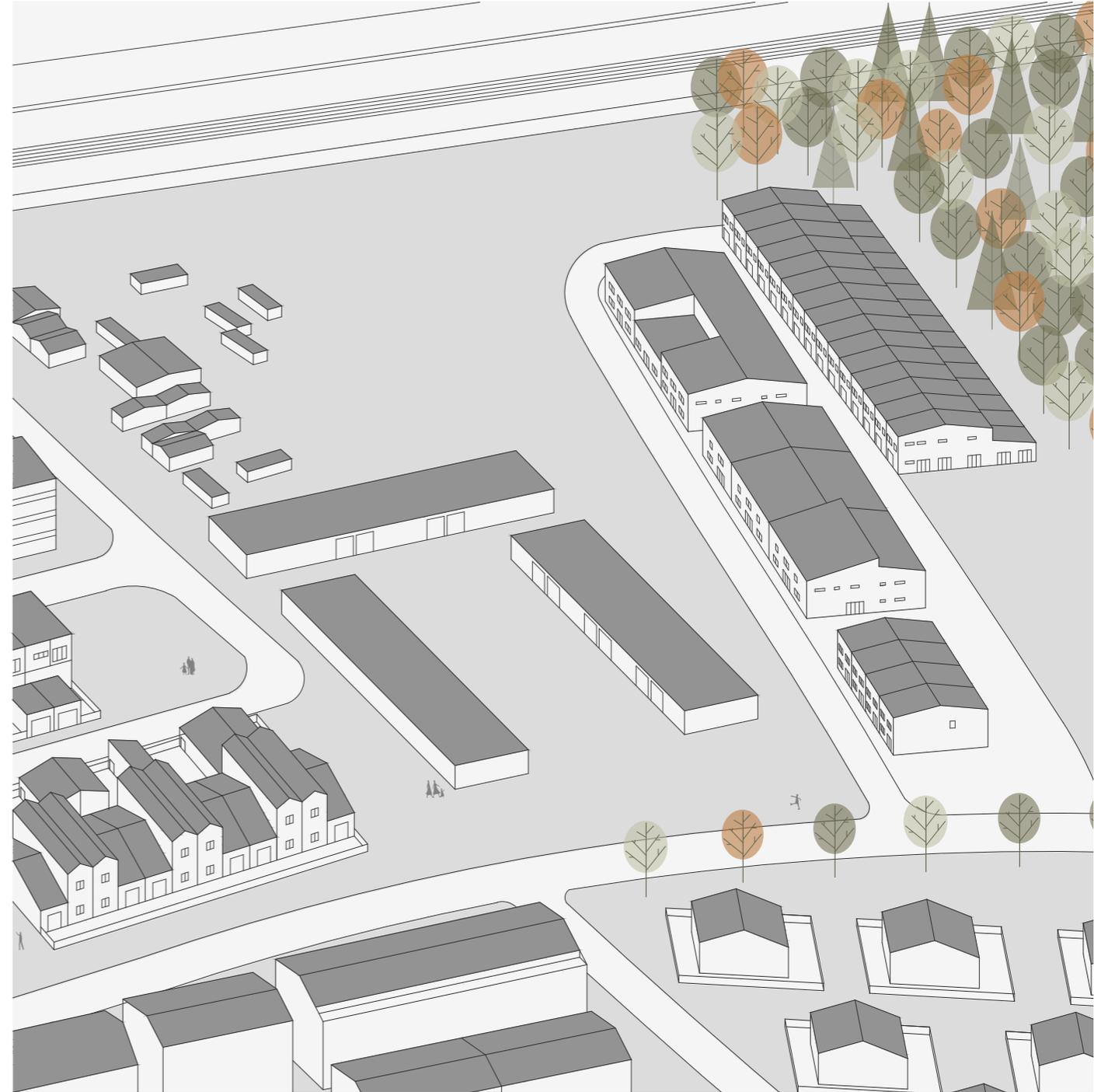
9. porta:

estrutura em cantoneiras de aço 60x60x6mm
painel de policarbonato alveolar 40mm

10. laje piso 1:

régua trapezoidais de madeira 40x30mm
painel de isolamento acústico 40mm
laje de betão armado 250mm
betonilha de regularização
pavimento vinílico





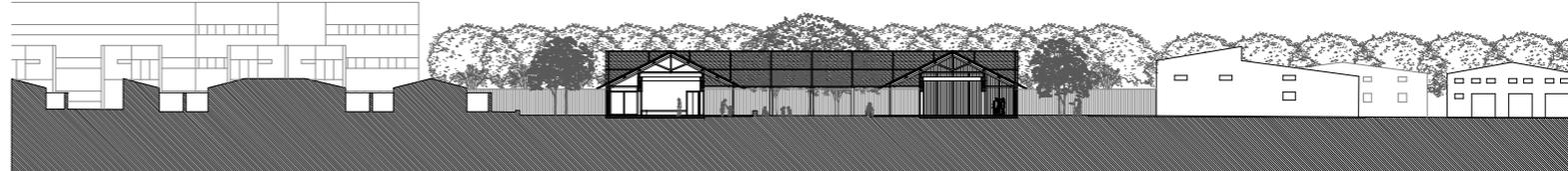
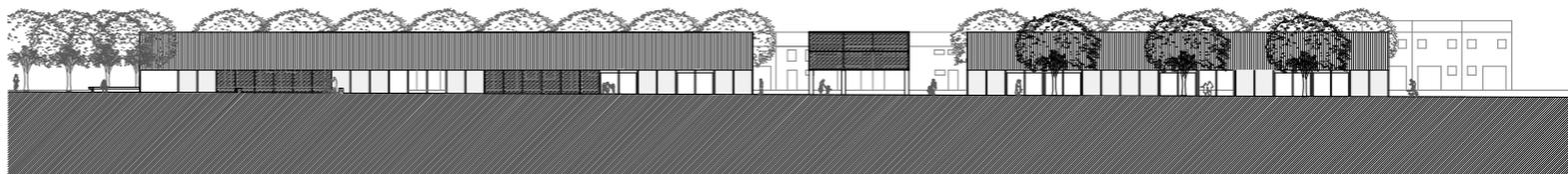




Planta de implantação da intervenção 2: Bairro da Floresta - Reversão das Garagens da Rua da Constituição

escala 1/1500





Corte A, Planta de piso, Corte B da intervenção 2: Bairro da Floresta - Reconversão das Garagens da Rua da Constituição

escala 1/800

1. Edifício Proposto

i.s 15m² (x2) | espaço de refeição 122m² | cozinha comunitária 80m² | sala ocupação tempos livres 40m²
recreio 122m² | espaço de trabalho 80m² | pátio 14m² | antecâmara 26m² | espaço de apoio 40m²

2. Espaço Polivalente (antiga Garagem) 420m²

3. e 4. Edifícios das Garagens

i.s 14m² (x2) | antecâmara cafetaria 37m² | cafetaria 75m² | espaço ocupação de tempos livres 75m²
loja 75m² | pátio 11.2m² | antecâmara 24.5m²
escritório 36m² | oficinas/loja de bicicletas 75m² | espaço de trabalho 75m²

5. Hortas e Jardins 1200m²

6. Pátio das Garagens 541m²

Corte Construtivo da intervenção 2: Bairro da Floresta - Reversão das Garagens da Rua da Constituição

escala 1/100

1. cobertura (estrutura em asnas mistas de madeira):

painel ondulado de policarbonado de dupla parede 40mm
 painel metálico ondulado tipo R-U com perfuração circular 7mm
 estrado de ripas de madeira 50x50mm
 vara de madeira 80x60mm
 madre de madeira 200x100mm

2. parede:

reboco térmico 60mm
 placa de OSB 11mm
 viga em aço galvanizado C100mm
 lâ mineral 2x50mm
 placa de gesso cartonado 2x13mm rebocado e pintado

3. cobertura:

membrana betuminosa;
 painel lâ de rocha revestido a betume 40mm
 placa de OSB 18mm
 viga em aço galvanizado C150mm
 placa de gesso cartonado rebocado e pintado

4. pavimento exterior:

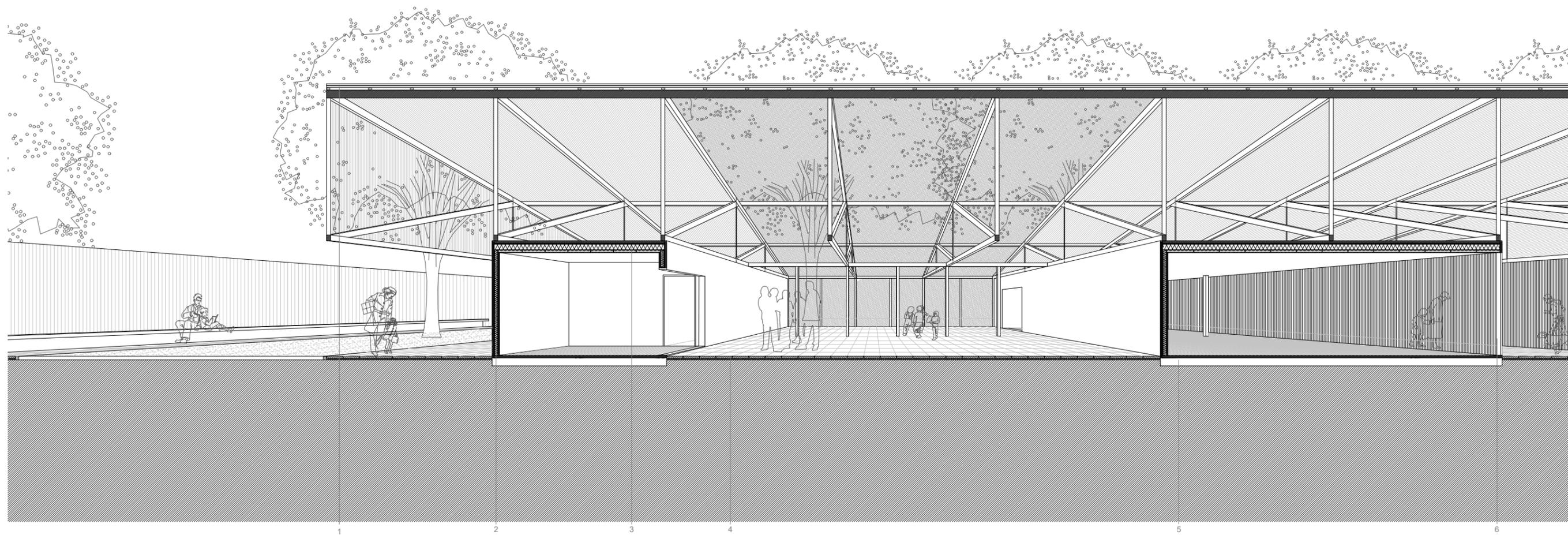
lajetas de betão 400x400x42mm;
 camada de areia;
 membrana geotêxtil
 enrocamento de brita
 terreno regularizado e compactado

5. pavimento interior:

pavimento vinílico
 betonilha de regularização e laje de betão armado
 filme de pvc e membrana geotêxtil
 enrocamento de brita
 terreno regularizado e compactado

6. parede:

painel de policarbonato alveolar 40mm
 tubos de aço secção quadrada 10x10x1,5mm





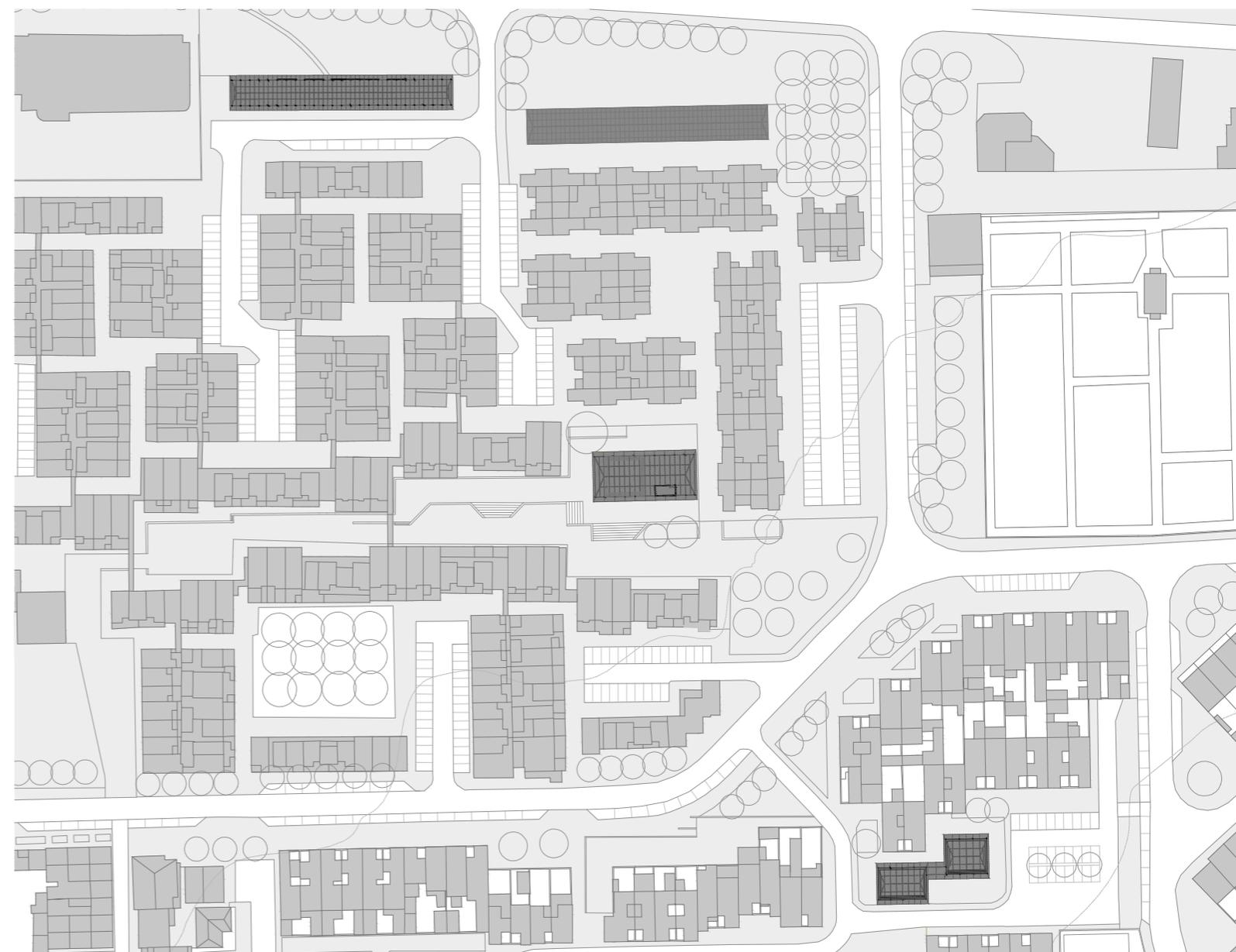


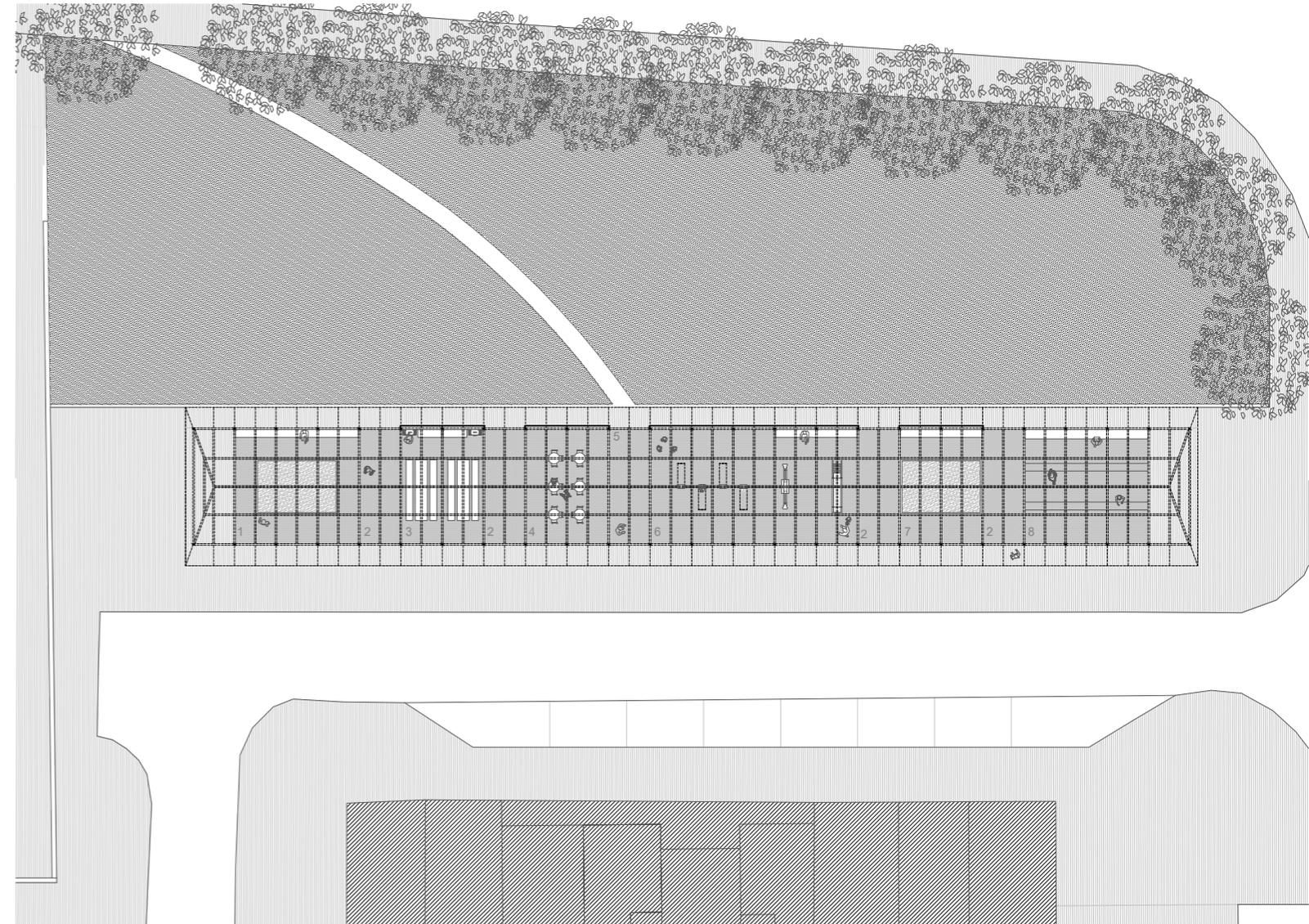
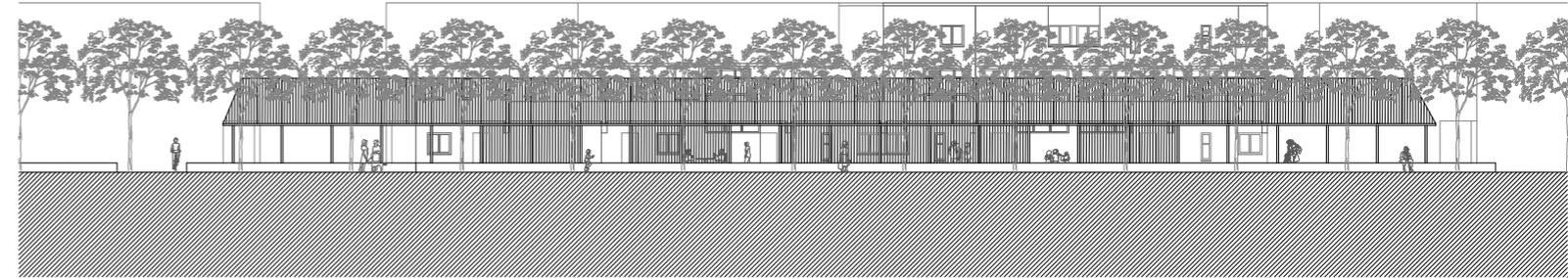


Planta de implantação das intervenções 3, 4, 5: Bairros 1º de Maio e Soeiro Pereira Gomes - Coberturas Polivalentes

escala 1/1500

Área Coberta 1. 670m² | Área Coberta 2. módulo livre 444m² | Área Coberta 3. 375m²





Alçado e Planta de piso da intervenção 3: Bairro 1º de Maio - Cobertura Polivalente

escala 1/400

1. hortas 58.8m² | 2. módulo livre 19.1m² | 3. espaço merendas 38.95m² | 4. espaço convívio 38.95m² |
5. passagem 19.1m² | 6. parque infantil 98.5m² | 7. horta 38.95m² | 8. espaço de estendal 58.8m²

Corte construtivo da intervenção 3: Bairro 1º de Maio - Cobertura Polivalente

escala 1/100

1. pavimento:

lajetas de betão 400x400x42mm;
camada de areia;
membrana geotêxtil
enrocamento de brita
terreno regularizado e compactado

2. painel:

perfil de aço T 30x30x4mm
cantoneira de aço 30x30x3mm
cantoneira de aço 20x20x2mm
tubo secção quadrada 30x30x2mm
painel metálico ondulado tipo R-U com perfuração circular 7mm

3. cobertura (estrutura em asnas simples de madeira):

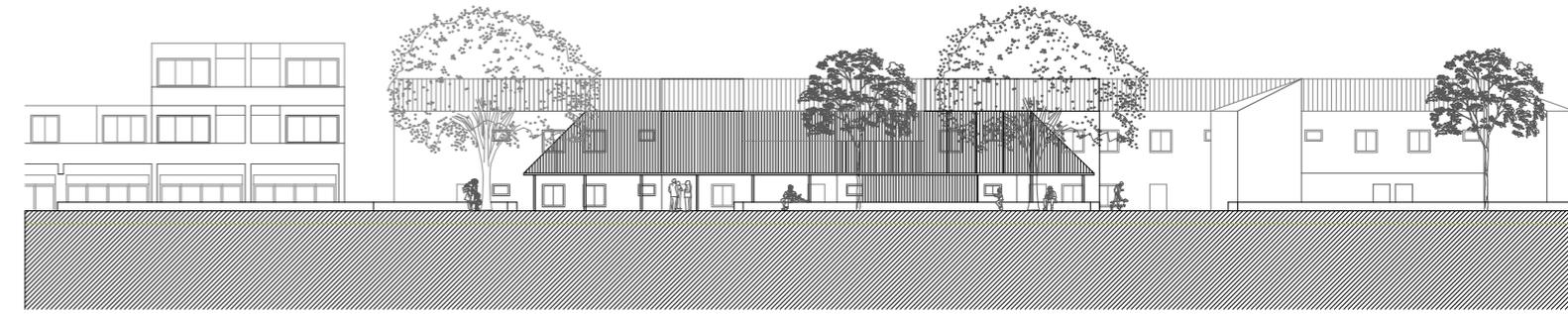
painel ondulado de policarbonado de dupla parede 40mm
painel metálico ondulado tipo R-U com perfuração circular 7mm
estrado de ripas de madeira 50x50mm
vara de madeira 80x60mm
madre de madeira 180x100mm

4. pavimento:

paver cerâmico 200x100x50mm
camada de areia
membrana geotêxtil
enrocamento de brita
terreno regularizado e compactado

5. tubo de aço secção quadrada 10x10x1,5mm





Alçado e Planta de piso da intervenção 4: Bairro 1º de Maio - Cobertura Polivalente

escala 1/400

1. espaço polivalente 424m² | 2. espaço de apoio 16m²

Corte construtivo da intervenção 4: Bairro 1º de Maio - Cobertura Polivalente

escala 1/100

1. pavimento:

lajetas de betão 400x400x42mm;
camada de areia;
membrana geotêxtil
enrocamento de brita
terreno regularizado e compactado

2. pavimento:

paver cerâmico 200x100x50mm
camada de areia
membrana geotêxtil
enrocamento de brita
terreno regularizado e compactado

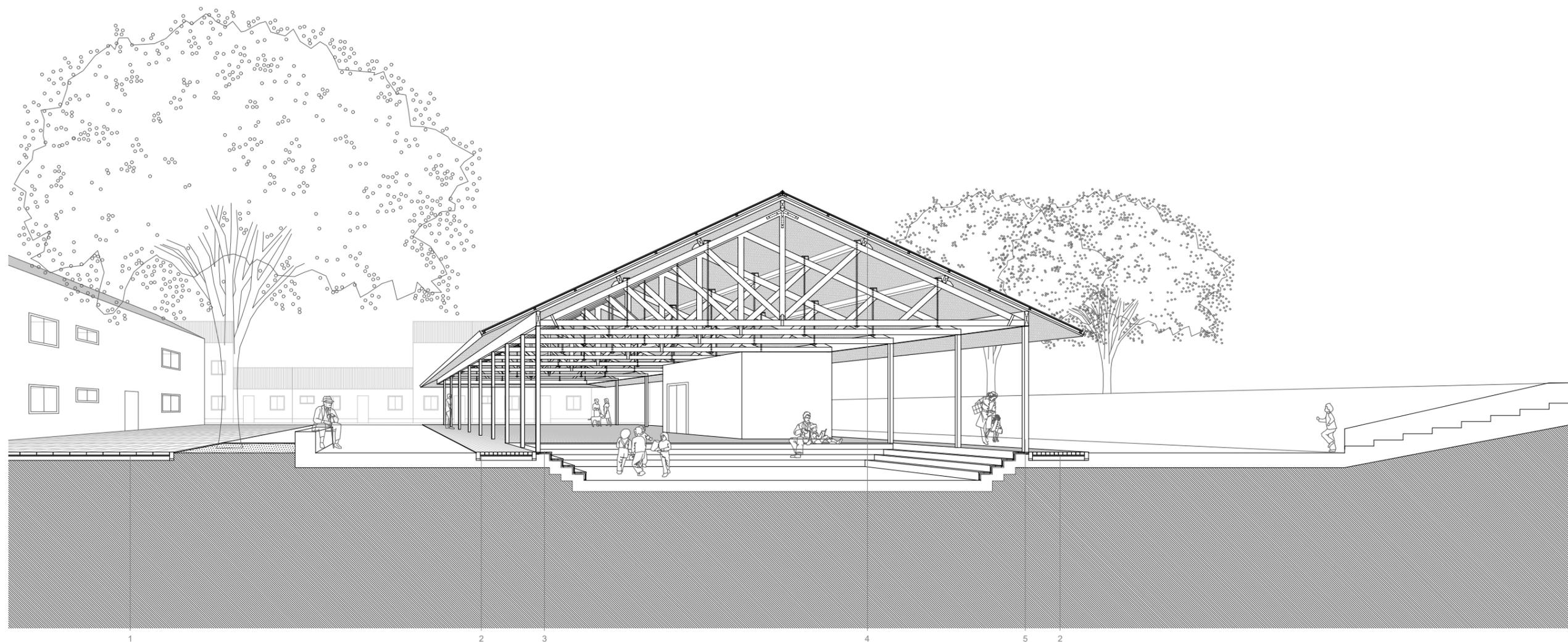
3. revestimento das escadas existentes

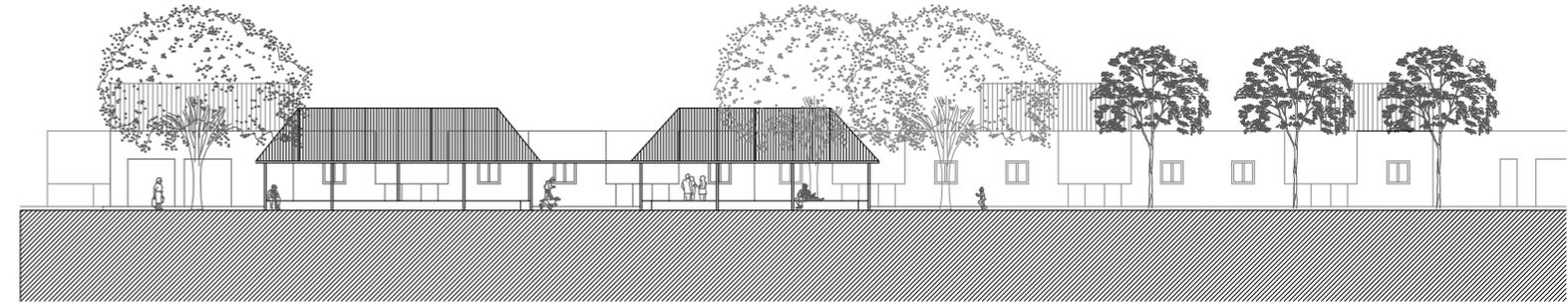
deck cerâmico 750x230x50mm

4. cobertura (estrutura em asnas mistas de madeira):

painel ondulado de policarbonado de dupla parede 40mm
painel metálico ondulado tipo R-U com perfuração circular 7mm
estrado de ripas de madeira 50x50mm
vara de madeira 80x60mm
madre de madeira 180x100mm

5. tubo de aço secção quadrada 10x10x1,5mm





Alçado e Planta de piso da intervenção 5: Bairro Soeiro Pereira Gomes - Cobertura Polivalente

escala 1/400

1. espaço polivalente 130m² | 2. espaço de passagem 23m² | 3. espaço polivalente 122m²

Corte construtivo da intervenção 5: Bairro Soeiro Pereira Gomes - Cobertura Polivalente

escala 1/100

1. pavimento:

paver cerâmico 200x100x50mm
camada de areia
membrana geotêxtil
enrocamento de brita
terreno regularizado e compactado

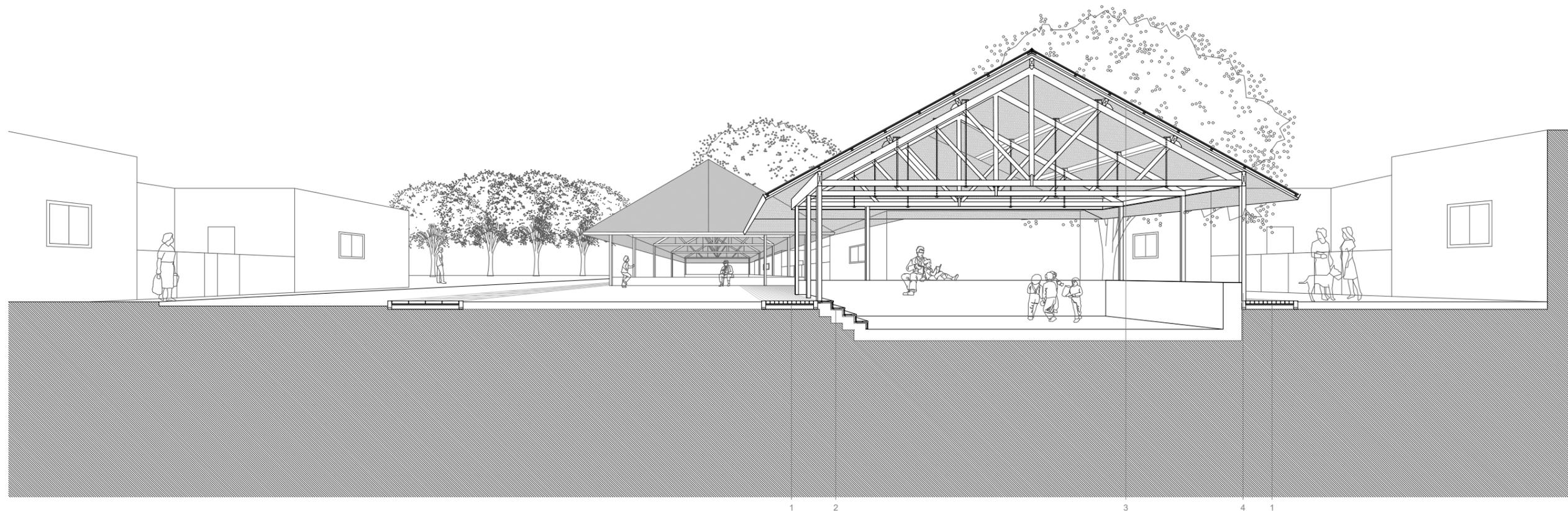
2. revestimento das escadas existentes

deck cerâmico 750x230x50mm

3. cobertura (estrutura em asnas mistas de madeira):

painel ondulado de policarbonado de dupla parede
40mm
painel metálico ondulado tipo R-U com perfuração
circular 7mm
estrado de ripas de madeira 50x50mm
vara de madeira 80x60mm
madre de madeira 180x100mm

4. tubo de aço secção quadrada 10x10x1,5mm



b. Enunciado de Projeto Final de Arquitetura

If your only solution is a building..., then you are very limited. But if you are offering the world the ability to make sense, and to make connections, to work in a relational manner, then that's where you can be much more productive.

Jeremy Till, 2014¹

I am convinced that architectural and planning schools throughout the world should give much greater emphasis to the cultivation of landscape as an overarching system rather than concentrating exclusively, as they have tended to do up to now, on the design of buildings as free-standing objects

Kenneth Frampton, 2000²

Acupuntura Urbana

Kenneth Frampton afirmava em *Seven points for the millennium: an untimely manifesto*³ que com a queda do projeto Socialista no final do século XX, ao qual a arquitetura moderna estava tão “*intimamente ligada*”, a profissão teria que procurar novas formas profícuas de envolvimento com a sociedade. Uma das possibilidades seria encarar a sociedade no seu todo como um cliente, e para tal, dizia que a educação de base em “*design ambiental*” de toda a sociedade seria um fator determinante para a melhorar o entendimento dos próprios clientes, da sociedade, uma vez que a qualidade em Arquitetura é impraticável sem bons encomendadores. Ao mesmo tempo e em complemento, a própria profissão teria que rever os seus objetivos pedagógicos, equilibrando o treino profissional com uma responsabilidade ética e cultural, que seria proporcionada por uma formação mais abrangente dos futuros arquitetos.

Frampton argumenta que a globalização, a tomada de consciência dos limites e da fragilidade do ambiente e dos recursos naturais, soçobrara o tecno-otimismo do século XX, cuja excessiva preponderância técnico-científica conduziu a uma disrupção entre civilização e cultura, levando ao crescimento desmesurado e

1 Jeremy Till, 2014, entrevista a Leonardo Novelo, Dezembro de 2014, em Central Saint Martins, sobre a exposição “Scarcity” Room, Londres, FAD (Fostering Arts and Design), publicado em Xarxes d’Opinió. Disponível em <http://inputmap.com/inputmap-central-saint-martins-conversation-with-jeremy-till/>.

2 Kenneth Frampton, Seven Points for the new Millenium: an untimely manifesto, The Journal of Architecture, Volume 5, Springer, 2000, p27.

3 Kenneth Frampton (2000). Seven points for the millennium: an untimely manifesto, The Journal of Architecture, Volume 5, Springer.

desequilibrado dos aglomerados urbanos, com enormes implicações ambientais, ao ponto de se extinguir a própria capacidade de regeneração do ambiente construído pela edificação,⁴ surgindo agora a intervenção na estrutura ecológica e na paisagem, como estratégia redentora e como fator mais premente do que a edificação enquanto “*objeto isolado*”.⁵

Consequentemente, mais do que uma Arquitetura como acontecimento expressivo, o novo milénio necessita uma Arquitetura simultaneamente “*contexto de cultura*” e “*expressão cultural em si mesma*”, pelo que uma abordagem acriticamente expressiva seria um ato redutor do “*carácter sociocultural*” da Arquitetura, que deverá antes ser, num contexto de crise política, económica e social, orientado não como um “*produto-forma*” mas cada vez mais como um “*lugar-forma*”, circunstancia participante de um processo contínuo de regeneração, uma autêntica “*acupuntura urbana*”.⁶

Estas ideias, de lugar-forma e de exaustão ideológica, económica e edificada, patente nos países do Ocidente capitalista e industrializado, seria, como sabemos, acentuada pela Grande Depressão de 2008. Em paralelo, aspetos como a humanização da tecnologia, a utilização dos recursos da informatização para a participação social, prometem novos modelos de planeamento e de edificação, onde o projeto de arquitetura será porventura mais discutido e as decisões de programa e projeto mais participadas. No conjunto, estes temas transversais da contemporaneidade estarão presentes nos exercícios que agora lançamos.

⁴ Cf. Kenneth Frampton (2000:24): “*meio século atrás a relação dialéctica entre civilização e cultura ainda admitia a possibilidade de manter algum controlo sobre a forma e o significado do tecido urbano. Os últimos trinta anos transformaram radicalmente os centros metropolitanos do mundo desenvolvido*” (tradução livre).

⁵ Cf. Kenneth Frampton (2000:27): “*estou convencido que as escolas de Arquitetura e planeamento em todo o mundo deveriam dar uma muito maior ênfase à cultura da paisagem como um sistema de referência em vez de se concentrarem exclusivamente, como têm tido tendência a fazer até agora, ao desenho de edifícios como objetos autónomos*”, (tradução livre).

⁶ Kenneth Frampton (2000:27-28), (tradução livre).

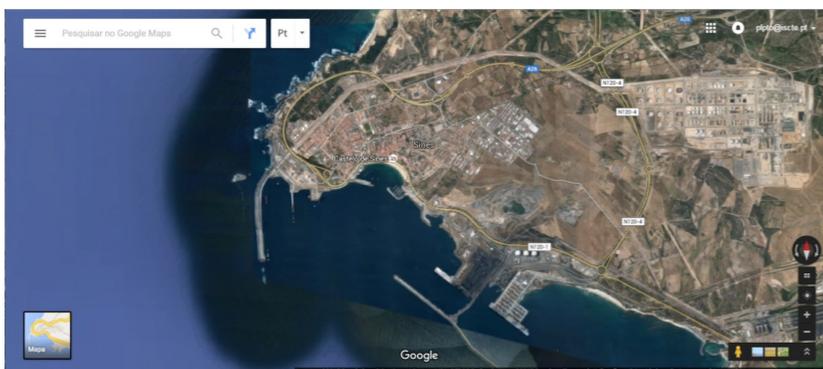


Imagem: Google Maps, Sines

Trienal de Lisboa

A unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura do 2º ciclo do MIA no ano letivo 2015/2016 acompanhará o desafio do “*Concurso Universidades*”, integrado na programação da Trienal de Arquitetura de Lisboa 2016, com o tema “*Sines - Indústria e Estrutura Portuária*”.

O programa do concurso afirma que os Objetivos do exercício proposto se coloca no “*limite entre a transformação poética e a experiência política e com um primeiro objetivo: conservar e multiplicar a potência produtiva do lugar*”⁷, organizando-se em quatro tópicos: Escala; Produção; Limites e Tempo. Da leitura destes tópicos, realçamos o contraste entre as realidades infraestruturais supralocais e a condição habitacional, ambiental e cultural do local. Conduzidos pela potência da atividade portuária, na definição do Tema, o programa lança uma série de questões iniciais, que se centram sobretudo no impacto extraordinário das infraestruturas logísticas, nas relações de fronteira e limite entre cidade e espaços industriais e na possibilidade, quer de partilha de espaços e usos, quer nas possibilidades de integrar a arquitetura nestes locais fortemente funcionais.⁸

⁷ Concurso Prémio Universidades – Trienal de Lisboa, *Programa Prévio do Concurso*, Objetivos.

⁸ Concurso Prémio Universidades – Trienal de Lisboa, *Programa Prévio do Concurso*, Tema. Designadamente: “*Como é que a arquitetura pode intervir na mecânica produtiva das infraestruturas logísticas? Como, no contexto de infraestruturas de grande peso, pode pensar nos usos partilhados e nos espaços limite ou fronteira entre cidade e linha costeira?*”

Referindo-se ao Lugar, o programa destaca os blocos do Porto Industrial e Logístico; da Refinaria Sines-Galp; a Central Termoelétrica e o Centro Urbano de Sines. Para além das especificidades de cada um destes polos, o programa prévio realça que se resumem “*na complementaridade de produção das diferentes estruturas, a compatibilização e partilha de novos programas, a transformação de espaços e a apropriação de terrenos expectantes*”. Solicitando uma visão “*estratégica*”, o programa avança que o lugar de intervenção “*deverá ser encontrado nos espaços de contacto entre a cidade e as diversas áreas do porto. A frente de praia, a lota e o fundeadouro de barcos de pesca, o espaço em torno dos limites da pedreira, a central termoelétrica em frente à praia de S. Torpes, são espaços e programas que se encontram entre as estruturas existentes e a linha de costa, com grande potencial de transformação. Estes espaços podem vir a estabelecer outras possibilidades de relação com espaços de investigação e turismo dentro das 12 milhas náuticas disponíveis ao largo da costa e olhares específicos até hoje não considerados*”.⁹

Programa e Objetivos de PFA

Adotando o tema dos limites entre cidade e porto e indústria, o programa de trabalho proposto desliza no entanto, a partir dos extremos norte e sul da frente de mar da cidade, para a faixa em arco, de limite da cidade de Sines para com o sistema infraestrutural e industrial do lado terra, já em pleno planalto, almejando o desenvolvimento de uma visão estratégica, de consolidação das franjas e dos elos incompletos da cidade, numa faixa larga de território, delimitado exteriormente, através do conjunto semicircular das rodovias A26 e N120-4 e N120-1. Este longo corredor semicircular é encarado como uma oportunidade de agir sobre um conjunto de situações que se pensa poderão melhorar a atratividade urbana do planalto de Sines, simultaneamente mediando as relações de escala e de ambientes entre a realidade urbana e paisagística local e a sucessão de infraestruturas industriais circundantes.

Propõem-se que o eixo programático catalisador da transformação desta faixa de território seja o projeto de um corredor infraestrutural urbano, que instale em

Como confrontar, ocupar e transformar espaços administrados por critérios funcionais estritos, condicionados por razões de segurança e administrados por princípios de máxima rentabilidade?”.

⁹ Concurso Prémio Universidades – Trienal de Lisboa, *Programa Prévio do Concurso*, Lugar.

paralelo ao sistema rodoviário e ao sistemas de pipelines, um sistema de espaços públicos de circulação eminentemente pedonal e clicável, cuja implantação, desenvolvimento e entrecruzamento com os sistemas urbano e de paisagem existentes, incluindo os eixos radiais de interligação do centro de Sines com o território circundante, poderá ter a potencialidade de constituir momentos de reorganização dos espaços edificados existentes, conferindo uma nova urbanidade e pontuando, no momento e numa perspetiva de desenvolvimento, o sistema urbano, dando-lhe uma visão futuro, de conjunto, em forma de projeto de cidade e de arquitetura.



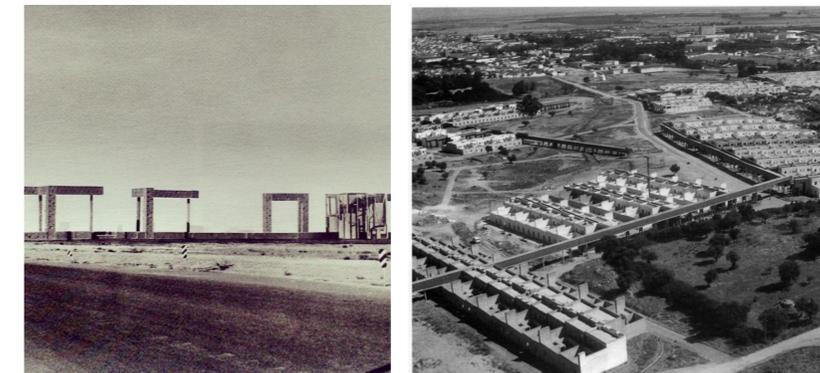
Imagem: Ecosistemas Urbanos 2008-2009, Reformulação da zona industrial de Avilés, numa tentativa de amenização do impacto ambiental da industria.

O estabelecimento desta cintura-corredor de espaço público semi-edificado, abre ainda para um conjunto de questões conexas ao atual momento cultural, económico e político, frente às quais deverá a arquitetura se posicionar e responder criticamente, na forma de projetos que correspondem a hipóteses de um futuro melhor para as comunidades. Referimo-nos a questões como o que fazer com áreas urbanas incompletas e fragmentadas, num momento de forte retração económica e populacional e de como aumentar a atratividade e revalorizar áreas degradadas, com escassos recursos públicos. Ao mesmo tempo, face à disponibilidade de terrenos e à necessidade de completar espaços urbanos, pergunta-se que usos alternativos se

podem convocar. Para além dos novos espaços de lazer, associados à atividade física, ao desporto e ao passeio, espera-se que os exercícios especulem sobre novas possibilidades produtivas, edificadas e paisagísticas para a cidade, seja pela produção de energia e de alimentos limpos, seja pela amenização ambiental da pegada urbanística tradicional, seja pela redefinição dos lotes e das tipologias edificadas tradicionais. Nos extremos norte e sul, este sistema poderá aproximar-se e tocar a frente marítima, unindo-se ao sistema de espaços indicados no programa da Trienal, designadamente nas proximidades da pedreira e da zona portuária exclusiva adjacente, culminando na marginal de mar de Sines, junto ao antigo café do Clube Naval de Sines.

Associado a estas questões transversais ao momento atual, a Trienal propõem usos a desenvolver, como sejam catividades e alojamento turístico e instalações ligadas ao ensino e à investigação sobre o mar e sobre as atividades industriais conexas. De referir ainda a necessidade de se cruzar e confrontar estes programas académicos com as estratégias e com os instrumentos de planeamento locais, nomeadamente com o Plano Diretor Municipal de Sines e o Plano de Urbanização de Sines.

Desta forma o âmbito dos trabalhos oscilará entre o Projeto Urbano e o Projeto de Arquitetura, incidindo na relação da cidade de Sines com a sua envolvente industrial e paisagística, considerando a tradicionalmente trabalhada frente marítima, mas sobretudo incidindo na menos visível e menos intervencionada frente terrestre.



Imagens: (1) Steven Holl, barras de contenção espacial em Phoenix, assinalando um limite entre as áreas urbanizadas e as áreas naturais; (2) Álvaro Siza, o vazio, o existente e o aqueduto como elementos de estrutura urbana na Malagueira, Évora, permitindo um modelo radial de expansão que admite espaços naturais intersticiais, no limite entre o urbano e o natural.



Imagens: (1) MVRDV, transformação da paisagem rural, uma tentativa de urbanização-rural, nas franjas de núcleos urbanos mais densificados, em Almere Oosterwold Master Plan, Almere, Holanda (2) APRT e KHR Arkitekter, monorail como elemento de estrutura urbana, em Orestad Masterplan, Copenhaga. Neste caso um eixo infraestrutural permite a redefinição dos limites da cidade.

Aceitando que a reestruturação do território e da própria arquitetura é uma construção social e económica, procura-se que o trabalho de projeto tenha a dimensão crítica, cultural e material, destes fatores estruturantes, que correspondem às lógicas produtivas de transformação do território e da arquitetura. Seja para as subverter ou seduzir, seja reduzindo-as ou ampliando-as seletivamente, seja com uma outra estratégia e um outro grau de relação crítica, o projeto terá como objetivo construir uma hipótese de futuro por que valha a pena trabalhar.

Faseamento

O trabalho será anual, alicerçado num único exercício de fundo, organizado em fases sequenciais de projeto. Para cada fase será entregue um enunciado parcial, indicando o tipo e qualidade de trabalho a ser desenvolvido, assim como eventuais subfases e respetivos prazos de elaboração. Serão igualmente definidos objetivos de aprendizagem e critérios de avaliação. O faseamento corresponderá à seguinte organização:

Fase A: Análise, Programas e Estratégias Urbanas e Arquitetónicas

Trabalho de Grupo: Evolução e Estrutura Urbana e Fundiária; Evolução e Estrutura Portuária e Industrial; Evolução e Estrutura Natural Biofísica; Evolução e Estrutura Social e Económica; Iconografia e Tipologia Edificada.

Produção: Caderno em formato A4 e Apresentação multimédia

Datas de Referência: Entrega a 8 de Outubro

Avaliação: Profundidade e Rigor dos elementos produzidos, qualidade da apresentação, intensidade da participação.

Fase B: Plano de Estrutura Urbana

Trabalho de Grupo: a definir.

Produção: a definir, em redor das escalas 1:5000; 1:2000; 1:1000; 1:500.

Datas de Referência: a definir.

Avaliação: a definir.

Fase C: Projeto Urbano e Espaço Público

Trabalho de Grupo: a definir.

Produção: a definir, em redor das escalas 1:1000; 1:500; 1:200; 1:50; 1:20.

Datas de Referência: a definir.

Avaliação: a definir.

Fase D: Projeto de Arquitetura

Trabalho de Grupo e Individual: a definir.

Produção: a definir, em redor das escalas 1:200; 1:100; 1:50; 1:20; 1:2.

Datas de Referência: a definir.

Avaliação: a definir.

Cronograma de Referência

| Fase | Set | Out | Nov | Dez | Jan | Fev | Mar | Abr | Maio |
|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|
| A | | | | | | | | | |
| B | | | | | | | | | |
| C | | | | | | | | | |
| D | | | | | | | | | |

● Produção

○ Revisão

**c. Enunciado do 'Concurso Prémio Universidades' da 4ª Edição da
Trienal de Arquitetura Millennium BCP 2016**

O Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium bcp, integrado na programação da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2016, lança um exercício de reflexão a todas as Escolas de Arquitectura do país.

O concurso desenvolver-se-á ao longo do primeiro Semestre do ano lectivo 2015-2016. Um júri seleccionará propostas de cada uma das Escolas participantes de modo a constituir o corpo de uma exposição de trabalhos de projecto de arquitectura que também se pretende representativa do posicionamento do ensino da Arquitectura em Portugal. Está prevista a atribuição de um Prémio e 3 Menções Honrosas.

SINES - NÚCLEO URBANO, INDÚSTRIA E ESTRUTURA PORTUÁRIA

TEMA

O conjunto industrial de Sines, que inclui porto de pesca e porto comercial, central termoelétrica e refinaria, é um mote para debater o valor sócio-político da indústria e a capacidade da Arquitectura para activar esse potencial latente. O exercício proposto passa por integrar o aproveitamento de recursos existentes, o potencial programático do lugar, e as relações e contextos que superam a escala do próprio território e tempo imediatos, permitindo demonstrar a capacidade transformadora da arquitectura.

Como é que a arquitectura pode intervir na mecânica produtiva das infraestruturas logísticas? Como, num contexto dominado por infraestruturas de grande porte, se pode pensar em usos partilhados e nos espaços de fronteira entre cidade e linha de costa? Como enfrentar, ocupar e transformar espaços administrados por critérios estritamente funcionais, condicionados por razões de segurança e administrados por princípios de máxima rentabilidade? Pretende-se

uma reflexão fundada no rigor, estimulada pela incerteza e enquadrada num futuro que abarque cenários múltiplos e, porque não, extremos.

Sines é um lugar revelador de imaginários paradoxais: por um lado, o aparato industrial constitui uma limitação a novas formas de ocupação ou funções; por outro, abre um enorme potencial de intervenção. Essa condição abre espaço para uma acção crítica através do projecto de arquitectura que permita a definição de novos programas, a incorporação e reconfiguração do(s) tempo(s) de uso do lugar, a consideração da resiliência dos programas e espaços de produção e da complementaridade entre as funções do habitar e do produzir.

A amplitude do lugar, a selecção de temas e a abertura programática são pontos de partida comuns, cabendo a, cada escola, conjunto de docentes e alunos, desenvolver e aprofundar o problema em direcções consentâneas com a sua própria cultura de projecto.

PORTO INDUSTRIAL E LOGÍSTICO (APS)

LUGAR

Sines constituiu opção para a construção de um grande porto industrial por reunir condições fundamentais, como um porto de águas profundas com condições batimétricas de costa - para ancoragem e *transshipment* - e plataforma territorial - *interland* - capaz de receber toda a cadeia de indústrias decorrentes da sua actividade. A APS - Administração dos Portos de Sines e Algarve SA é parceiro e concorrente dos Portos de Valência, Algeciras e Tânger/Med, no trânsito de cargueiros que navegam no Mediterrâneo e Atlântico. O terminal de contentores (em expansão) e o porto de graneis líquidos, com 5 terminais de grande

porte (com possível expansão até 10), são os principais motores desta indústria, uma complementaridade que apresenta condições óptimas de flexibilidade operacional para um conjunto alargado de empresas logísticas. O espaço físico do porto agrega um conjunto de concessões e licenças de um grande número de empresas de diversas nacionalidades. Os seus limites percorrem e conformam a linha de costa, expandem-se por 12 milhas no interior do mar e incorporam, no *interland*, alguns espaços complementares fora da sua vedação, como é o caso da exploração da pedreira.

GALP ENERGIA - REFINARIA SINES

É alimentada de matéria-prima, o crude, através do porto, e concentra uma série de processos de refinação que resultam num conjunto de produtos que se distribuem pelo território nacional. Essa distribuição é assegurada através de um *pipeline* directo para a plataforma

logística de Aveiras e outra rede de *pipelines* de comunicação com o porto, para expedição marítima. A eficiência energética, a extracção de subprodutos e a qualidade ambiental e de segurança, constituem os actuais esforços desta indústria.

CENTRAL TERMOELÉCTRICA DE SINES - EDP

A implantação desta unidade industrial junto à costa serve o propósito de refrigeração, recurso fundamental no processo de produção de energia, que se compõe de aquecimentos e arrefecimentos constantes, na cadeia de transformação e produção de energia. Após 30 anos em

produção, o conjunto desta infra-estrutura encontra-se em fim de vida técnica. É possível que o seu funcionamento seja prolongado por mais alguns anos, mas a sua desactivação será consumada num futuro próximo.

SINES: NÚCLEO URBANO

A evolução da cidade consolidou a relação marítima do grande planalto de assentamento com o limite escarpado no contacto com a linha de costa. Na marginal concentram-se o porto náutico de recreio, o porto de pesca e a praia da cidade, episódios de uma extensa frente de contacto com o grande porto industrial de Sines.

Entre cada uma destas grandes estruturas existem um conjunto de espaços de ligação destinados a infra-estruturas de distribuição de gases, líquidos e gasosos, matérias-primas e matérias transformadas que se efectua através de redes viárias, ferroviárias e condutas ocultas ou a céu aberto. Estas ligações produzem espaços disponíveis para acolher outras funções ou características. São espaços que evidenciam as relações de dependência entre os distintos lugares, processos de produção e logística que, devendo ser entendidos e salvaguardados, abrem espaço para especulação.

O desafio desta reflexão resume-se na complementaridade de produção das diferentes estruturas, a compatibilização

e a partilha de novos programas, a transformação de espaços e a apropriação de terrenos expectantes. O fundamento das soluções arquitectónicas propostas deve de alguma forma enquadrar-se num projecto estratégico capaz de definir em simultâneo, uma ideia de processo e um compromisso formal com o lugar, definindo programa e escala de intervenção.

O lugar para a intervenção deverá ser encontrado nos espaços de contacto entre a cidade e as diversas áreas do porto. A frente de praia, a lota e clube náutico, o espaço da antiga lota e fundeadouro de barcos de pesca, o espaço em torno dos limites da pedreira, a central termoelectrica em frente à praia de São Torpes, são espaços e programas que se encontram entre as estruturas existentes e a linha de costa, com grande potencial de transformação. Estes espaços podem vir a estabelecer outras possibilidades de relação com espaços de investigação e turismo dentro das 12 milhas náuticas disponíveis ao largo da costa e olhares específicos até hoje não considerados.

O exercício coloca-se no limite entre a transformação poética e a experiência política. O seu objectivo principal é equacionar a potência produtiva do lugar. Quatro tópicos organizam e questionam objetivos complementares:

ESCALA

A importância da escala na estratégia de intervenção. Neste território coabitam diversas estruturas, entre máquinas de transporte, circulação ferroviária, rodoviária e pedonal, praia, pesca e extração mineral, com diferentes escalas. São várias dimensões, distâncias e velocidades associadas a programas e recursos de produção, de logística e de lazer: do turismo, do espaço do mar e além-mar, dos recursos energéticos e infra-estruturais. A que escala deve ser abordado este lugar?

PRODUÇÃO

Superar o estigma dos espaços de produção para evidenciar a possibilidade de formas de habitar complexas e integradas. Como compatibilizar e aproveitar a proximidade entre a logística de escala global e uma economia de pequena escala cada vez mais emergente e necessária para o desenvolvimento local continuado?

LIMITES

A espessura da linha de costa e os espaços de contacto terrestre-marítimo: artificial e constantes mutações naturais. É possível observar, ao longo da fronteira entre a cidade e a infra-estrutura do porto, um conjunto de espaços cuja relação pode ser intensificada, apelando à implementação de novas estruturas que sirvam de apoio a programas de uso público. São limites impostos por vedações e controlos de segurança, de aparência ambígua e usos indefinidos.

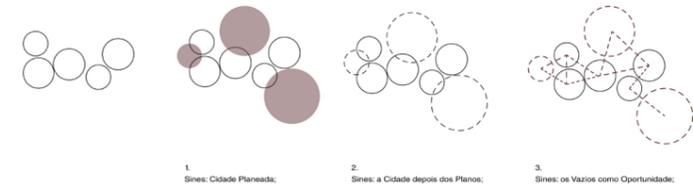
TEMPO

Absorver o passado e especular sobre um futuro incerto, abandonando as contingências deste presente. As vanguardas históricas do início do século XX questionaram ideias e programas que alimentaram as discussões do seu tempo. Algumas destas ideias são agora retomadas em vários contextos. Muitas vezes, o pragmatismo das exigências do quotidiano torna os arquitectos reféns do seu próprio tempo. Apesar dessa contingência, nunca os arquitectos deixaram de pensar no tempo longo como horizonte para as suas transformações mais experimentais.

d. Painéis de grupo submetidos ao concurso

ACUPUNTURA URBANA

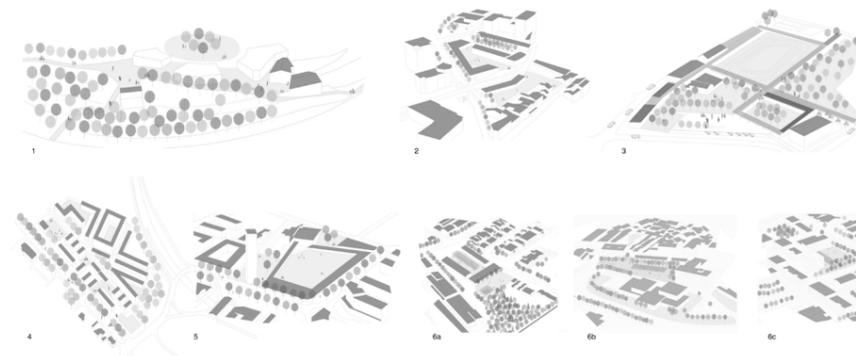
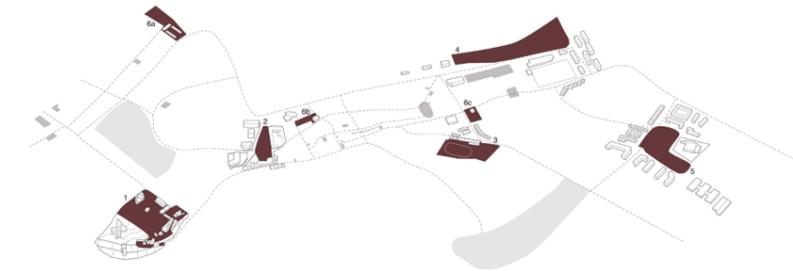
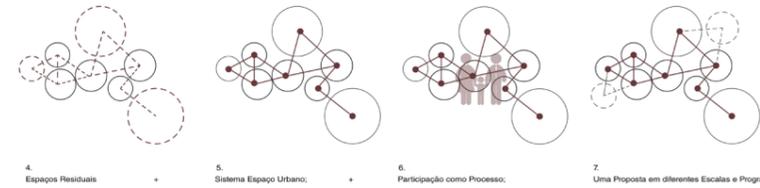
dos espaços residuais à constelação de lugares-forma



Agir agora porque existe o desejo a um espaço com qualidades imediatas que reflitam como produto social a melhor possibilidade de vida comum. Agir de uma forma concreta sobre espaços expectantes, subaproveitados ou à espera da concretização planeada. Agir com consciência do tempo e da imperfeição dos meios, procurando "lugares-forma" e não tanto "produtos-forma". Agir através de "acupunturas" ativadoras de circunstâncias reais para pessoas reais em que a estrutura urbana não será uma "outra" estrutura distópica, mas sim a constituída pela própria cidade. Agir seguindo uma metodologia que suporte várias soluções, em vários lugares e com várias escalas, onde a Arquitectura se constitui como contraponto formal a uma ambição social.



Levantamento dos vazios da cidade de Sines e propostas de intervenção sobre os mesmos



Propostas:
1. Indivíduo: Centro do Mar; 2. Conexões Morfológicas: Museu de Sines; 3. Limite Difuso: Parque Desportivo Municipal João Martins; 4. A vida no Bairro: Centro Comunitário e Habitação; 5. Do fragmento à humanização do Lugar: Complexo de Piscinas e Habitação; 6. Dos Espaços Intersticiais aos Lugares-Casa: a. AFUJ Zona da Floresta (Jardim, Cafeteria, Galeria); b. Mercado Municipal (extensão do Mercado); c. Lote Palácio Pitaval (Parque Infantil, Esplanada, Jardim)



Planta síntese com destaque sobre os núcleos de intervenção e eixos principais da proposta global

